

O MEMORIAL DE CLARA VAUGHAN

Lady Lovat

Trad. Daniel Mendes

NOTA DE DIREITOS E DISPONIBILIDADE

© 2026 Daniel Mendes de Aguiar da Silva. Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra derivada (tradução e aparato crítico) protegida pela Lei de Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98). A reprodução, distribuição ou comercialização não autorizada deste texto, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais.

Texto integral disponível para aquisição de direitos e publicação.

Contato para propostas editoriais: passarinhocolorido@gmail.com

Plataforma oficial: www.passarinhocoloridolivros.com

Piatã, Chapada Diamantina, Bahia, 2026.

Obra registrada na Câmara Brasileira do Livro (CBL).

Hash do documento: 69e0083fa2589746be2857c0cda7ba05356420a07a4ce202c237a6da3c7970d6

COMENTÁRIOS INTRODUTÓRIOS

Alice Mary Weld-Blundell, ou Alice Mary Fraser Weld-Blundell, é o nome da autora de *Clare Vaughan: A memoir*, porém assina com seu nome de Baronesa Lady Lovat. Ela era esposa do Barão Simon Fraser, o 13º Lord Lovat.

Os Weld-Blundells, os Frasers de Lovat e os Vaughans são famílias históricas na Inglaterra, aristocráticas, poderosos donos de terras e também ligados à resistência católica há alguns séculos. Os Frasers de Lovat, particularmente, têm em sua família personagens importantes, como o Simon Fraser, 11º Lord Lovat, que foi decapitado por traição na Torre de Londres em 1746, e o também Simon Fraser, 15º Lord Lovat, herói na Segunda Guerra Mundial, segundo Winston Churchill, “o homem mais bonito a já ter degolado uma garganta.”

Maria Clara nasceu em um lugar chamado *Courtfield*, em Herefordshire, propriedade dos Vaughans, uma família de recusantes que gerou uma quantidade imensa de clérigos e freiras. O irmão mais velho de Clara, Herbert Vaughan, foi Arcebispo em Westminster após a morte de Henry Edward Manning, o prelado que escreveu o prefácio do *Memorial de Clara Vaughan*.

A melhor amiga de Clara, cujo nome Lady Lovat não nos dá, era certamente uma Weld-Blundell, e convive com Clara quando esta passa um tempo em sua casa, em Ince-Blundell.

Não quero me alongar no assunto da aristocracia recusante britânica, apenas apresentar rapidamente o cenário para que o leitor possa ler o livro e tirar suas próprias conclusões.

O mais surpreendente para nós brasileiros – afinal que interesse teria para nós esta novela? –, é que o filho de Alice Mary, a Baronesa Lady Lovat, é o 14º Lord Lovat, aquele que na década de 20 veio ao Brasil e colonizou 6% do território do Paraná, comprando meio milhão de hectares e fundando Londrina (a história explica o nome da cidade).

Clara Vaughan, porém, morreu aos 21 anos de tuberculose em um convento de Clarissas na França, na cidade de Amiens, após fazer votos de pobreza e virgindade perpétua.

O *Memorial de Clara Vaughan* é um vórtex de mistério e revelação sobre teologia, psicologia, História, poder e santidade. Clara não é uma santa canonizada, mas sua morte e sua entrega me fizeram lembrar da morte e da entrega do novíssimo Santo Carlo Acutis, que morreu muito jovem, repentinamente e consciente de sua partida.

Devo advertir o leitor também para que ele se prepare e procure levar a leitura sem muitos julgamentos preconcebidos, porque a teologia do sacrifício e da dor, e a mentalidade de martírio e morte que encontramos na vida de Clara Vaughan são talvez um pouco assustadoras para o católico moderno, como também para a nossa sociedade contemporânea como um todo. Esta história aconteceu no séc. XIX, no peculiar contexto da Inglaterra Vitoriana. Além disso, devo deixar claro que este é um trabalho de literatura, uma tradução, e não um trabalho devocional ou de evangelização (embora, no recôndito íntimo de meu coração, seja).

CONTEÚDO

Primeiras Alegrias e Tristezas

Amizades de Clara

Em Ince Blundell

Progresso Espiritual

Correspondências da Juventude

Vocação de Clara

Em Amiens

Vida em Comunidade

Derradeira Doença e Morte

Apêndice

PREFÁCIO

Quando a autora deste belo relato me pediu para acrescentar algumas palavras a título de prefácio, não pude recusar, mas mal sabia o que estava prometendo. Nada pode ser acrescentado que não diminua em algo a integridade e a beleza do livro.

A *Vida* da Irmã Maria Clara é verdadeiramente franciscana no amor à pobreza e no amor a Deus. Lê-se como se fosse mais um capítulo de *As Florinhas de São Francisco*, exalando a mesma caridade, alegria e paz no Espírito Santo.

Nem a tristeza nem o sofrimento – embora Maria Clara os tenha provado em abundância – jamais obscureceram sua alegria. Esta tinha origem no amor imutável de seu Divino Mestre e em seu anseio de vê-Lo em breve no repouso eterno.

Este livro é para o mundo um testemunho da santidade da única Igreja de Jesus Cristo, pois em nenhum outro tronco crescem tais frutos. É uma amostra dos lares da Inglaterra católica, imperecíveis ao longo de séculos de perseguições legais e do orgulhoso desprezo do mundo que os ignorava. É também um modelo pelo qual se pode medir a verdadeira vida cristã e a elevada aspiração da fé católica. Assim, é para muitos lares e corações de hoje em dia uma repreensão como também uma voz cheia de encorajamento e força, que diz para todos nós: “Subam até aqui.”

O que Santa Inês foi para homens e mulheres de Roma, Maria Clara pode ser para nós nestes dias de frouxidão na Inglaterra.

HENRY EDWARD,

Cardeal Arcebispo

Westminster, 7 de agosto de 1887

INTRODUÇÃO

Deus concedeu a alguns de nós, uma vez na vida, conhecer um de Seus santos ocultos, e embora tenhamos passado inconscientes, ou apenas meio conscientes, do significado desse dom – a vida é tão agitada que nem sempre podemos parar para aprender as lições que ela nos traz –, chega o momento em que paramos e descobrimos o que Ele nos deu – e o que porventura nos tirou.

É sobre uma dessas almas escolhidas, conhecida apenas por alguns privilegiados, que o seguinte esboço foi escrito. Para o pequeno círculo em que vivia, Clara Vaughan foi, em verdade, o exemplo radiante e vivo, tal como é agora a sua memória mais querida. Muitos, aos olhos do mundo, fizeram coisas maiores para Deus. Esforçaram-se, lutaram e conquistaram batalhas mais árduas, e encontraram espaço mais amplo para suas atividades. O dela era muito pequeno, ela mal era conhecida fora do círculo imediato de seus amigos e parentes, e ultimamente pelas Clarissas em Amiens. Do mundo exterior ela nada conhecia. Para ela havia apenas um objeto de interesse, um modelo a ser imitado – Jesus Cristo. Quem Ele amou e veio salvar ela também amou – os pecadores, e porque Ele “não tinha nada a ver com o mundo”, mesmo sem saber disso ela o odiou, e nisso está contida a lição de sua vida. Simples e despretensiosa como era em outros aspectos, ela pregava com uma voz que jamais vacilou a grande verdade que ninguém pode aprender cedo ou bem demais: que em toda a criação de Deus existe apenas um único objeto de amor, que é Ele mesmo. Só é digno de nossos corações Aquele que os criou, abaixo e na raiz de todas as outras coisas sempre há “*le*

vide et le néant”, e ninguém poderia entrar em contato com Clara sem aprender algo sobre isso. Ela *constrangia* as pessoas a amarem mais a Deus, fazia-as amar as coisas que ela amava, como a mortificação e a abnegação, porque ela mesma via nessas coisas apenas meios cujo atrativo, irresistível aos seus olhos, consistia justamente em torná-la semelhante àquele “Que tomou sobre Si todos os nossos pecados e por cujas chagas somos curados.”

Ela não media o seu amor. Era de sua própria natureza amar as coisas belas: a natureza, a música e, acima de tudo, a poesia. Como tais coisas não podiam satisfazer sua alma sedenta, ela O amou acima de todas elas. Assim como Ele chorou com Marta e Maria, alegrou-se em Caná e festejou com Zaqueu, ela também se entregava inteiramente às tristezas, alegrias e provações daqueles com quem convivia, e tornava-se “tudo para todos” a fim de ganhar almas para Deus. Esta sua característica se mostra mais proeminentemente em suas cartas, e é seu maior encanto. Não há busca por efeito, e sobretudo nenhuma tentativa de pregar, apenas o mais terno interesse por todas as preocupações das pessoas para quem ela escreve e a mais sincera compaixão por seus problemas e alegrias.

Contudo, em meio a tudo isso, e a tudo se misturando, podemos sempre detectar a presença do que se poderia chamar de paixão dominante, a nota fundamental de sua vida: “Amemos ao Senhor nosso Deus com todo o nosso coração, com toda a nossa alma e com toda a nossa mente.” Então, quando a verdade por tanto tempo esperada e ansiosamente aguardada amanheceu para ela: “Pois vem a noite, quando ninguém mais pode trabalhar.”

“A morte dos Seus santos é preciosa aos olhos de Deus”, dizem as Escrituras, e se o profeta fala assim da morte dos santos, devemos supor que suas vidas são menos belas e agradáveis a Ele, ou menos edificantes para nós?

Os maometanos, dizem, recolhem cuidadosamente cada pedaço de papel que encontram, para que o nome de Deus não seja escrito nele e pisoteado. Deveríamos nós fazer menos com as vidas dos eleitos, em quem o nome de Deus não está escrito uma vez, mas muitas vezes? Não deveríamos, antes, guardá-las como tesouros, mantendo-as diante de nossos olhos, tentando aprender a lição que elas podem nos ensinar? Pode-se argumentar que Clara Vaughan não era uma santa, apenas uma alma santa como milhares de outras que viveram vidas reclusas no mundo, entraram em conventos e finalmente morreram de forma edificante. Clara Vaughan não é uma santa canonizada, e está longe de ser nossa intenção reivindicar tal título para ela, contudo, ainda assim, não há espaço para todos na Igreja de Deus? Enquanto a maioria busca instrução e edificação nas vidas de Santa Teresa e São Francisco de Sales, Santa Catarina e Santo Agostinho, não poderiam alguns encontrar nestes anais de um, por assim dizer, semelhante – apenas um eu mais puro, mais elevado e melhor – conforto e encorajamento em tempos de dificuldade conforme exigido por suas necessidades espirituais?

Talvez este pequeno esboço possa reviver, em alguns corações que a conheceram, a influência que ela exerceu enquanto esteve na terra, sempre para o bem. E se for despertado no coração de um dos pequeninos de Cristo o menor aumento do amor de Deus, ao lê-lo, não terá sido escrito em vão. Para aqueles que a amaram será também um

consolo pensar que sua obra na terra não terminou, e que “mesmo morta, ela fala”.

CAPÍTULO I

Clara Vaughan nasceu em 1843. Os primeiros anos de sua vida passaram-se na residência de seu pai, às margens do Rio Wye. Suas primeiras lembranças, portanto, eram de cenas de muita beleza natural: o rio que corria ao pé da colina, a dez minutos de distância da casa, os prados, onde na primavera se podia caminhar entre as prímulas com água até os tornozelos, os grandes olmos e tílias –

“Um lar de verão de asas murmurantes.”

A isto se somava todo o encanto das inocentes diversões campestres que faziam da criança do campo um ser diferente de uma criança da cidade: o deleite diário nas agitadas brincadeiras de esconde-esconde entre os arbustos, quando as lições terminavam, a caça aos ninhos de pássaros, a feliz e despreocupada existência que fazia da vida uma festa perpétua que nada exigia do mundo além do direito de existir. Assim foi a vida de Clara desde as primeiras lembranças até os dez anos de idade. Seus anos dourados! Muito tempo depois, quando nada lhe restava além de “memória e esperança”, sua maior alegria era falar daqueles dias maravilhosos de mágica felicidade (assim lhe pareciam em comparação com as provações que se seguiram) e da santa mãe que costumava falar com tanta beleza e entusiasmo sobre Deus e Seu serviço, e sobre a indizível felicidade de deixar tudo para segui-Lo. Dessa querida mãe Clara nunca se cansava de falar. Ela era a figura

central daquele grupo feliz, mais que o mundo inteiro para cada um deles.

Nada que se diga sobre Clara seria completo sem que fosse também mencionada a sua mãe. A bela alma de sua mãe refletia-se na de Clara como num espelho fiel. Todos os gostos e desgostos de Clara – que eram entusiasmados e veementes, conforme a sua natureza diante de todas as coisas – foram aprendidos ao pé de sua mãe. O tempo, que fortalece as coisas fortes e apaga as fracas, nada tirou dessa influência sagrada e poderosa, pelo contrário, reforçou-a, de modo que ela permaneceu sendo a principal de sua vida até o fim.

Como gostaríamos de recordar aqueles dias brilhantes, os mais brilhantes da vida de Clara, a pequena amostra de felicidade sem a qual a vida de ninguém parece, ou talvez não seja, completa. O fim, porém, estava próximo. Quem foi que disse que em todas as coisas terrenas estão gravadas a expressão “tudo passa”? Assim foi com aquele círculo feliz e unido. Já falamos dela – da mãe – e do que ela era para seus filhos. De sua vida oculta com Deus não podemos falar, mas aqueles que a conheciam melhor reconheceram, falando daqueles dias, que ela estava, no verdadeiro sentido da palavra, madura para o Céu. De fato, um amigo íntimo, que teve a oportunidade de conhecer profundamente sua vida espiritual, disse depois que a viu notadamente crescer em santidade e desapego durante os últimos meses de sua vida, e quase se surpreendeu porque não teve nenhum vago temor ou suspeita do que estava por vir. As crianças, porém, naturalmente não sabiam de nada, e o golpe, quando veio, as pegou totalmente desprevenidas.

Era o inverno de 1853. Um dia, disseram-lhes que teriam outro irmão. Mais tarde entraram em revoada – como sempre faziam – no quarto da mãe, felizes e barulhentos como de costume. A Sra. Vaughan, depois de conversar com eles e ouvi-los por um tempo, queixou-se de cansaço. Eles foram mandados embora, e a princípio ela tentou, com uma amiga fiel, que a assistia, rezar Vésperas e Completas. Teria ela chegado ao tocante encerramento do *Nunc Dimittis* após os esforços do dia, e, no *seu* caso, tão surpreendentemente apropriado? Não nos é dito, mas sabemos que depois de algum tempo uma dor cada vez mais forte alertou quem estava com ela de que havia algo a temer, e após breve suspense souberam que toda a esperança havia desaparecido. Poucas horas depois, e rezando fervorosamente até o fim, sua bela alma voltou para casa. Para ela havia um Lar Eterno, mas para alguns, ao menos para os que ela deixou para trás, a Terra jamais poderia ser outra coisa senão um lugar de exílio. O lar deles era com ela. Graças a Deus podemos agora pensar que estão reunidos para sempre na bem-aventurança.

Mal ousamos imaginar a cena que se seguiu naquela casa desolada. O pai, quase fora de si de tanta agonia, entrando na sala de aula onde seus filhos estavam reunidos rezando, dizendo-lhes que não tinham mais a mãe. Assim, repentinamente, foram chamados a praticar a virtude heroica que até então conheciam apenas de nome.

Jean Paul Richter diz que “a vida começa com nosso primeiro ato de abnegação”. Podemos portanto datar uma nova época na vida de Clara a partir deste momento. Até então a vida teria sorrido para ela, mas agora ela teria de aprender algo sobre sua severidade. Não que ela não tivesse tido problemas até aquele momento. Que criança de

temperamento sensível (este era o caso dela, essencialmente, por natureza) não teve algo para suportar muito antes dos dez anos de idade? Que tristezas são mais difíceis de suportar *por um momento* do que as tristezas da infância? Até então ela sempre tinha a certeza de encontrar compreensão, pois tinha a mãe para recorrer. Agora ela teria de andar com as próprias pernas. Veremos por quais meios ela conseguiu fazê-lo. Logo após esta perda devastadora, outra, pequena em comparação à primeira, é verdade, mas de grande consequência para toda a sua vida posterior, ocorreu. Eles não iriam mais morar em Courtfield. Sua casa, com todas as suas belas recordações, se tornaria lembrança. Embora eles assim estivessem livres da dor de ver a mesma rotina de deveres indo e vindo, os mesmos cômodos e lugares, ocupados pelas mesmas pessoas mas vazios para sempre daquela presença amada, esta completa separação do lugar que eles mais amavam no mundo também não foi isenta de angústia. Houve aí, no entanto, um efeito salutar: impediu todo aquele apego mórbido ao aparato externo e às demonstrações de luto, que muitas vezes permanecem muito tempo depois que a alma – por assim dizer – se vai. Desse sentimento, que não tem nenhuma religião, Clara sempre esteve singularmente desprovida. Ela nunca cultivou seu pesar. Este esteve com ela até o último dia de sua vida, como a perda que ela nunca conseguiu superar e o amor que ela nunca conseguiu substituir, mas isso não era por hábito, e sim porque sua mãe era realmente tudo para ela – humanamente falando. Ela guardou esse lugar em seu afeto até o fim. Sua imagem, em vez de esvanecer-se conforme sua vida declinava, pelo contrário – como ela mesma disse uma vez – parecia ganhar força na medida em que o momento do reencontro se

aproximava, assim como podemos notar que os traços de um rosto ausente, quando sabemos que o veremos novamente em breve, parecem subitamente brilhar em nossa recordação, como se o vulto que se aproxima tivesse removido de nossas memórias algo da poeira que o tempo ali acumulou. Este foi o único laço terreno ao qual ela se apegou até o fim, e é por esse motivo que nos detemos nele tão longamente neste capítulo inicial de sua vida, pois era, em sóbria verdade, a nota tônica de sua existência. A *raison d'être* de muita coisa que, de outro modo, poderia parecer exagerada e irreal.

O dia em que eles partiriam de Courtfield estava marcado. Olharam pela última vez para a Capela onde tinham orado pela primeira vez ao lado de sua mãe, para o quarto onde a viram pela última vez, para todos os lugares tornados preciosos por mil lembranças, e com inteligências aguçadas para além de sua idade, pela súbita agonia da tristeza – “*o vale da sombra da morte*” – pelo qual eles haviam passado tão recentemente, eles contemplaram então Courtfield pela última vez. Para Clara, foi a última vez que ela viu sua casa. Ela não viu Courtfield novamente. O desenraizamento estava consumado. Ela nunca mais teria um lar, exceto onde estivesse o Santíssimo Sacramento. Daí em diante este seria seu único lugar de repouso. Aquele que disse que jamais nos deixaria órfãos agora possuía todo o seu coração. Ela já havia, ao fazer sua primeira comunhão, inspirada pela graça de Deus e pelas orações de sua mãe, oferecido-se para ser Sua esposa se Ele a aceitasse. Ele foi até ela, carregando a Cruz, e ela sentiria o que esperava dela Aquele a quem ela chamava de Senhor e Mestre.

O primeiro lugar onde Clara e seus irmãos se estabeleceram, depois de deixarem Courtfield, foi Boulogne, onde permaneceram por quase três anos. Três anos tediosos ocupados pela rotina monótona das tarefas da sala de aula, diversificada apenas pela caminhada diária nas muralhas, ou uma excursão ocasional ao campo vizinho. Clara nunca falou desse período de sua vida sem estremecer. Não havia nada que ela esperasse nem nada que lhe desse esperança. Ela era muito apegada à leitura, mas eles levaram muito poucos livros para o exterior, e era difícil conseguir outros de autores ingleses em um país estrangeiro, de modo que ela não podia nem mesmo recorrer àquele remédio quase infalível contra a tristeza e o tédio. Por livros franceses, especialmente livros de histórias franceses, compostos expressamente para a *ingénue*, ela não tinha muito apreço, e embora tivesse alguns autores favoritos no mundo religioso e mais tarde viesse ter uma admiração ilimitada pelas obras de alguns dos grandes escritores ascéticos franceses, seus gostos naquela época não eram suficientemente desenvolvidos para permitir que ela os apreciasse, ou para encontrar neles aquele estímulo que a teria ajudado a sair daquela existência aborrecida e inexpressiva na qual havia caído.

A família Vaughan, e Clara também, tinha outra fonte de comoção, uma que era comum a toda a Europa. Era a época da Guerra da Crimeia, e fora de sua tranquila casa, tudo era agitação desenfreada, notícias contínuas contraditas assim que se espalhavam, pânicos e celebrações, enfim, o espetáculo alegre de um lado e a ansiedade mortal do outro, o que torna a guerra mais importante que qualquer outro assunto de interesse. A razão de eles compartilharem tão profundamente o interesse comum residia em seu pai. Ele havia ido para o palco da guerra, e

embora não participasse do conflito em si, estava exposto a considerável perigo pessoal. Em suas cartas e nos jornais em que lia sobre as cenas que de fato se desenrolavam diante de seus olhos, residia todo o interesse externo de suas vidas.

Depois de terem vivido mais de dois anos e meio em Boulogne, ocorreu um evento que serviu para quebrar a rotina da vida monótona de Clara, ao menos por um tempo, e que se tornou por algum tempo frutífero assunto.

Os Weld Blundells, uma família próxima por terem com eles laços de sangue e, a partir daquele momento, ainda mais próxima pelos laços de amizade, estavam de passagem por Boulogne.

Clara e uma de suas irmãs haviam se recuperado recentemente da escarlatina, e como seus primos não haviam sido infectados, uma quarentena rigorosa foi mantida no que diz respeito ao contato físico, embora pudessem se encontrar e conversar o quanto quisessem ao ar livre. O convívio que então se iniciou entre Clara e uma de suas primas se transformou em uma amizade que durou toda a vida de ambas e deu origem a uma correspondência da qual faremos amplo uso mais adiante.

Na primavera seguinte, em 1856, Clara e seus irmãos retornaram à Inglaterra. Como Courtfield estava fechado, o Coronel Vaughan não conseguia se decidir a retornar aos lugares de sua antiga felicidade, então uma casa foi alugada para eles em Londres, nas proximidades do Oratório, e mais tarde uma na Montague Square, onde permaneceram por alguns anos. A alegria da família Vaughan no retorno ao seu país foi grande. Ali, ao menos, tinham a certeza de ver seus dois irmãos mais velhos, um dos quais era um padre secular e o outro um monge

beneditino¹. Para Clara, além da alegria decorrente de todas essas coisas, havia também aquela cujo motivo especial era ter ao alcance seus amados livros, porque seu pai, ao desmontar Courtfield, havia levado a maior parte de sua biblioteca para Londres. Com seus livros e as visitas ocasionais de amigos, alguns dos quais vinham dos dias felizes que já se tinham ido para sempre, Clara era, comparativamente falando, feliz. Mais do que livros ou amigos, porém, o que lhe importava mesmo era a proximidade do Oratório. Ali, absorta em adoração diante do Santíssimo Sacramento, costumava passar todo o tempo que sua governanta lhe permitia e que podia ser dispensado dos estudos e dos outros deveres da vida. Na primeira carta que temos dela, endereçada à amiga N, de quem já falamos, ela menciona isso. A carta é datada de julho de 1857. Após responder a algumas perguntas que sua correspondente lhe tinha enviado, ela continua:

“Mas, querida N., o Santíssimo Sacramento te ensinará tudo. Não te esqueças de mim quando fores diante de Sua Santíssima Presença. Tenta encontrar contentamento em nada além de Deus. Tu foste criada para amá-Lo – entrega-Lhe então todo o teu coração. Ele é tão belo, tão digno do nosso amor miserável, e ainda assim Ele pede nosso amor, nossos corações, e quantos O rejeitam! Reza à Virgem Santíssima para que ela te ajude, tu sabes que Mãe amorosa ela é. Reza a ela para que te ensine a suportar as pequenas cruzes e os aborrecimentos por amor ao seu Filho moribundo, a meditar sobre os Seus sofrimentos como ela fez

1 - O primeiro é o atual Bispo de Salford, e o segundo, o falecido Arcebispo de Sydney – em New South Wales, Austrália.

ao pé da cruz, e a desprezar tudo, exceto Deus e o que é para a Sua glória.”

Ela acrescenta um pouco mais tarde:

“Não gosto nada de enviar-te esta carta, pois tenho receio que a consideres sermão demais.”

No decorrer deste ano, de 1856, outro sacrifício foi pedido a Clara. Sua irmã mais velha, Gwladys, partiu para tornar-se freira. Gwladys era uma daquelas almas santas que crescem à sombra de um lar isolado, como no “jardim fechado” de que fala a Esposa no *Cântico dos Cânticos*. Ela era conhecida por poucos, e para estes era como “o bom odor de Cristo”, atraindo almas ao serviço de seu divino Mestre. O Cardeal Wiseman, falando dela a um amigo, disse que ao vê-la sempre se lembrava de como Eva teria sido antes da queda. Ela também, como Clara, havia decidido desde a mais tenra idade consagrar-se a Deus e só esperou ter idade suficiente para que lhe fosse concedida a permissão de deixar tudo para seguir a Cristo. Enquanto morava em Boulogne, ela fez amizade com a Comunidade das Irmãs da Visitação em Marquetry. O doce e amoroso espírito de São Francisco de Sales, que é tão perfeitamente vivenciado e exemplificado pelas filhas de Santa Joana Francisca de Chantal, parecia exatamente destinado a atender às necessidades desta alma santa. Ela professou seus votos no ano de 1859 e teve uma morte muito edificante no mesmo convento, no ano de 1878.

Os versos a seguir foram compostos por seu irmão Roger quando Gwladys se tornou freira.

*A criança ouviu amorosa voz
Vinda do trono celestial –
Criança, entrega a Mim teu coração e tua alma,
Deixa tua pátria,
Deixa aquele jovem e feliz grupo,
Tão amado e querido por ti desde a infância.*

*Renuncia aos amigos que te amaram,
Corações que palpitarão e sofrerão,
Almas para quem eras a felicidade.
Deixa, criança, a face tão conhecida,
Interrompe o abraço do amigo,
Abandona o que na Terra te é mais querido.*

*Pois Eu serei teu quinhão
Sim! Serei amado por ti –
Eu que te comprei sofrendo no inferno.
O mundo somente deverás temer
Somente Eu te serei caro
Volta-te para Mim, criança, que tanto te amei.*

*À voz que maravilhada ouviu
Não deu a criança nenhuma palavra,*

*Mas no coração esta voz permaneceu,
E cada dia que passava rápido,
A mesma voz parecia clamar
Mais alto, mais plangente, mais doce.*

*Por fim a criança deixou seu lar,
Partiu sobre a espuma do oceano
Para deixar tudo de preço na terra natal,
Para unir-se ao amor de seu Salvador,
Reunir-se com os que estão acima
E vêm adorar seu Criador na terra.*

CAPÍTULO II

Pode-se dizer que Clara tinha um talento especial para a amizade. O poder de atrair e influenciar os outros fazia parte de seu caráter e manifestou-se desde a sua mais tenra idade. Como a influência pode ser usada para o bem ou para o mal, somos levados a indagar que uso ela teria feito desse talento, se o enterrou na terra ou, como o bom servo, negociou com ele em benefício de seu Mestre. As amizades santas parecem carregar uma marca especial da aprovação de Deus e ter, por assim dizer, o selo da Sua bênção divina. Não precisamos esquadriñar nossa memória para recordar as amizades santas de Davi e Jônatas, de São Jerônimo e Santa Paula, de São Francisco de Sales e Santa Joana de Chantal. Estas e milhares de outras nos vêm à mente.

Mas para que as amizades sejam abençoadas, elas devem se dar em Deus e para Deus, e assim foi com as de Clara. Suas cartas demonstram isto de forma marcante. Nunca pareceu ocorrer a ela que qualquer outro assunto pudesse ser de igual interesse, ou ter algum interesse. Provavelmente, se alguém lhe perguntasse o motivo disso, ela responderia com sincero entusiasmo: “Mas sobre o que mais há para escrever?” De fato, essas coisas ocupavam todo o seu coração e aparentemente não deixavam espaço para mais nada. Se isto acontecia em sua correspondência, da mesma forma podíamos observá-lo em suas conversas. Quando o diálogo (com seus amigos íntimos) girava em torno de temas religiosos, seu interesse se acendia, seu rosto se iluminava, toda a sua mente e seu coração estavam em suas palavras. Na verdade, suas palavras mal conseguiam fluir com rapidez suficiente para dar vazão a

todos os pensamentos que pareciam ansiar por encontrar expressão. Isto se manifestava especialmente quando ela discorria sobre o amor de Nosso Senhor ao permanecer para sempre conosco no Santíssimo Sacramento, e sobre o Seu amor pelos pecadores.

Ela gostava muito de ler em voz alta e nunca esteve tão feliz como quando conseguia aconchegar uma amiga querida em um cantinho confortável para então começar um de seus livros favoritos, como o *Sagrado Coração*, de Dalgairns, o *Ao Pé da Cruz*, de Pe. Faber, a *Imitação de Cristo* ou talvez algum livro de poesia predileto. Depois de um tempo, o livro era deixado de lado e ela começava com seu fervor característico a falar da beleza do céu, da bondade de Deus e da alegria de entregar tudo por amor a Ele. A única coisa que a impedia ou a fazia parar abruptamente era o medo de que pudessem pensar que ela estava pregando demais. Então ela parava abruptamente, constrangida, meio por humildade, meio por diversão. As palavras do grande Rosmini estariam presentes com ela: “Fala muito. Não economizes palavras, pois as palavras são o grande meio empregado por Nosso Senhor para instruir e animar os homens ao bem. Ao falar de coisas boas aos outros, farás bem à tua própria alma e te tornarás mais fervoroso em espírito. Retiro este pensamento de Santo Agostinho, que, em alguma parte de seus escritos, diz o mesmo de si.”

Entre os amigos do pai de Clara estava Digby, o renomado escritor dos *Mores Catholici*, por quem ela nutria especial admiração. Ela o considerava uma espécie de arquétipo do escritor cristão, uma espécie de cavaleiro da literatura *sans peur et sans reproche*, e costumava desbravar com imensa perseverança seus solenes tomos. Outro grande

escritor, o Dr. Ward, como também sua esposa e sua filha, estavam entre seus melhores amigos. Alguns de seus poucos meses felizes – pois que foram passados em cenários de exuberante natureza, o que ela tanto amava – foram vividos em sua casa na Ilha de Wight.

Foi em uma dessas visitas que ocorreu uma aventura de natureza tão marcante que não deve ser omitida deste esboço de sua vida. Em certa ocasião, ela e sua amiga faziam juntas uma longa caminhada à beira-mar. Envolvidas na conversa e sem prestar muita atenção ao caminho, descobriram de repente que haviam se perdido em uma areia movediça extremamente perigosa. Então, antes que pudessem voltar, ficaram presas até a cintura. Gritar por socorro era inútil – não se via uma alma viva na praia deserta, e não havia ajuda à vista, nem por terra nem por mar. Nessa extrema agonia, com uma morte horrível diante de si, Clara, agarrando-se a uma medalha e um escapulário que usava, implorou com o maior fervor a ajuda de Nossa Senhora. Sem que ela pudesse explicar como aconteceu, imediatamente ela sentiu seus pés em terra firme e conseguiu correr em busca de ajuda até a cabana mais próxima. Sua amiga estava tão profundamente enterrada na lama traiçoeira que foi com grande dificuldade e algum risco pessoal que sua vida foi salva. Conhecer o Dr. Ward foi para Clara de grande utilidade, de muitas maneiras. Ele demonstrou grande interesse em seus estudos teológicos, explicava-lhe passagens difíceis e recomendava leituras. Ele também, durante a longa visita que ela lhe fez na primavera de 1866, deu-lhe aulas de latim, o que foi de grande utilidade posteriormente.

No verão seguinte surgiu a ideia de ela ir a Ince Blundell passar um mês com o tio. Ela alude a isto em uma carta que escreve para N., mas aparentemente, naquele momento, esta possibilidade estava suspensa.

“Agradeço tua carta desta manhã. Nunca esperei ir a Ince, em meu coração nunca pensei que deveria ir. Anseio imensamente ler Lara para ti. É tão belamente escrito, com tanta intensidade de sentimento e paixão e, conseqüentemente, tão melancólico. Eu não sabia que poderia lê-lo até alguns dias atrás. O pior desses livros é que existe o perigo de se tornarem muito envolventes. Imagino se ficarás surpresa ao saber que sou muito afeiçãoada a São Filipe. O grande motivo, eu acho, é que tenho uma grande devoção à terceira Pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo. São Filipe tinha uma devoção maravilhosa a Ele, e o Espírito Santo operou maravilhas em São Filipe [...] X foi à Espanha com o propósito de ver de lá o eclipse. Não é extraordinário? Não consigo entender como alguém que se entregou a Deus pode ter tanto interesse em algo que não seja para a maior glória de Deus.² Mas não devemos julgá-lo, talvez eu esteja errada em dizer isto sobre ele. Espero que tenhas tanta devoção quanto tinhas ao Sagrado Coração. Lembra-te de dois anos atrás? Pede a Santa Clara que nunca o abandonemos, e que ela interceda e nos aproxime d’Ele cada vez mais, a cada dia. O tempo passa tão depressa – que Ele nos aproxime cada vez mais de Deus. Ai de nós! Que humilhação pensar em quão poucas ações realizamos pura e inteiramente por amor a Deus, com que motivações mistas realizamos até mesmo nossas boas ações. Peçamos a São Francisco que nos obtenha grande pureza de coração, então virá a

2 - É preciso lembrar que Clara tinha apenas dezessete anos quando fez esta crítica tão severa.

pureza de pensamento, a pureza de ação. Assim todas as coisas serão feitas puramente para a glória de Deus e por Seu amor. Raramente escrevo para alguém, não só porque não tenho tempo, mas porque penso, como diz o Padre Faber, que escrever cartas é um grande destruidor da espiritualidade. Claro que isto não se refere a quando escrevo para ti, pois geralmente conversamos sobre assuntos espirituais. É de longe o assunto mais interessante, afinal. Gostaria de saber onde nos encontraremos novamente? Tenho inveja de ti, quando falas daquelas noites em Ince, quando saís ao ar livre. Acho que a natureza nunca é tão bela como lá, tudo é tão calmo e tranquilo, a beleza e o silêncio em tudo nos envolvem como em um sonho. 'A natureza sempre parece muito satisfeita consigo mesma ao entardecer.' Escreve logo. Envio meu maior carinho para Maymie e Tizzie."

CAPÍTULO III

As previsões de Clara não se concretizaram, e um mês depois, no início de agosto, ela partiu com o pai para Ince Blundell. O momento dessa visita é descrito pela amiga de Clara, N., para quem a maioria de suas cartas foi escrita, e é inteiramente retirado de um diário mantido por ela na época em que a amiga visitava Ince Blundell.

“Como me lembro bem da visita dela a Ince Blundell. Estávamos esperando o tio John, mas não tínhamos ideia de que ele traria Clara com ele, até dois dias antes, quando ele escreveu para anunciar. A notícia parecia boa demais para ser verdade. Que planos fizemos! Que excursões faríamos juntas! Todas as velhas brincadeiras seriam revividas, não havia nada nos velhos tempos – já fazia quase três anos, uma eternidade naqueles dias – que não seria repetido com variações. Na verdade, era uma fantasia sem fim, e em meio a tudo isso havia uma estranha sensação – talvez um pressentimento – será que nos encontraremos diferentes? Será que seremos tudo o que éramos uma para a outra? E mil outros sentimentos vagos aos quais mal se pode dar um nome. Finalmente, o dia chegou. Como me lembro bem da sala em que estávamos sentadas, da hora do dia e, finalmente, da chegada de Clara. Quando a agitação geral diminuiu um pouco, subimos juntas para que eu lhe mostrasse o seu quarto, perto do meu, onde seríamos tão felizes juntas. Então, pela primeira vez, começamos a conversar, e eu a observei bem. Dela e de como ela era me lembrarei por toda a minha vida – exatamente como ela estava em seu vestido marrom, um vestido

que não significava nada, como era comum nos vestidos de Clara, meramente a mais simples das coberturas para um corpo que já parecia menos corpo do que alma. Clara tinha então dezessete anos e meio, isto quer dizer que ela já havia sido apresentada à sociedade, mas ninguém poderia parecer menos com uma jovem preparada para dar esse mergulho desesperado do que a figura delicada e feminina que vejo tão claramente diante de mim quando fecho os olhos e relembro aquele passado querido. Lembro de minha primeira impressão ter sido: ‘Como ela é linda! Muito mais bonita do que eu esperava!’ Suponho que tenha sido a emoção da chegada que, por um instante, deu às suas bochechas normalmente pálidas um leve rubor momentâneo, o que aumentou o brilho de seus profundos olhos castanhos. Era mesmo um rosto que ninguém, tendo visto uma vez, esqueceria facilmente, não pela regularidade dos traços, mas pela expressão sempre variável que mudava cem vezes por minuto, o que lhe conferia um charme incomparável, e por seus olhos que tão especialmente dilatavam-se de interesse quando se falava de algum feito heroico, ou iluminavam-se com a mais radiante gargalhada quando algo a divertia. Não havia nela nada de devota austera, em seu rosto ou expressão, nem em seu caráter. Se havia nela alguma aspereza, apenas manifestava-se – ou melhor, dirigia-se para – a sua própria delicada estrutura, que em momentos de alegria ela costumava se divertir adjetivando com todo tipo de nome ridículo e ofensivo. Para todos ao seu redor, porém, ela era invariavelmente gentil e caridosa. Voltando àquele dia memorável. Tínhamos tanto a dizer uma à outra, e como em todas as amizades, após uma ausência – ninguém, por mais sincero que seja, consegue se

expressar completamente em uma carta – tínhamos também muito a aprender sobre nós mesmas. Então descobri que o que eu vagamente suspeitava de fato havia acontecido. Nos separamos como grandes amigas, quase iguais, mas agora eu via que ela não só estava muito à minha frente em todos os sentidos, como também em um hemisfério diferente. Isto não fez diferença para nossa amizade, pelo contrário, a aprofundou, mas dali em diante seríamos mestra e discípula. Os dias seguintes estão entre os mais felizes da minha vida. Pouco a pouco fui entendendo como havia sido a história de sua vida no intervalo em que estivemos separadas. Não foi nos escassos detalhes de uma vida tão particularmente tranquila, passada quase inteiramente entre quatro paredes, mas na disposição de seu espírito, na maneira como ela tratava cada assunto, nos seus planos para o futuro, que descobri como Deus havia tomado posse de seu coração, no qual Ele agora era Primeiro e Único. Devo reconhecer que não foi sem dor e desespero que descobri, de uma forma ou de outra, como Clara havia se tornado indiferente, como havia gradualmente se desapegado de prazeres que, mesmo inocentes, não eram totalmente para Deus ou de Deus – prazeres aos quais eu me agarrava com todo o meu coração humano. Lembro-me, por fim, de repreendê-la descontroladamente por não se importar com nada nesse mundo – por renunciar a tantas coisas que um dia lhe foram caras. Nossa vida juntas tinha sido tão encantadora, tão cheia de sonhos gloriosos e impossíveis, tão plena, tão completa. Mas não haveria de ser assim. Clara passou por todos eles, mas não parou, e então iniciou-se aquela dolorosa e terrível ascensão, na qual a alma devota, amparada pelo Divino Esposo, refaz Seu caminho para o Calvário, e que só

*terminou com sua morte no Convento de Amiens. Havia momentos, entretanto, em que Clara estava perfeitamente feliz – mais que isso, radiante e transformada –, e isto acontecia na presença do Santíssimo Sacramento. Costumávamos ir à noite, quando todos estavam ocupados e havia menor probabilidade de interrupção. Ela sempre começava visitando o altar de Nossa Senhora, onde rezava o Rosário das Sete Dores “para terminar logo”, dizia ela sorrindo. Não que sua maior devoção fosse à Nossa Senhora, mas ela sabia, por experiência própria, que uma vez estando aos pés de Nosso Senhor no Sacramento do Seu amor, seria absolutamente impossível para ela se afastar até que chegasse a hora de ir embora. Feito isso, ela costumava prostrar-se nos degraus do Santuário, derramando **em voz alta** todo o seu coração e sua alma, pois lhe era impossível guardar ou suprimir o amor, o louvor e a adoração que sentia por Aquele que era verdadeiramente sua vida, seu amor, sua alegria, seu tudo. Jamais esquecerei a maneira como ela se **alegrava** no Santíssimo Sacramento, que para ela era como uma novidade, como a alegria de uma grande surpresa. Era como se ela tivesse descoberto todo o encanto e o deleite de algo, ou melhor, de alguém, que acabou de conhecer. Em verdade, ela poderia dizer com o profeta: “Os filhos dos homens esperarão sob o abrigo de Tuas asas. Eles se embriagarão com a abundância de Tua Casa, e Tu os farás beber na torrente das Tuas delícias.” Nosso Senhor parecia, talvez como compensação pela monotonia e pelas muitas tristezas de sua vida, ter lhe dado uma felicidade e uma alegria arrebatadoras em Sua presença, algo que não se pode descrever tão vividamente quanto se lembra por medo de uma incompreensão. Talvez essa alegria sobrenatural no Santíssimo*

Sacramento fosse apenas, ou em parte, o resultado (como o Padre Faber nos diz em um de seus livros) das contínuas mortificações e austeridades que ela costumava praticar. Seu amor pela mortificação era tal que nada que ela via ou encontrava deixava de sugerir algum meio de afligir e castigar seu infeliz corpo. Lembro-me muito bem de um dia em que voltávamos de uma aldeia na vizinhança. Estávamos passando por um campo de restolhos, e interrompendo subitamente o que estava dizendo, ela exclamou: ‘Tenho uma ideia esplêndida! E se tirássemos os sapatos e as meias e caminhássemos descalças pelo campo de restolhos?’ Tão rapidamente como disse, assim o fez, e hoje posso ver com que prazer tranquilo Clara caminhou para cima e para baixo entre aqueles espinhos cruéis e cheios de cerdas, seguida pelos gritos de compaixão de sua covarde companheira, que logo voltou a calçar sapatos e meias, até que finalmente foi obrigada a ceder e permitir que seus pobres pés sangrando fossem enfaixados. Noutro dia, nos deparamos com uma exuberante touceira de urtigas, e ela imediatamente agarrou um grande feixe para aplicar em si a disciplina ao voltar para casa. Outra mortificação que ela apreciava era esperar, depois de se deitar, até sentir-se completamente aquecida e confortável, para então saltar da cama e passar meia hora prostrada no chão em oração, frequentemente com os braços estendidos, acrescentando o desconforto da postura à sua mortificação. Às quintas-feiras ela costumava prolongar essa oração até altas horas da noite, juntamente com a oração de Nosso Senhor no jardim. Ela fazia isto com a intenção especial de auxiliar as almas em agonia. Era por isso, aliás, e pela conversão dos pecadores – outra coisa que lhe era igualmente cara –, que todas as suas ações eram oferecidas.

*Ela tinha o mais terno amor e devoção às Almas Santas, mas costumava dizer que sabia que todas estavam bem. Assim, embora as Almas Santas fossem continuamente lembradas em suas orações, os pecadores pareciam ser seu motivo mais constante e que sempre a impulsionava a novos esforços. Não era, entretanto, somente na mortificação exterior que Clara eclipsava todos que já vi ou conheci. Ela era muito versada na ciência dos Santos para não saber que, se Deus se agrada com os sofrimentos autoinfligidos das almas unidas a Ele em amor e desejo de expiação, Se agrada ainda mais com as mortificações interiores, que atacam a própria sede e origem do mal dentro de nós e nos permitem, com a Sua graça, tornarmo-nos mestres triunfantes não apenas de nossa carne (como no caso da mortificação exterior) mas também da nossa própria vontade e alma. Clara tinha naturalmente uma disposição indolente. O sangue sulista em suas veias, tão claramente visível em seu rosto, também era fortemente marcado em seu temperamento. Além dessa característica, ela era por natureza o que os franceses chamariam de **vif** – vivaz, impetuosa. Não posso dizer que se inclinasse à ira, pois ninguém que a conhecesse, embora o sangue pudesse lhe subir rapidamente às faces, teria visto mais que isto, a não ser naqueles casos em que nos dizem que podemos nos irar sem pecar. Ainda assim, a graça de Deus lhe permitia superar essas fraquezas com tanta perfeição que ninguém que a tenha conhecido, especialmente nesses dias dos quais estou falando, jamais teria suspeitado de sua existência. Um dos meios que ela descobriu de se mortificar interiormente, como também de se curar de seus defeitos, cuja magnitude ela sempre exagerava, era o de realizar um Capítulo, em outras palavras, era imitar a observância*

religiosa comum a muitas Ordens de fazer uma Confissão pública de suas faltas.³ Lembro-me tão bem da satisfação que ela sentia ao desenterrar e encurralar todas aquelas pequenas fraquezas nas quais até os melhores dentre nós às vezes caem, mas que, para a maioria, tendo as cometido, escondê-las dos olhos dos outros torna-se um dos principais objetivos da vida. O que tornava sua humildade ainda mais impressionante era que seu “Padre Confessor eleito” era muito mais jovem do que ela, e naturalmente inclinada a fazer dela uma heroína, do que ela devia estar perfeitamente ciente, de modo que ela tinha ainda mais mérito em se humilhar diante dela. Acho que seria uma ideia muito falsa de Clara, de como ela era nessa fase da sua vida, se a representássemos simplesmente como alguém que passava o dia rezando e reprimindo sua natureza. Além desse lado da sua personalidade, ela tinha outro lado muito humano, brilhante e adorável. Ela costumava ter o que chamava de “dias de preguiça”, quando pegava um livro empolgante e passava metade do dia lendo, aconchegada no sofá – perfeitamente feliz se conseguisse que uma ou duas pessoas queridas compartilhassem o prazer da leitura. Os livros, como todas as outras ocupações, perdiam metade do interesse para ela se não pudesse conversar sobre eles com os amigos e compartilhá-los. Lembro-me de que foi assim que terminamos “A Cabana do Pai Tomás”, em meia dúzia de dias de verão. Ela adorava falar sobre livros e autores, aliás, suas inclinações eram profundamente literárias. Uma de suas heroínas, nesse sentido, era Madame de Staël. Ela costumava lamentar que uma mulher de tanto talento, com um poder de persuasão tão convincente e, acima de tudo, tão entusiasmada por tudo que era grandioso e elevado, não

3 — Público no sentido de não ser feito a um confessor ou sob o sigilo da Confissão.

*fosse católica. Ela gostava muito de citar aquele seu maravilhoso ditado: “Le mystère de l'existence c'est le rapport entre nos erreurs et nos peines.” A visita de Clara estava chegando ao fim. Alguns dias antes de sua partida, todos estavam jantando fora, e tivemos uma rara oportunidade: a casa inteira só para nós. Lembro-me de que a perspectiva de um **tête-à-tête** ininterrupto foi algo que apreciamos muito. Discutimos como deveríamos aproveitá-lo, se deveríamos sentar no jardim ou passar o tempo com nossos livros, quando Clara sugeriu: ‘Primeiro reuniremos todos os criados na sala de aula, rezaremos o Rosário diante da imagem de Nossa Senhora, e então falarei com eles sobre o amor de Deus pelos pecadores etc.’ Sempre me arrependerei de, com uma verdadeira **mauvaise honte** britânica, ter implorado que ela desistisse dessa ideia maluca (pois assim me pareceu). Hoje posso ver o rosto de Clara, com seu olhar brilhante e sincero, respondendo às minhas objeções. “Seria muito fácil, praticamente impossível fraquejar etc.” Alguns dias depois, Clara foi embora de Ince. Nunca mais nos encontramos.*

CAPÍTULO IV

Por volta desta data, no outono de 1862, uma nova fase, ou melhor, um desenvolvimento adicional na vida espiritual de Clara parece ter ocorrido. Vimos com que fervor ela entregou-se ao serviço de Deus – coração, alma, desejos, palavras, não havia nada que ela retivesse. Porém Ele, visto que Se digna chamar a Si mesmo um Deus zeloso, continuou pedindo mais, e esta alma santa, respondendo à voz de seu divino Esposo, deu mais e ainda mais.

Para aqueles que a conheciam bem, esta mudança era muito evidente. Todo o seu ser parecia crescer nas mãos de Deus. Até então ela fora uma criança com a fragilidade de uma criança, com seus impulsos e impetuosidades, seus gostos e desgostos, mas no ano seguinte, o ano mais importante da vida de uma moça, entre os dezessete e os dezoito anos, todas essas características da infância deram espaço a um estado de ser mais elevado e mais santo. Como a mulher valente da Bíblia, “Ela estendeu a mão para as coisas fortes, os seus dedos se agarraram ao fuso.” A cada dia ela parecia fazer novos progressos em virtude. Ela nunca se cansava de repetir as belas palavras de São Francisco: “Comecemos a servir ao Senhor nosso Deus, pois até agora fizemos muito pouco progresso.” Estas palavras, constantemente em seus lábios e profundamente gravadas em seu coração, sempre a impulsionavam para novos esforços em Seu serviço.

Ela sentia que Deus a estava chamando para coisas mais elevadas, e com todo o fervor de sua alma ela respondia, voltando-se para Ele, renunciando por amor a Ele às suas afeições mais queridas –

mortificando cada pensamento, cada vontade, cada inclinação, e regozijando-se com o maior ardor em sofrer algo por amor a Ele.

Tudo parecia perder o encanto para ela, tudo o que não era para Deus e somente para Ele. Até então ela sempre teve o maior prazer na leitura, especialmente na poesia, que era seu deleite, o único lazer a que se permitia, no qual se entregava livremente. Mas chegou o momento em que ela seria chamada a renunciar até mesmo a isto. Aos poucos desapegou-se de toda literatura profana, de Shelley, Byron e todos os poetas que tanto admirava e que, com suas palavras vibrantes e descrições vívidas, atraíam de maneira especial uma alma ardente como a dela, que por natureza era tão sensível a tudo que era melancólico, selvagem ou heroico. Foram todos deixados de lado. Esta página de sua vida estava virada. Sentia que tais coisas não conduziam a Deus. Seus interesses passaram a ter outra natureza, e com sua energia habitual ela lançou-se no estudo que bem podemos chamar de *ciência dos Santos*. Sempre fora grande leitora de vidas de santos e de outras obras espirituais, desde criança, e estava familiarizada com as obras de Rodrigues, de São Francisco de Sales, de Pe. Faber, de Newman e inúmeros outros escritores sagrados. Era a eles que ela então voltava-se em busca do alimento espiritual de que sua alma necessitava. Em suas cartas, das quais muitas foram preservadas, escritas por volta dessa época, há menções constantes aos livros que ela lia ou estava lendo. Em um trecho, ela escreve:

“Deverias ler os Exercícios Espirituais de Santo Inácio. É uma obra gloriosa – são as meditações de Santo Inácio. Foi este livro, que ele

levou tantos anos para compilar, que fez dele um santo tão admirável, na verdade este livro fez todos os santos jesuítas. Aqui está outro livro magnífico de que também gosto muito, chama-se Doutrina Espiritual, de Lallemant. É bastante inspirador e destinado àqueles que almejam o mais alto.”

Seu outro grande interesse nessa época era o latim, estudo que começara no ano anterior. Como vimos, há muito ela decidira juntar-se às Clarissas, sabendo que elas recitavam o Ofício Divino diariamente, e portanto desejava preparar-se para esse grande privilégio, familiarizando-se com a língua da Igreja (na qual são recitadas as orações) para penetrar mais completamente no espírito e no significado das palavras sagradas.

Se entramos nesses detalhes, em seus interesses, ocupações e momentos de lazer, é apenas para lançar maior luz sobre o propósito e o sentido de sua vida que era seu amor pela oração, em outras palavras, sua união com Deus. A oração era a sua ocupação, e como sua irmã descreveu, em um pequeno esboço escrito a pedido da Comunidade de Amiens, era “o sopro de sua alma”. Estudos, leituras espirituais, tudo mais era como óleo para a chama que, como uma Virgem fiel, queimava dia e noite diante de seu Amado. Suas orações poderiam ser consideradas contínuas. Sempre que podia ela escapava de casa para passar horas diante do Santíssimo Sacramento, ajoelhando-se em êxtase na presença Daquele que permanece para sempre como Vítima de amor em nossos altares. Quanto menor, mais pobre, mais negligenciada a capela, melhor. Jesus estava lá, isso bastava. O que ela mais amava era

ajoelhar-se entre os pobres no fundo da Capela, muito satisfeita se fosse confundida com um daqueles filhos prediletos do Senhor. Se por acaso a porta da Igreja estivesse trancada, era a maior felicidade para ela ajoelhar-se nos degraus da entrada. Ali, com a cabeça encostada na porta, a única que a separava da morada do seu único Amor, ela (como testemunharam suas irmãs) derramava sua alma em amor e louvor apaixonados a Jesus no Santíssimo Sacramento, e antes de ir embora beijava ternamente a porta que a separava Dele.

Ninguém que a tivesse visto receber a Sagrada Comunhão jamais esqueceria a cena: depois de voltar ao seu lugar ela permanecia absolutamente absorta em Deus, insensível a qualquer estímulo exterior ou distração. Verdadeiramente, quem a observasse poderia lembrar do versículo do *Cântico*: “Meu Amado é para mim e eu para Ele, que se apascenta entre os lírios.” Para citar novamente a mesma vida:

Nada podia interromper sua união com Deus ou seus exercícios de piedade, nem mesmo as dores de cabeça que ela sofria, que às vezes eram tão violentas a ponto de fazer com que lágrimas involuntárias caíssem de seus olhos. Muitas vezes, muito depois da hora de dormir, ela passava longas horas ajoelhada aos pés da cama, e suas orações estendiam-se noite adentro. Certa vez, por acaso, acordei e ouvi o relógio bater meia-noite, e Clara ainda estava em meio às suas orações e não demonstrava sinais de que as concluiria. “Anda”, eu lhe disse, “já está na hora de descansares, está tarde e de manhã estarás exausta.” “Achas mesmo?”, disse ela, “pensei que tinha acabado de começar, não sabia que já estava tarde.” Muitas vezes, ao acordar à noite, ela retornava sem esforço às suas orações, como uma pessoa obrigada por um momento a

deixar seu trabalho e que naturalmente o retoma quando a interrupção termina [...] O que vos direi, Reverenda Madre, sobre seu amor pelo Santíssimo Sacramento? Era, como bem sabeis, a ocupação da sua vida, ou melhor, a sua própria vida [...] Ela jamais toleraria a menor irreverência cometida na presença do Santíssimo Sacramento, por seus irmãos ou irmãs, contudo não havia amargura nesse santo zelo, que tanto aliena e fere. Assim como Jesus Cristo digna-Se a ser Vítima por amor a nós no Santíssimo Sacramento, e ela também aspirava ao mesmo título, seria impossível para mim dizer até que ponto seu espírito de penitência e a prática de mortificações voluntárias a levaram. Além do uso da camisa de cilício, com a qual estava familiarizada, ela costumava esfregar-se com urtigas e, em diversas ocasiões, quando caminhava pelo campo, tirava os sapatos e as meias e andava descalça entre os arbustos e espinhos. Uma vez ela caminhou em um campo de restolho, onde o trigo havia sido recentemente cortado. Ela sempre dizia que seu maior suplício era ter de comer, e muitas vezes, quando podia, guardava a comida que lhe davam para os pobres.

Em suas cartas, Clara constantemente alude ao conforto e à alegria que obtém da oração, e nunca se cansa — sempre da maneira mais gentil e humilde — de recomendá-la a seus correspondentes. Em uma carta escrita nessa época para uma querida amiga, ela diz:

“Como conforta saber que Deus está em todo lugar e sempre pronto para te ouvir e te confortar onde quer que estejas, e que quando ninguém te entende, e quando a verdade secreta de teu coração não é revelada a ninguém, Ele sempre entende, sem falhar em nenhuma dificuldade. Eu

diria que a oração jaculatória pode ser de grande ajuda para ti. Anos atrás, X aconselhou-me a adotar o hábito da oração jaculatória. Resolve, ao te levatares pela manhã, oferecer teu coração a Deus cinco vezes durante o dia, e então, à noite, verifica se realmente o fizeste. Se perseverares durante o mês, não tens ideia do bem que te fará, do tom espiritual que isto dará a toda tua mente e do dom de sentir a contínua presença de Deus. Sei o muito que fez por mim. Espero e creio não parecer que estou pregando. Suponho que muitas vezes te sintas farta do mundo, que muitas vezes anseies por algo maior, que te satisfaça, mais elevado do que as coisas que o mundo pode te oferecer. Que criaturas heroicas foram os Santos, no fim das contas são os únicos verdadeiros heróis que o mundo já viu. Muitas vezes penso que talvez haja uma imensa dose de heroísmo nos corações das mulheres, mas que o convencionalismo e suas leis a esmagam e oprimem.”

Além da prática da oração mental, na qual Clara era tão proficiente, havia certas orações vocais às quais ela tinha a maior devoção. Ela nunca deixava de rezar o Rosário de Nossa Senhora das Sete Dores diariamente, e seu amor pelas almas do Purgatório manifestava-se numa grande devoção às orações indulgenciadas. A principal entre elas era o *Gloria Patri*. Ela parecia especialmente atraída pelo uso dessa oração e nunca se cansava de repeti-la, e gostava, quando se via sozinha na Capela, de recitá-la em profunda prostração diante dos santos Nomes, detendo-se longamente em cada um. Outra devoção que ela amava era a de recitar seis Pai-Nossos, Ave-Marias e Glórias com os braços

estendidos em forma de cruz. Esta oração satisfazia seus maiores desejos, combinando oração e penitência.

CAPÍTULO V

Finda a visita de Clara a Ince Blundell, sua vida retornou à rotina habitual. Daquele momento até a primavera seguinte ela só deixou Londres em duas ocasiões, para visitar amigos no campo por alguns dias. Suas cartas, no entanto, nos dão um vívido vislumbre de sua história íntima, sempre de maior interesse do que aquela conhecida pelo mundo em geral – que no seu caso foi singularmente desprovida de incidentes. A primeira carta que temos de Clara, para sua amiga N., é datada de poucos dias após seu retorno a Londres.

*“Quem é conosco. **Benedicamus Domino**⁴. Fiquei encantada ao receber tua carta esta manhã. Acho que tu não podes sentir mais minha falta do que sinto de ti. Tenta lutar contra tua infeliz melancolia. É uma pequena provação e cruz que nosso querido Senhor te envia para que tu possas oferecê-la ao Seu Sagrado Coração. Teu próprio sentimento de cansaço, se tu o ofereceres ao Seu amoroso Coração, será o meio de adicionar novas jóias à tua coroa. Como estávamos felizes diante do Santíssimo Sacramento há alguns dias. Gostaria de estar prostrada diante do Seu altar agora. **Hélas!** Chegamos aqui ontem à noite às 10 horas. Durante todo o tempo no trem, eu estive lendo **A Imitação de Cristo** que me deste, e meditando sobre ele [...] Por favor, tenta, por mim, manter o melhor ânimo possível. Talvez “atrás das nuvens o sol ainda brilhe”. Este é um mundo triste, não? O pecado é o que tornou tudo tão triste, tão feito de encontros e despedidas. Oh, como Deus é bom em tudo. Não vês,*

4 — Clara havia feito um acordo com sua amiga N. Todas as suas cartas para ela deveriam começar com esta saudação. A resposta, é claro, era *Deo Gratias*.

*querida, que tudo isto acontece porque Ele teme que nós demos muito valor a este pobre mundo? **Adieu!** Meu abraço mais sincero para Maymie. Que Deus e Seus santos anjos sempre velem por ti e te protejam e guardem. Que tu nunca deixes o Sagrado Coração, no qual sou tua prima carinhosa, Clara.”*

Algumas semanas depois, ela escreve novamente para a mesma correspondente:

“Está chovendo tão terrivelmente, e o dia parece tão desesperadamente sombrio, que acho que não há chance de darmos um passeio. Portanto, sento-me para escrever-te uma longa carta. Sinto muito por ela estar sofrendo tanto. Ouço todos falarem dela em todos os lugares. Vou rezar por ela e escrever-lhe uma carta pedindo que me dê notícias [...] Espero que ores por mim frequentemente, quando estiveres prostrada no Santuário, diante do Santíssimo Sacramento. Jesus deve ser nossa única alegria e felicidade aqui, assim como será nossa alegria e felicidade perpétuas em nosso lar eterno. Terminei de copiar a biografia de nossa doce e angelical Mãe. Exigiu mais folhas do que tem o caderno que me deste. Quando vieres aqui te mostrarei. O padre — pregou um sermão tão bonito no domingo passado. Ele te escreveu desde que saí de Ince? O Tio Dick gosta muito dele e diz que ele é um homem muito santo e espiritual, e que podemos confiar nele cegamente. Ainda nem demos o agrado às crianças do orfanato. É uma pena que não venhas em novembro. Nunca mais te verei, querida N, mas esperemos nos ver no Céu. Precisamos trabalhar duro para chegar lá. O Céu não se conquista

sem luta, cada uma de nós tem suas cruzes para carregar, devemos carregá-las com um coração alegre e abraçar cada provação como um meio para este grande fim. Sei que tens muitas pequenas provas para suportar, vindas dos outros e também de teu próprio caráter e disposição natural. É justamente o excesso de reflexões em tua mente que muitas vezes te fazem sentir tão abatida e cansada. Luta contra isso enquanto viveres. Nunca te deixes desanimar por nada. A coragem, diz Santa Teresa, é necessária para aquele que se esforça pela perfeição. Quando te sentires sozinha, sei que muitas vezes em meio a muitos há solidão – solidão de coração, de compreensão –, oferece isto ao Sagrado Coração. Ele te conhece e vê até o fundo do teu coração, porque Ele é um Homem-Deus. Ele pode compadecer-se, Ele pode consolar como ninguém mais pode. Talvez eu esteja pregando demais e apenas te cansando, o que eu lamentaria muito. Gostei muito de tua última carta, especialmente do que disseste sobre o mar. Estou me afeiçoando imensamente à verdadeira Cruz! Quem me dera ela fosse minha! Reza muito por mim, para que a Santa Vontade de Deus seja feita em todas as coisas. Farei o mesmo por ti. Não te escrevi uma carta bem longa?”

Pouco depois, ela escreve novamente para a mesma amiga:

“Te escrevi uma longa carta no Dia de Todos os Santos, mas não tive tempo de a terminar, e agora acho-a ultrapassada para enviar-te, então começo outra em Maiden Erlegh, onde cheguei ontem à noite. Que gentileza a tua em enviar-me esse manuscrito, é tão próprio de tua generosidade mandar-me qualquer coisinha! Agradeço a ti enormemente

*e o guardarei como um presente da minha queridíssima prima. Também agradeço imensamente por teres oferecido a Sagrada Comunhão por mim na festa de Todos os Santos. Não esqueci de ti nessa gloriosa Festa, e pedi ao Nosso Pai Francisco e à Nossa Mãe Clara que te acolhessem especialmente sob a sua proteção. Certamente, nesse dia glorioso, eles não negariam nenhum pedido, nem à mais indigna criatura. O Purgatório deve ter ficado vazio depois de todas as preces de ontem! Supliquemos todos os dias deste mês a São Francisco e Santa Clara que façam tudo o que puderem para tirar uma alma do Purgatório – a alma mais devotada às Sete Dores e mais próxima de sua libertação. Não me esquecerei de dar-te um retrato do meu repugnante eu, e de bom grado deixar-te a minha história. Estou escrevendo em uma espécie de manuscrito várias coisas para ti, a saber, ditos dos santos e diferentes preces a São Francisco e Santa Clara de minha própria autoria, com mais algumas preces da mesma lavra! Pretendo também copiar algumas preces que considero particularmente belas. Espero que tu gostes. Na verdade eu não mereço tudo o que dizes sobre mim em tua carta. Muitas vezes arrependo-me de não ter sido sempre tão gentil e amável quanto deveria ter sido contigo. Quanta impaciência não demonstrei, tantas vezes, em minhas conversas – tu lembras, creio eu, do que estou falando. Acendo a lâmpada aqui diante do Santíssimo Sacramento. Eles têm uma capela tão encantadora! Gostaria muito que pudéssemos realizar um capítulo juntas, como antigamente. Não era uma grande diversão além de enriquecer nossas almas? Estou tão satisfeita, e **encantada**, por realmente acreditar que ser uma Clarissa seja tua vocação. Persevera e mantém isto no santuário do teu coração. Fala*

somente com Deus sobre isso, e com Aquele que ocupa o lugar de Deus. É um grande tesouro que tu deves guardar em silêncio e com amor até que chegue o tempo em que eu te veja no convento de nossa Mãe, cantando os louvores Àquele a quem somente pertence a honra e o louvor eternos.”

Um pouco mais tarde, ela escreve do mesmo lugar:

*“Agora, para ti uma longa carta, em resposta à tua de terça-feira. Rezarei por — com certeza. Sinto muito em ouvir um relato tão ruim dela. Ficarás feliz em saber que a tosse de Teresa está melhor, ao menos é o que ouço da Praça Montague. Agora, querida N, vou pegar tua carta do fundo do meu bolso e responderei às tuas perguntas, dando minha humilde opinião. Primeiro, não te preocupes nem te incomodes com as dúvidas que mencionas sobre tua vocação religiosa. Não posso dizer se tens uma ou não, só Deus sabe, mas ora com sinceridade e humildade a Deus para que Ele te mostre a Sua vontade em relação a teu futuro. Nunca deixes de fazer essa oração, que ela seja tua oração **diária**. Essas tuas dúvidas podem ou não ser tentações. Se forem tentações, não lisonjeies o diabo importunando-te com elas. Afinal, a grande coisa que tens para cumprir é apenas fazer a vontade de Deus em teu estado de vida atual. Não te preocupes tanto com o futuro. Teu caminho está claramente traçado para ti por alguns anos. Teu trabalho é ser obediente, paciente, humilde e gentil com todos, e te manteres o máximo possível na presença de Deus. Se fizeres tudo isso, Deus te recompensará mostrando a Sua vontade acerca de teu estado de vida. O estado de vida que achas que te ajudará melhor a chegar ao Céu, este estado de vida é*

*teu. Que pensas? O que te ajudará melhor a amar a Deus e a alcançar teu objetivo final – o Céu? Uma vocação no mundo ou uma vocação na Religião? **Acho** que esta última será a melhor para ti, quando me dizes que, ao entrar na sociedade e falar de coisas mundanas, te importas menos com Deus. Pergunta frequentemente: ‘O que me ajudará **melhor** a chegar ao Céu? O que me ajudará a amar a Deus melhor?’ Se puderes responder a estas questões, a vontade de Deus ficará clara. Acho, querida N, que tu deves orar muito para que Deus te dê a constante sensação de Sua presença. Então a estima e os aplausos do mundo não significarão nada para ti, e sentirás como é tolo importar-se com a estima de qualquer pessoa que não seja Deus. Sempre que tua Mãe desejar que vás à sociedade, é claro que deves obedecer, e **com alegria**, mas lembra de que Deus está contigo, especialmente nesses momentos, e oferece teu coração e tuas ações a Ele, e pede-Lhe que tenha misericórdia de ti. Mas quando ela não expressar nenhum desejo a respeito disso, então, se descobrires que a conversa e a sociedade mundanas não te aproximam de Deus, **não** as busques, e não te desanimes, querida, nem um pouco com teu gosto pelo mundo. Conversa com Nosso Senhor sobre isto, quando O visitares em Seu Adorável Sacramento, e não te esqueças todos os dias de oferecer este teu coração ao Seu Sagrado Coração.”*

Um outro correspondente de Clara, o Padre Edmund Vaughan, que além de ser seu tio tinha mais dois motivos para merecer sua confiança, sendo também seu padrinho e seu diretor, recebe dela uma carta por volta desta data (dezembro de 1862). Ela contém a primeira menção de

seus desejos e planos, no que diz respeito ao cumprimento de sua vocação religiosa. Veremos mais adiante como esses desejos logo haveriam de se cumprir.

*“Escrevo esta epístola apenas para arrancar outra de ti, pelo que te peço não o esqueças. Desejo ardentemente ser uma Clarissa. Só Deus sabe o quanto desejo isto. Papai não acredita que sou forte o suficiente para tal Ordem e tenho muito medo de que ele não me deixe ir, na Páscoa, como me prometeu há algum tempo. Eu mesma acredito que nunca serei forte até ser uma Clarissa e, por esta razão, nunca serei feliz até lá. A razão, porém, está sempre pronta para fazer coro aos nossos desejos, de sorte que presumo não se poder depositar nela grande confiança. Farei uma Novena para que, se for da Vontade de Deus, eu possa entrar para as Clarissas na sexta-feira da Páscoa. A Novena começa na próxima quinta-feira: espero que não te esqueças de mim. Vou experimentar o poder que existe na oração! Sempre espero uma imensidão de provações e sofrimentos para quando eu for freira, e mesmo que fosse apenas por isso, não me admiraria que as freiras sejam felizes! A dor me dá muita felicidade, sentimo-nos pertencer **inteiramente** a Deus, pois sabemos que Sua mão está sobre nós. Oh! Que importam as outras coisas conquanto nos tornemos semelhantes àquele Coração que outrora esteve tão cheio de pesar e tristeza, aquele Coração abandonado por todos e até mesmo por Deus? [...] Isto soa como se eu fosse pregar, então vou parar imediatamente. Acabei de ler a vida de Santa Coleta, a grande Reformadora dos Franciscanos. Há uma grande diferença entre a Mãe Seráfica, Santa Clara, e a gloriosa Reformadora Santa Coleta: quero*

dizer, desde o seu nascimento, a vontade e o caráter de Santa Coleta parecem **naturalmente** firmes e fortes, bem adequados, como poderiam ser, a uma mulher feita para uma missão assim árdua e difícil, e ela tinha um espírito muito mais austero do que Santa Clara, que parece ter mais do sentimento gentil de uma mulher combinado com sua devoção natural de coração, generosidade e firmeza de propósito. Quando a graça de Deus tão maravilhosamente se apoderou de um coração assim, e reinou nele e consumiu tudo o que era terreno nele, então que Serafim de amor ela se tornou! Um amor apaixonado e ardente por Nosso Senhor. Seu caráter é como o de Santa Maria Madalena (Penitente), assim me parece, ao passo que Santa Maria do Egito retrata Santa Coleta. Tamanho é meu interesse pela vida dos Santos. Tanto nos ensinam sobre Deus, e cada vez que os lemos, aprendemos algo novo com eles. A vida de São Francisco, nesse aspecto, é inesgotável. Quão maravilhoso pode tornar-se o homem, criatura pobre e fraca, com a força da Graça de Deus! Estou ansiosa para ler a vida de Santo Afonso, que ainda não li. Ultimamente tenho me sentido pesada e melancólica, e o diabo está ocupado com suas tentações. Esta é, em parte, a razão pela qual tenho demorado tanto em te escrever. Rogo que ores por mim. Tenho um direito especial às tuas orações, visto que és meu padrinho. Costumo dizer a Nosso Senhor: 'Por que fizeste isso? Governa, ó Senhor, a coisa que criaste.' É de Santo Agostinho, como tu certamente o sabes. Espero que tua Missão tenha feito um grande bem. Ouvi dizer outro dia que o Padre Coffin é o Confessor extraordinário das Clarissas. Espero que isto seja verdade. Não é um consolo Joe ter professado seus votos? Não há mais perigo que ele venha a abandonar a ordem, Deo Gratias.

Escrevi, é verdade, uma longa carta. Espero não te haver cansado com ela. Que santo glorioso foi São Francisco (realmente preciso dizer mais uma palavra sobre ele), ele foi como um cometa entre as estrelas brilhantes de sua Ordem. São Francisco, rogai por nós.”

O Natal sempre foi um tempo de particular amor e júbilo para Clara, e assim, com a chegada desta amada festividade, ela escreve para sua habitual correspondente a bela carta a seguir:

*“Desejo-te um Feliz Natal, ‘pois trago novas de grande alegria. Hoje nasceu para ti um Salvador.’ Desejo-te alegria e paz tão intensas, uma alegria que o mundo não pode compreender, e uma paz que ultrapassa toda a compreensão. Ele realmente veio trazer paz aos homens de boa vontade. Posso confiar-te um segredo, para que não o contes a **nenhuma** viv’alma? Se me prometeres que não o revelarás de maneira alguma a ninguém, contar-te-ei na próxima carta. Há alguma possibilidade de vires a Londres no próximo ano? Como estás, minha querida? Escreve-me e dá notícias de ti! Acho que a tosse de Teresa está um pouco melhor, apesar do frio. Estive no Oratório outro dia e depois visitei a Srta. Mereweather. Tenho certeza de que ficarás encantada em saber que sua empregada, Ann, acabou de se fazer católica, está muito feliz e isto é um grande consolo para a Srta. M — Como está Tizzy? Quando me escreveres, por favor, põe esta carta diante da tua face e responde a todas as perguntas nela contidas [...] Temo que aches deveras entediante quando teu papai e tua mamãe partirem para L —. Não faz mal, querida N, sabes que podes oferecê-lo ao Sagrado Coração de nosso*

*querido Senhor. Façamos tudo o que pudermos neste mês, especialmente amar e servir o pequeno Rei que fez tanto por amor de nós. Ama esta criança, ela é extremamente digna de ser amada. ‘Venham, então, amemos o Menino de Belém,’ é o grito extasiado de nosso amado Pai Francisco. Fui à Missa da meia-noite na Farm Street. Foi glorioso. A infelicidade foi não poder receber a Sagrada Comunhão, que não é permitida em Londres. Suponho que tenhas tido essa felicidade em casa, em tua encantadora igreja. Tenho um carinho especial por tua igreja. Há nela algo tão grandioso e amplo – gosto muito do estilo romano. Que imensa e longa carta te tenho escrito! Estamos tentando fazer uma árvore de Natal para as crianças do Lar, não a compramos ainda, mas temos algumas **coisinhas ordinárias** para colocar nela quando a tivermos. Tu me disseste há algum tempo que o Tio te deu treze xelins para as crianças pobres. Gostaria que enviasses para elas em tua próxima carta, pois ninguém tem um **tostão** para comprar a árvore e os presentes, e isso ajudará imensamente. Tu poderias enviar em selos. Agora, minha querida, adeus.”*

Presumimos que as asseverações de sua amiga foram consideradas satisfatórias. Ao menos, descobrimos que logo depois a seguinte carta foi recebida:

“Muitíssimo obrigada por tua carta, que recebi há alguns dias. Meu segredo é que preciso ir para as Clarissas em Bayswater, na Páscoa. Papai me prometeu. Não quero que seja conhecido até que eu tenha partido. A Sexta-Feira de Páscoa, dia que escolhi para entrar, é

*dedicada ao Sagrado Coração. Pede orações por mim, por favor, e tu mesma ora por mim com incansável fervor, mas não digas com que intenção pedes as orações. Espero que te juntes a mim em breve, e que possamos nos ajudar a amar a Deus imensamente e de todo o coração. Devo agora te contar sobre a árvore de Natal para as crianças carentes do Lar, que foi um grande **éclat** na segunda-feira passada. Gostaria que estivesses lá para ver a intensa animação e alegria delas. Papai e Mary vão para Lulworth na segunda-feira, então ficarei em relativa solidão, exceto pelos meus queridos companheiros, meus livros, que são sempre agradáveis e interessantes. Acabei de ler a vida do Beato Pedro Claver. Um santo tão gloriosamente heroico, que dedicou toda a sua vida ao serviço dos negros, uma vida de quarenta anos. Eu gosto imensamente de ler vidas de santos. Eles são ‘como heróis de romance, tão graciosamente, tão nobremente, tão majestosamente se portam; suas ações são tão belas quanto a ficção, mas tão reais quanto os fatos.’ Ficarei encantada em deixar nossas crianças do Lar aos teus cuidados, querida, e será muito bom se tu puderes arrecadar o suficiente para lhes dar um presente anualmente. Não achas meu segredo gloriosamente magnífico? Estou sempre pensando nisso.”*

Em outra carta, muito característica, que escreve a uma amiga íntima bem mais jovem, ela diz:

“Fico muito feliz que tu sejas sempre gentil, amável e atenciosa com aqueles que estão sob as tuas ordens – quero dizer, os criados. A— me contou isso. Tenho tanto horror à soberba para com os criados! Como se

não fôssemos feitos do mesmo pó! Sempre faço questão de ser gentil com a dita classe inferior. A vida é curta, façamos o melhor uso de cada oportunidade de sofrer e trabalhar pelo nosso Divino Mestre. Conversa bastante com o Sagrado Coração sobre teu desejo de pertencer inteiramente a Ele. Eu queria conversar contigo sobre a Quaresma e o que podemos fazer por nosso amado Senhor, já que não podemos jejuar. Vou pensar em alguma penitência interior e depois escreverei para te contar. Por favor, faz o mesmo por mim.”

Capítulo VI

A história da vocação de Clara poderia ser considerada a história de sua vida. Assim como outras crianças aprendem contos de fadas, lendas e histórias de todos os tipos no colo de suas mães, Clara adorava ouvir, tanto quanto sua mãe gostava de lhe contar, as histórias dos Santos, de seu maravilhoso heroísmo, sua coragem destemida, seu sacrifício voluntário de alegria, de felicidade e da própria vida, a serviço de seu Mestre.

A história de sua própria santa padroeira, Santa Clara, era a sua favorita. Clara nunca se cansava de ouvir falar daquela heroica Serva de Deus. Sua mãe, que não tinha desejo maior do que vê-la tornar-se freira, costumava chamá-la, em tom de brincadeira, de sua pequena “*Poor Clare*”. Embora privada tão cedo, pela morte, de sua amada mãe, a semente havia sido plantada, e caíra em solo fértil. No grande momento de sua Primeira Comunhão, ela foi inspirada a fazer um voto de virgindade perpétua, e a partir daquele momento, não é exagero dizer que Clara nunca vacilou por um instante em sua determinação de dedicar-se ao serviço de Deus, na primeira oportunidade possível, na vida religiosa. Algumas pessoas verão na atitude acima mencionada um precedente perigoso que nenhum fervor juvenil poderia justificar. Em situações ordinárias, indubitavelmente, estariam certas. Por outro lado, quem pode negar que Deus às vezes atrai almas e as conduz por caminhos extraordinários? Ninguém poderia ler a história de Clara até este ponto sem notar que ela não era uma criança comum. Aos doze anos, a tristeza e a graça já haviam trabalhado em sua alma, ela

aprendera a terrível lição que alguns aprendem tarde na vida, alguns passam todo o tempo aprendendo, e ainda assim mal compreendem completamente até o fim, que “tudo é vaidade”, exceto amar e servir a Deus.

O que o tempo e a experiência fazem pela maioria das pessoas, a espada afiada da angústia fez por Clara. A partir do momento da morte de sua mãe, a vida – ou pelo menos tudo o que a tornava desejável – chegou ao fim para esta filha amorosa e fiel. Ela nunca mais soube o que era ser feliz, e seu único consolo era trabalhar para os outros e promover no mundo os interesses de seu amado Senhor e Mestre. Todas as suas orações e obras de penitência eram direcionadas para este fim: a salvação dos pecadores e a intercessão pelas almas do Purgatório. Quaisquer que fossem os objetivos que, pela fé, sabemos serem os interesses do amoroso Coração de Jesus, ela também os fazia seus. Os pobres, os filhos especiais de Seu amor, também não foram esquecidos. Não é exagero dizer de Clara que ela tinha um amor apaixonado pela pobreza, esta era a paixão suprema de seu querido São Francisco. Com característico entusiasmo, que era tão marcante em sua personalidade, desde o momento em que decidiu tornar-se uma Clarissa ela adotou todas as suas belas tradições e seguiu todas as devoções daquele gloriosíssimo Santo, e na medida do possível, fez dele seu próprio espírito. Ela nunca se cansava de falar dessa bela pobreza de São Francisco, a *Dama Povertà*, com quem ele era misticamente casado e por quem ele havia tão alegremente abdicado de todas as coisas, sendo considerado um louco. Mas Clara não se contentava em imitar seu santo modelo apenas em palavras.

Assim como ele, ela alegrava-se em servir os pobres, em privar-se de tudo o que tinha por eles e em tratar-se, em todas as oportunidades possíveis, como igual a eles, ou melhor, como inferior a eles. Sua maior alegria era economizar para eles o que era destinado às suas próprias refeições, e quando não tinha dinheiro para lhes dar, ela se desfazia alegremente de qualquer pequeno tesouro que possuísse, até mesmo de seu terço e de seu crucifixo. Tudo o que ela podia chamar de seu desejava não somente compartilhar, mas dele privar-se completamente em benefício deles. Não podemos fazer melhor do que citar novamente a carta escrita por sua irmã sobre este assunto. Ela diz:

“Havia uma escola em Londres, não muito longe de nós, na Paróquia de Westminster, e ir para lá era um dos maiores prazeres de Clara. Ela sempre escolhia a criança mais miserável e repulsiva de todas, e a esta criança dedicava todo o seu cuidado e atenção. Era a esta criança a quem Clara gostava de falar sobre nosso querido Senhor e Sua Mãe, por quem, é desnecessário dizer, ela tinha uma devoção especial. Pouco antes de sua partida para Amiens, Clara desejou dar um esplêndido banquete para as crianças da Escola dos Esfarrapados. Ela as reuniu em um grande salão, servindo-lhes o jantar com as próprias mãos e permanecendo como uma humilde serva atrás das cadeiras. Depois, distribuiu para elas e suas famílias um grande número de terços, como um último sinal de seu amor pela Mãe de Deus.”

Esta *Escola dos Esfarrapados*, como vimos, esteve em seus pensamentos até o fim. Ao deixar o mundo, Clara providenciou que sua

amiga mais íntima ficasse encarregada de lhes proporcionar um banquete anual. Ser pobre, sem amigos ou aflito era garantia de acolhida da parte de Clara. Embora geralmente evitasse companhia, e fosse para ela um verdadeiro esforço descer à sala de estar para receber visitas, se lhe dissessem que uma pessoa pobre desejava vê-la, ela não perdia um único instante até ir ao seu encontro. Certa ocasião (uma de suas irmãs estava presente), um irmão leigo jesuíta foi à sua casa pedir esmola. Sendo este um visitante do agrado de Clara, tendo a seu favor as duas coisas que ela mais amava, santidade e pobreza, ela conversou abertamente com ele por algum tempo. Ao partir, ele agradeceu-lhe a gentileza e disse que era muita condescendência da parte de uma jovem dama tão importante como ela falar com tanta familiaridade com um homem pobre e ignorante, um servo dos servos de Deus. “Uma grande dama!” ela exclamou, “Que estás pensando? Não sou nada além de uma pessoa pobre, e nunca serei feliz até que tenha renunciado a tudo e abraçado a pobreza de São Francisco.”

Para alguns pode ser motivo de espanto que, com seu amor pelos pobres e com a atração especial que sempre manifestou pela redenção dos pecadores, Clara tenha escolhido ingressar em uma Ordem contemplativa em vez de uma Ordem ativa. Para Clara, porém, esta dificuldade nunca se apresentou. Ela não hesitou. Deus a chamou para o caminho mais perfeito – ela ouviu Sua Voz em sua alma e obedeceu. Mas se lhe tivessem objetado que, servindo a Cristo na pessoa de Seus Pobres como Irmã da Caridade, ou trabalhando pela redenção dos pecadores como uma Freira do Bom Pastor, ela teria mais certeza de agradá-Lo e cumprir Sua Divina Vontade na terra, ela teria dado a mesma

resposta que a Igreja já deu dez mil vezes às objeções de seus adversários. As Ordens Contemplativas foram fundadas para uma obra especial na Igreja, a fim de rezar, amar e expiar. Como Maria, elas se sentam continuamente aos pés de Nosso Senhor, ouvindo Sua Palavra, e como ela, escolheram a melhor parte e têm a promessa divina “a qual não lhes será tirada”.

Um escritor francês diz: “Os desejos inflamados de um amor que anseia servir a Deus são tão agradáveis a Ele que, em três ocasiões diferentes, o texto inspirado chama Daniel de homem de desejos – *Vir desideriorum*. Se ele é ouvido, é porque é um homem de desejos, como lhe anuncia o Anjo Gabriel: *Quia vir desideriorum es*.” Moisés, disputando com a ira divina, clama: “Ou perdoa este povo ou risca-me do livro da vida”, e o Todo-Poderoso permitiu ser vencido. Assim, as conversões são como que arrancadas das mãos de Deus. Santidade e oração são os dois grandes meios para a salvação das almas. Ação e palavra, instrumentos necessários para a santificação, vêm em segundo lugar. Há tanta diferença entre um realizador (se podemos usar a palavra) e um Apóstolo quanto há entre o corpo e a alma. Quantas mulheres humildes que, desconhecidas deste mundo, tendo orado como Eustelle, chorado e suspirado incessantemente, implorado o perdão divino para os pecadores, se encontrarão no Último Dia rodeadas por uma multidão de Predestinados que deverão o Céu às suas preces, postos entre São Vicente Ferrer, São Francisco Xavier e São Domingos. Outras, talvez contrariamente às suas expectativas, e apesar de seus trabalhos, não terão um único filho espiritual para apresentar a Nosso Senhor, porque estes terão sido homens de ação, não Santos e homens de oração⁵.

Por maior que fosse o desejo de Clara de deixar tudo para seguir a Cristo, no modo de vida para o qual se sentia chamada, seria um grande erro supor que ela não sofreu profundamente quando chegou a hora de sacrificar os laços de afeto que ainda a prendiam ao mundo. Ela era apaixonadamente apegada ao pai e quase igualmente aos irmãos e irmãs, mas sempre lhe ecoavam as palavras de Nosso Senhor: “Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim. Quem ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim. E quem não toma a sua cruz e me segue não é digno de mim.”

Enquanto seu futuro ainda era incerto, ela escreveu o seguinte ao seu pai:

“Quero conversar contigo sobre mim e as Clarissas. Desejo estar segura em meu convento, para nunca mais de lá sair – seguindo a vocação para a qual Deus me chamou, espero e confio [...] As palavras de Nosso Senhor ‘Não fostes vós que Me escolhestes, mas Eu vos escolhi’ são uma verdade bastante assombrosa de se contemplar. Tenho porém rezado diariamente, por tantos anos, para conhecer minha vocação, que confio plenamente quando digo acreditar que a Ordem das Clarissas é a ordem para a qual Deus me chamou, e não estou enganada [...] As austeridades não me surpreenderão pois sigo com o propósito de que todos os meus sentidos e todo tipo de potência que possuo sejam mortificados e subjugados. Seria realmente tolo e absurdo esperar algo diferente disso, de modo que com a força da graça de Deus eu espero ficar e morrer lá.”

Chegara o momento em que Clara receberia permissão para colocar em prática todos esses anseios de seu coração – os quais já ameaçavam pôr em risco sua saúde e minar suas forças. Suas preces foram ouvidas, seu pai retirou a oposição, e a única questão restante era resolver a qual Comunidade específica ela iria se juntar. Ela conhecia há muito tempo as Clarissas de Bayswater, e seus pensamentos naturalmente se voltaram para elas. Enquanto ainda estava incerta, um incidente chamou sua atenção para um convento da mesma Ordem no exterior: a Comunidade das Clarissas em Amiens. Duas coisas a atraíram para este convento: em primeiro lugar, ele gozava do imenso privilégio da Exposição do Santíssimo Sacramento e, em segundo lugar, exigia dela um sacrifício acima do comum. Em seu país, e nas proximidades de Londres, ela teria a segurança das visitas ocasionais de sua numerosa família, de amigos e de parentes, enquanto que em Amiens haveria o mar entre si e eles. A separação seria portanto mais completa e total. Assim, após todas as devidas averiguações terem sido feitas e ela ter tomado conhecimento, por meio de fontes competentes, de que a Comunidade à qual ela pretendia se juntar estava vivendo de acordo com o fervor primitivo de sua regra e era, de fato, conhecida pela santidade e pelo ascetismo de suas vidas, ela pediu e obteve permissão para ingressar na Ordem no dia mencionado anteriormente em suas cartas, a sexta-feira da Semana da Páscoa, 25 de abril de 1862. Esta é uma carta que ela escreveu na segunda-feira da Semana da Páscoa para uma amiga íntima e prima:

*“Fiquei encantada em receber tua carta outro dia, muito obrigada. Não é realmente magnífico? Vou mesmo juntar-me às Clarissas na próxima sexta-feira. Não vou para o Convento em Bayswater, mas para Amiens, pois lá há a Adoração Perpétua. Há uma Casa Jesuíta em Amiens, e o Tio Richard escreveu para um dos padres de lá para perguntar sobre o Convento. O relato que ele deu foi muito satisfatório, embora também **aflitivo**. É totalmente de acordo com o espírito de Santa Clara, e uma comunidade muito fervorosa. A parte aflitiva é que as freiras dizem que enorme parte das que vão para lá para se juntarem a elas estão sendo continuamente rejeitadas, por causa da grande dificuldade em seguir a regra. Elas têm várias noviças agora, mas não esperam que fiquem. Elas não parecem muito dispostas a me aceitar, dizem que a constituição física não pode estar totalmente formada aos dezoito anos. No entanto, seja feita a vontade de Deus, pois esta **deve** ser a minha. Não consegui dormir a noite inteira quando ouvi, pela primeira vez, que eu partiria na sexta-feira. Rezarei de fato por ti. Penso que Deus deve te amar de um modo muito especial, pois Ele enviou tantas coisas para suportares e, agora, a amiga que tu mais amas Ele afasta de ti. Houve uma vez um Coração tão transbordante de dor que precisou dar um forte brado. Foi abandonado até mesmo por Deus. ‘Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?’ Tudo isto foi por amor a ti, e agora Ele te envia algo para sofrer por amor a Ele. Que privilégio os Santos sempre consideraram isto! Penso frequentemente que este teu grande coração, com todas as capacidades com as quais Ele o dotou, deve ter um propósito diferente do de outros mortais! Reza por mim, especialmente na sexta-feira. Teresa⁶ está muito feliz! Não consigo acreditar que ela vai amanhã.*

6 – Sua irmã, Teresa, tornou-se Irmã da Caridade em Westminster, onde faleceu pouco depois.

Parece tão extraordinário. Nossa Mãe Anjo realmente vive entre nós, tanto e mais do que jamais viveu quando estava na Terra.”

No dia seguinte, ela escreve para N. Depois de repetir o que já havia dito, sobre sua mudança de planos, de seu destino que seria Amiens e não Bayswater, ela diz:

“Reza muito por mim, querida N, e agradece ao Nosso amado Senhor por tanto amor em escolher uma criatura tão indigna como eu para a tornar religiosa. Nunca me esquecerei de ti e rezarei diariamente por ti. Não é maravilhoso o caso de Teresa? Sempre pensei que seria assim. Ela entra esta noite. Então esta é a minha despedida, querida N, até nos encontrarmos naquela terra onde não há mais despedidas, mas sim felicidade eterna e alegria sem fim. Espero que tenhas grande devoção a São José. Ele é, como sabes, o padroeiro especial da vida interior. Devo-lhe muito, muito mais do que posso expressar.”

Mais uma vez ela escreve para essa mesma amiga querida. Ao se ler esta carta sente-se que um grito de dor, daquela que seria deixada para trás, e que ficaria sem ela para sempre, a alcançou. Isto talvez por um momento tenha perturbado sua calma, ou melhor, o êxtase feliz com que ela contemplava seu abandono de tudo: pai, parentes, amigos, país, todas as coisas. Começa assim:

“Embora seja meia-noite, realmente não consigo sair de casa sem te escrever e te assegurar de que serás sempre amada por mim e que jamais

serás esquecida. Fiquei muito feliz em receber tua longa carta esta manhã, mas por que pensas que meus sentimentos por ti mudaram? Não debes pensar ou dizer isto, querida N, porque é completamente falso. Eu não mereço todo o amor que me dedicas. Não me conheces, e se me conhecesses não te importarias tanto comigo. Mas tua carta é exatamente como tu, cheia de afeto e generosidade. Fazes um grande bem ao rezar por mim. Agradeço de coração [...] Se me for permitido, certamente escreverei para ti, mas sei que elas são muito rigorosas no que toca à correspondência e raramente é permitido escrever para a própria casa. Oh, N, parece tão glorioso e magnífico pensar que realmente serei esposa de Jesus! Deixarei a biografia de nossa Mãe Anjo para tua leitura particular, mas, por favor, entrega-a a May, porque é dela. Adeus, querida N, cresce diariamente no amor ao Santíssimo Sacramento. Deixa Jesus ser tudo para ti. Sé corajosa e recorre sempre ao Sagrado Coração em todas as tuas provas e aflições. Não há nada tão terno ou tão consolador quanto aquele adorável Coração. Que permaneças nele para sempre. Lamento muito não ter podido te escrever hoje, mas estive tão ocupada que não tive tempo para escrever uma carta longa. Passei toda a tarde e a noite com Teresa em Westminster. Agora, realmente, devo despedir-me até nos encontrarmos naquela terra melhor. Que Deus te abençoe, e que Maria, nossa doce Mãe, vele por ti, e que os santos anjos te guardem e te protejam, e que nunca te esqueças, em tuas orações, de tua amiga e prima.”

Em seguida vem um pós-escrito muito característico:

“Compreendes o fato de eu preferir ir para Amiens, tão longe, etc., etc.?”

Mais uma carta que Clara escreve antes de partir para Amiens. Desta vez para seu tio, o Padre Edmund Vaughan. Começa assim:

“Para mim é uma provação muito maior do que imaginas não poder te ver novamente antes de partir para minha casa em Amiens. Eu tinha toda a intenção de te visitar esta semana. Só soube na Sexta-Feira Santa que iria hoje para Amiens. Mesmo assim, não estava tudo totalmente acertado, pois eu não tinha recebido nenhuma confirmação do próprio convento. É tão glorioso pensar que realmente vou hoje! E no entanto é verdade! Como Deus é imensamente amoroso ao escolher uma criatura tão miserável como eu para ser Sua esposa! Certamente rezarei todos os dias por ti, meu querido tio, e te escreverei quando tiver tomado o hábito, ou antes disso se possível. Já está na hora de partir, então espero que me desculpes por este papel cheio de borrões. Agradeço mil vezes por teu bilhete e por toda a tua bondade e caridade. Lembra-te de mim, especialmente amanhã. Reza para que eu possa perseverar. O pensamento da minha própria indignidade às vezes me oprime tanto que, se algo pudesse me impedir de ir, seria isto.”

Com estas palavras a vida de Clara *no mundo* encerra-se. No dia seguinte ela desembarcou em segurança naquele lar tão ardentemente desejado, que seria seu pelo curto tempo que lhe restava na Terra. Este esboço, tão imperfeitamente construído a partir de lembranças e das cartas que ela deixou, é agora complementado por um registro de

interesse mil vezes maior para as almas espirituais. Trata-se da vida interior e das práticas de oração de Clara durante os nove meses de sua vida como religiosa em Amiens até sua morte, em 1862. Durante esses nove meses sua alma avançou maravilhosamente nos caminhos da perfeição, a ponto de encher de espanto a santa Comunidade da qual Clara se considerava o último e menos digno membro. Esta biografia foi elaborada pelo Confessor da Comunidade, o Rev. M. l'Abbé Herbel, a partir de anotações mantidas pelas religiosas, e foi intitulada “*Notas sobre a vida e morte de Clara Maria Vaughan, Irmã Clara do Menino Jesus, que morreu em odor de santidade em 20 de janeiro de 1862.*”

Capítulo VII

Dois ou três versículos extraídos do quarto livro da *Imitação de Cristo* servirão de introdução para este pequeno esboço que nos propusemos a apresentar. Ao colocarmos estas palavras, que parecem resumir sua vida, na boca de nossa pobre Clara, teremos fornecido a ela meios de revelar a nós seu verdadeiro caráter. Esta breve passagem será a melhor explicação do título que ela gostava de atribuir a si mesma, com a vivacidade de sua fé e o ardor de seu amor: o de Vítima do Santíssimo Sacramento. *“Senhor, tudo o que há nos céus e na terra é Vosso. Desejo oferecer-me a Vós como uma oblação voluntária e permanecer Vosso para sempre. Senhor, na simplicidade do meu coração, hoje me ofereço a Vós como Vosso servo perpétuo, em sinal de homenagem e em sacrifício de louvor eterno. Recebei-me junto com esta sagrada oblação do Vosso precioso Corpo, que hoje Vos ofereço na presença invisível dos santos anjos que me assistem, para que seja para a minha salvação e de todo o Vosso povo.”*

Estas palavras, que uma pena sagrada outrora inscreveu, uma vida entre tantas outras dedicou-se em nossos dias especialmente a ilustrar. Tudo o que temos a dizer sobre esta vida, que embora curta foi tão plena, está descrito nas palavras: *“Recebei-me junto com esta sagrada oblação do Vosso precioso Corpo.”* Sim, foi para a glória da Sagrada Eucaristia que esta criança nasceu, foi para este fim que ela viveu, e para este fim ela morreu. Se nos é permitido comparar pequenas coisas com grandes, poderíamos até dizer que São João recebeu a missão de dar testemunho da Palavra oculta sob o véu da humanidade, assim como esta

santa alma recebeu a missão do Céu de dar testemunho, no círculo estreito em que se movia, daquela Luz oculta sob o véu do Santíssimo Sacramento do Altar. Para ela, viver era amar e adorar. Para ela, a morte era ver e possuir o Deus todo-amoroso, que se dignou de nos assegurar que *“Seu deleite é estar com os filhos dos homens”*.

Dedicada a Deus por anos, desde o seu nascimento, pelos hábitos de sua vida e pelos desejos de seu coração, havia chegado o tempo em que Clara o seria em obra e verdade. Não foi, porém, sem antes certificar-se da autenticidade de sua vocação, que seu pai finalmente cedeu aos seus insistentes rogos. Em 8 de abril de 1861, ele a levou pessoalmente a Amiens e a entregou à Comunidade das Clarissas. Clara escolhera aquela casa em vez de outras pelo fato de o Santíssimo Sacramento estar ali perpetuamente exposto, dia e noite, à adoração dos fiéis e das religiosas da Ordem. “Desde nossa primeira entrevista”, comenta a freira cujas anotações serviram de base para esta pequena obra, “chamamos a atenção do Coronel Vaughan para os temores que todas nós tínhamos, de que sua filha jamais conseguiria se acostumar ao nosso modo de vida, devido à sua constituição frágil e à sua educação, mas ele nos assegurou que o anseio de sua filha de consagrar-se a Deus a estava matando aos poucos, e que acreditava que o efeito da observância de nossa regra sobre sua saúde, por mais austera que fosse, seria menos temível do que a oposição aos seus desejos, o que ameaçava comprometê-la completamente. Cedemos a este raciocínio, sabendo por experiência que a paz de espírito e o contentamento do coração muitas vezes exercem uma influência maravilhosamente salutar, mesmo em constituições já ameaçadas por doenças. Clara foi, por conseguinte,

apresentada à Comunidade, que se encontrava reunida em Capítulo para esse fim. O renome de suas virtudes, sua eminente piedade e inocência angélica a haviam precedido entre nós. Sua Eminência, o Cardeal Wiseman, expressara-se a respeito dela nestes termos, em carta a nós dirigida por ocasião deste evento:

‘Confio aos vossos cuidados uma querida ovelha do meu rebanho, Clara Vaughan, para que ela se associe a vós em vossas mortificações e orações – algumas das quais creio que serão por nós. Passareis a possuir uma flor primorosa, uma flor de inocência e virtude da qual lamento profundamente separar-me. Ela é uma daquelas almas que aprouve a Nosso Senhor preservar em sua pureza batismal.’

Este grande elogio, vindo com o peso de tão grande e venerável autoridade, aumentou o desejo que já sentíamos de ter em nosso meio uma alma tão santa. Ainda assim, nosso primeiro querer era conhecer e cumprir a santa vontade de Deus com relação à sua admissão. Então, para nos certificarmos da veracidade de sua vocação, dirigimos a ela as perguntas de praxe, não permitindo que ela permanecesse alheia, nem por um momento, ao lado árduo e penitencial da nova forma de vida que ela propunha adotar. Perguntamos a ela, entre outras coisas, como jamais tendo realizado qualquer trabalho manual ela se disporia a realizar tarefas comuns e humildes que fazem o cotidiano de uma comunidade religiosa, como varrer a casa, lavar os pratos e a louça, preparar a comida *etc.* A todas essas perguntas, e outras semelhantes, sua resposta invariável era: ‘Tentarei fazer isso assim que me houverdes mostrado o caminho’. Pondo de lado uma dificuldade por outra, a sua preocupação não seria fazer essas coisas, mas fazê-las bem. Outro

obstáculo, dessa vez quase insuperável para qualquer coragem que não fosse a de Clara, se apresentou. Na casa de seu pai, devido à sua extrema fraqueza digestiva, Clara sempre comia carne nos dias de abstinência. A Regra da Ordem das Clarissas impõe abstinência perpétua de carne, e esta regra é tão absoluta que a dispensa não é concedida nem mesmo em casos de doenças graves. A resposta da piedosa postulante a esta objeção foi que, uma vez admitida, faria como as demais e participaria alegremente de tudo o que lhe fosse apresentado, e para persuadir suas interrogadoras a compartilharem seus próprios sentimentos de confiança, ela ingenuamente as assegurou de que seu estômago seguiria o comando de sua cabeça e que ambos se submeteriam à nossa santa Regra: ‘pois’, disse ela, ‘embora o menor estudo ou aplicação da mente me cause dores violentas, nunca as sinto quando rezo, e então o tempo me parece sempre muito curto’. Sem que nenhum argumento abalasse sua determinação de se tornar uma Clarissa, a Comunidade procedeu à deliberação sobre sua admissão na casa e, por conseguinte, como é costume nesses casos, ela foi reconduzida ao recinto externo enquanto a reunião prosseguia.

“Tu rezarás muito até que se conheça a vontade de Deus”, disse uma das Irmãs que a acompanhavam. “Oh, sim”, ela exclamou com muita sinceridade, “já rezei de todo o coração por esta intenção.” “Mas”, acrescentou a Irmã, “quando chegar o momento de fazer o sacrifício, de uma vez por todas, e tiveres de te despedir de teu pai, tua coragem poderá sumir e talvez não sejas capaz de deixá-lo retornar sozinho para a Inglaterra.” A estas palavras, a pobre criança proferiu um “*Não!*” dos mais decididos, o qual revelava o fervor de uma vontade triunfante sobre

todos os instintos da natureza, pelo chamado da fé. Lágrimas correram por suas faces, causadas mais pelo temor de ser rejeitada do que pelo pensamento de se separar daquele a quem mais amava na terra. Só restava lhe consolar e dizer que confiasse em Deus, que jamais permitirá que aqueles que n'Ele confiam sejam confundidos. Deste modo, apesar dos temores naturais que sua saúde suscitava, com a perspectiva da mudança de vida e de hábitos, o Capítulo julgou que era da Vontade Divina que a jovem postulante fosse admitida, ao menos em caráter probatório, mesmo que isto significasse o risco de devolvê-la à sua família se a provação fosse além de suas forças. Contudo, Nosso Senhor tinha planos particulares para esta alma, e Ele quis que se cumprissem para Sua honra e glória. Clara foi então recebida na Comunidade. “Seria quase impossível para nós”, declarou a Superiora do Convento, “descrever a alegria que ela demonstrou quando a boa nova lhe foi anunciada, e ainda mais difícil expressar em palavras a sua felicidade quando foi admitida na Comunidade.” Esta foi ainda maior quando ela viu-se despojada de suas vestes mundanas para ser revestida com o pobre e humilde hábito da Religião.

O Profeta faz esta pergunta: *“Acaso uma Virgem se esquecerá de seus adornos ou uma noiva de seu corpete?”*⁷ Podemos em verdade responder a esta pergunta afirmativamente. Este prodígio se realiza diariamente, e a casa de Santa Clara em Amiens o demonstrou renovado, pela centésima vez. Nenhuma palavra pode dizer quão belo, quão atraente é este Esposo amantíssimo que Se oferece à alma do homem para possuí-la por completo. Com fervorosa gratidão, a nova noiva de Nosso Senhor deu a cada uma das Irmãs o costumeiro beijo da paz, e

com que fervor de alegria agradeceu a elas o favor que lhe haviam concedido!

Cumpridas estas formalidades, ela foi confiada aos cuidados da Mestra de Noviças, de quem, é desnecessário dizer, recebeu a mais cordial acolhida. Se o Noviciado festejava este acréscimo ao seu número, não menos toda a Comunidade apreciaria e reconheceria o valor do precioso tesouro com o qual Nosso Senhor a havia enriquecido. Irmã Maria Clara do Menino Jesus (o nome que escolheu na Religião) era de fato, como expressou o Cardeal Wiseman, um anjo de inocência e doçura. Seu semblante trazia impressa uma expressão tão gentil de candura, seus modos eram tão cheios de graça e dignidade, tudo nela revelava algo tão absolutamente angelical, enfim, que já se poderia tomá-la como uma habitante do Céu. Sua própria presença irradiava alegria e paz sobre aqueles que dela se aproximavam, sentia-se naturalmente atraído por ela, e era impossível vê-la sem amá-la.

A nova postulante, desde o início, teve de submeter-se à provação mais difícil que lhe poderia ser imposta: a de não lhe ser permitido observar a Regra em toda a sua integridade. Esta medida de precaução foi sábia e prudente. Não obstante a sua repugnância em ser dispensada e seus pedidos para que não fosse poupada, ela teve de submeter-se e colocar seu mérito na obediência, e não em seus atos de mortificação. À parte este sofrimento, que era muito real, mas que seu bom senso e, sobretudo, seu sentimento religioso permitiram-lhe superar rapidamente, ela encontrava infinito prazer na companhia de suas irmãs, não perdendo ocasião de lhes mostrar o quão feliz estava por se encontrar entre elas. Tomando o mais intenso prazer em todos os

exercícios religiosos dos quais lhe era permitido participar, ela levava o maior fervor a todas as práticas de seu novo estado de vida. A única nuvem que ocasionalmente perturbava a paz de sua feliz e pacífica existência era o medo de que sua saúde se tornasse um obstáculo intransponível para sua admissão definitiva na casa. Um dia, ela ouviu algumas das irmãs dizendo umas às outras que as noviças não podiam, em sã consciência, ser admitidas na Comunidade se não fossem capazes de cumprir a Regra. Ela interpretou essas palavras como dirigidas a si, e foi com a maior dificuldade que pôde ser consolada. “Eu preferiria muito mais”, disse ela em seu estilo expressivo e enérgico, “que minhas pernas e braços fossem cortados a ter recusada a minha admissão.” “Não”, acrescentou ela, “nada jamais poderá me arrancar daqui.”

Uma carta que ela escreveu logo após sua chegada em Amiens ao seu tio e diretor, Padre Vaughan, foi preservada e revela o quão profundamente ela mergulhou de corpo e alma nos deveres de sua nova vida.

“Foi um verdadeiro prazer receber a tua carta há alguns dias. Eu estava justamente pensando em pedir permissão para te escrever quando a recebi. Muito obrigada por ela. Faz-me sempre bem receber notícias tuas. Estou muito feliz aqui nesta verdadeira casa de Santa Clara. Encontrei tudo o que desejava. O Santíssimo Sacramento exposto perpetuamente, noite e dia, é toda a minha consolação e alegria. Que conforto pensar que tu rezas por mim. Uma verdadeira Clarissa deve viver no Calvário, deve usar uma coroa de espinhos e, por seus três votos, pregar-se na Cruz de seu Esposo crucificado, se deseja alcançar

seu lar no Céu. Além disso, sou terrivelmente tentada a sentir inveja da felicidade da querida Teresa! Não foi uma bela morte morrer imediatamente após fazer seus votos? Agora ela ouve aquelas palavras gloriosas: **Veni, Sponsa Christi! Accipe coronam tuam quam tibi Dominus praeparavit in æternum.** Oh, quão rapidamente nosso querido Senhor preparou sua alma para seguir entre as outras Virgens no Céu. Ouvi dizer que ela estava imensamente mudada nas três semanas anteriores à sua morte, e seu único prazer era falar sobre assuntos espirituais. Ela costumava me dizer, sorrindo: 'Ah, o Tio Edmund nunca me entende e não consigo me dar bem com ele. Quem me dera poder enviar-lhe a minha alma sem o meu corpo. É apenas com ela que ele se importa!' Vivemos inteiramente na Igreja. Tenho um lugar tão bonito lá, bem perto de nosso querido Senhor. É tão magnífico levantar à noite para cantar Seus louvores, e depois fazer a nossa adoração logo após as Matinas. Nunca me canso, pelo contrário, é quando não vou às Matinas que me canso. Lavo e limpo a louça e as panelas etc., tiro o pó e varro os corredores e escadas etc. Não temos irmãs leigas. Aqui, a Santa Pobreza é amada apaixonadamente. Nunca vi religiosas tão completamente devotadas a Deus como estas aqui. Nossa Reverenda Madre Abadessa é perfeita em humildade e paciência. Há dois ou três dias, no refeitório, ela ajoelhou-se diante de cada uma das religiosas e beijou seus pés. Ela fez o mesmo com as noviças. Estou imensamente grata a ti por tuas preces. Reza por mim para que eu aceite generosamente as cruzes e as provações que nosso amado Senhor me envia. Uma vida de Clarissa **deve** ser uma vida de sofrimento. Comungamos com uma frequência maravilhosa, até mesmo as noviças

vão quatro ou cinco vezes por semana. As professoras vão todos os dias. Na semana passada fui todos os dias. Temos duas Missas e Bênção todos os dias. Temos uma Mestra de Noviças perfeita. Oh, reza por mim para que eu não abuse de tais incompreensíveis graças e favores. Sinto-me terrivelmente aterrorizada quanto à minha perseverança e com o medo de ser mandada embora, pois sinto lá no fundo que isto seria simplesmente o que mereço. No entanto eu disse à nossa Madre Mestra, outro dia, que encontrei um lugar no Convento onde pretendo me esconder se me mandarem embora, e ela me deu sua permissão para que eu faça lá minha profissão. Estou na esperança de que tenha o nome de Soeur Madeleine, Victime du Saint-Sacrement. Muitas das Irmãs já me chamam por este nome. Outras me chamam de Sponsa Christi. Tenho muita dificuldade em me adaptar à dieta vegetariana daqui. Às vezes nem consigo engolir o pão. As freiras porém são tão boas e caridosas, estão sempre fazendo novenas por mim, de modo que já superei muitas dificuldades. Espero começar o jejum no final deste mês. De acordo com nossa Regra, somos obrigadas a jejuar por um mês antes de recebermos o Hábito. Leio as Constituições todos os dias no refeitório. A dieta é muito rigorosa aqui: apenas uma refeição ao meio-dia, nada antes desse horário, e às seis horas um pedaço de pão e cerveja. Não tenho maior devoção do que rezar pelos pecadores. Eu os amo de todo o meu coração, quase todas as minhas orações são por eles – o Ofício Divino rezo por eles, e os unirei no futuro aos trabalhos dos Redentoristas. Não há nada na terra mais triste de se pensar do que o fato de se perderem as almas que o amor de Nosso Senhor não pôde deixar de criar, mesmo sabendo de todos os pecados que elas cometeriam contra Ele. Nossa Reverenda

Madre Abadessa tem um amor ardente pelos pecadores. Sua alma é como um templo dedicado ao Céu – como o Panteão em Roma, iluminado apenas por cima. Todas as religiosas daqui participam de uma confraria pela conversão da Inglaterra, e a Inglaterra tem parte em todas as suas orações e penitências. Toda a vida de uma Clarissa é uma vida de reparação. Agora, meu querido tio, tenho um favor a te pedir. Quero fazer um pacto contigo. Oferecerei a Sagrada Comunhão por ti todas as quintas-feiras se fizeres também algo tão generoso por mim. Por favor, não te esqueças de responder. Fiquei encantada em saber sobre Kenelm. Espero que ele seja um Redentorista. Rezo por isto. Agora vou participar do Capítulo. Nossa Madre Abadessa e nossa Mestra de Noviças te enviam seus respeitos, e esta última diz que ficará encantada quando tu me escreveres, pois tuas cartas só podem fazer bem, e a Comunidade ficará muito feliz em rezar por tuas missões quando escreveres sobre elas. Devo agora concluir esta carta imensamente longa. Não creio que terás tempo ou a imensa paciência necessária para lê-la por completo. Mas o que imploro é que tu supliques quando estiveres ao Altar para que eu possa ser Esposa de nosso Senhor Bendito quando Ele vier para tomar todos os Seus no Banquete das Bodas eternas. Há quarenta religiosas aqui, mas não há uma freira inglesa entre elas. Reza por mim.”

Cinco meses se passaram e Clara ainda era postulante, e suas superiores, embora não economizassem no incentivo, ainda não tinham dito uma única palavra – como teria acontecido em um caso comum, quando não existem razões para adiar a Tomada do Hábito – para fazê-la supor que em breve seria admitida naquela cerimônia. Seu ânimo, no

entanto, jamais fraquejou, e ela havia suportado razoavelmente bem as privações do jejum e as demais austeridades da Regra, as quais por algum tempo vinha seguindo em toda a sua severidade. A prudência pedia por uma provação mais longa, e nisto o conselho prevaleceu, mas como seria possível resistir a desejos tão fervorosos, a apelos tão ardentes? Mais um mês se passou na incerteza até que, vencidas por tamanha fidelidade e persistência, as religiosas, tendo consultado a venerável autoridade eclesiástica sob cujos cuidados sua casa estava estabelecida, consentiram em receber a piedosa postulante no número de suas noviças. Nosso Divino Salvador, que se compraz em fazer a vontade daqueles que O amam, dignou-Se a ouvir e conceder os anseios desta querida filha e, como os pensamentos e as vontades de todos os homens estão em Suas mãos, Ele assim o ordenou para que toda a Comunidade se declarasse, por unanimidade, a seu favor. Uma carta que ela escreveu a seu irmão, o Reverendo Kenelm Vaughan, data de aproximadamente essa época.

“Fiquei deveras encantada ao receber tua carta há algum tempo. Posso facilmente imaginar que tenhas de sofrer, mas, como dizes: ‘Quando uma alma está resolvida a sofrer por Deus, a dor do sofrimento cessa.’ Muito obrigada pelos livros que me enviaste. Gosto muito dos de Santa Gertrudes. Ainda não li a obra de Dalgairns. Livros em francês são bem-vindos aqui, já que as freiras, sendo todas francesas (exceto uma), não conseguem entender uma palavra de inglês, e ficam felizes com uma nova obra ou livro de orações em francês. Escrevo para dar-te uma notícia gloriosa. Vou tomar o santo Hábito de Santa Clara na Festa de Santa Teresa. Espero que ofereças a Sagrada Comunhão por mim nesse

grande dia, para que eu possa carregar minha cruz valorosamente e seguir meu Esposo até a morte. Ontem, sendo a Festa de nosso Pai São Francisco, tivemos uma hora de recreação. Temos recreação quatro vezes por ano. Rezo muito por ti. Todos os dias encontro-me com nossa Mãe Anjo, com a querida Teresa e com toda a família no Sagrado Coração perante o Santíssimo Sacramento. Jamais nos encontraremos em nenhum outro Lar senão este, até chegarmos ao nosso Lar eterno no Céu. Como está o Tio Edmund? Costumo pensar que Nosso Senhor escolhe as Clarissas para honrar Sua vida de sofrimento, e os Redentoristas para honrar Sua vida ativa. Espero que Mary esteja se saindo bem com [...] No entanto, Deus a terá em breve – assim que ela estiver emplumada⁸ e pronta para voar. Pássaros emplumados devem voar, e os nossos voam todos em uma só direção – como a pomba, para encontrar o descanso.”⁹ †

O dia quinze de outubro, Festa de Santa Teresa, foi fixado para esta comovente cerimônia. Embora se diga que a vida das filhas de São Francisco seja um perpétuo retiro, oito dias de uma solidão ainda mais absoluta são prescritos pela Regra quando da preparação da futura noviça para seus esponsais místicos. Se nesses dias de retiro seu fervor aumentou, seu amor tornou-se ainda mais ardente, e se seu desejo de toda a vida – morrer para unir-se ao seu Senhor e único Amor – fez-se mais forte do que antes, pode-se dizer também que Deus, por outro lado, preencheu sua alma com graças ainda mais abundantes, e com Suas mais consoladoras e escolhidas bênçãos.

8 – A irmã de Clara, Mary, morreu em 1884 quando era Priora de Santo Agostinho, em Newton Abbot.

9 – † Dos seus oito irmãos, seis se tornaram padres, e todas as suas irmãs ingressaram em conventos.

Ele não queria, por ora, romper os laços que a prendiam à terra, mas purificava e desapegava o seu coração cada vez mais. A espada do sacrifício permanecia suspensa sobre a sua cabeça, mas a vítima ainda se preparava, e do topo do Tabor podia avistar o seu Calvário.

Aqueles que foram testemunhas da sua Tomada de Hábito ainda preservam a lembrança daquele dia.

“Acho que ainda a vejo”, disse-nos recentemente o Vigário-Geral, falando da comovente cerimônia que ele havia presidido, “de pé, com seu semblante pálido, levemente tingido por aquela luz brilhante com a qual pintamos os Serafins ardendo em amor Divino, vestida com uma túnica simples que lhe descia até os pés que estavam descalços, segundo o costume da Ordem. Com seus cabelos soltos, caindo em mechas espessas sobre os ombros, sua cabeça coroada de espinhos, segurava o crucifixo em suas mãos. Quando apareceu no meio do coro, lembramos de uma das virgens da Igreja Primitiva sendo levada para o local de seu martírio ou, para tomar uma semelhança ainda mais elevada, pensamos no Anjo da Ressurreição assentado sobre a pedra do Sepulcro, dizendo às santas mulheres: ‘Ele não está aqui. Vede o lugar onde O puseram.’”¹⁰

Uma vez vestida com as librés de Jesus Cristo por seu hábito de freira, a Irmã Maria Clara do Menino Jesus passou rapidamente a despojar-se de tudo o que ainda lhe restava do velho homem e a revestir-se do novo, o qual, como diz São Paulo, foi criado para a santidade e a verdade. O grande meio para realizar essa transfiguração, ou melhor, a substituição da criatura pelo Criador, está na devota e contínua frequência àquele augusto Sacramento, após cuja recepção a alma do homem poderá deveras clamar: ‘Não sou mais eu quem vive,

10 – Marcos 16, 6.

mas é Jesus Cristo quem vive em mim'. Já chamamos a atenção para o fato de que a característica distintiva da Irmã do Menino Jesus, sua atração particular, sua vocação, parecia ser a de honrar a Jesus presente e oculto sob o véu eucarístico. Foi para seguir este chamado que ela resistiu aos esforços do Cardeal Wiseman de convencê-la a permanecer em Londres, bem como aos desejos de seu tio, o Bispo de Plymouth, que de bom grado a teria acolhido em uma das comunidades religiosas estabelecidas em sua diocese. Vendo, portanto, todos os seus anseios realizados, em sua admissão no Convento das Clarissas, que goza do feliz privilégio da Adoração Perpétua, não é de se estranhar que ela tenha se entregado inteiramente à prática que constituía a felicidade de sua vida. Assim como o ímã se volta para o Polo Norte, do mesmo modo todos os seus pensamentos, desejos e afetos voltavam-se para o lugar onde Jesus residia. Mesmo quando dormia à noite gostava de deitar-se com o rosto voltado para Aquele que era o desejo de seu coração, certamente Lhe dizendo, como a Esposa do Cântico: “Eu durmo, mas o meu coração vigia.” Muitas vezes, ao passar pelo lado de fora da capela, ela se prostrava em adoração diante de Nosso Senhor e beijava com devotada afeição a porta que conduzia à Sua Presença. Em seu ardente desejo de aumentar o número de suas visitas ao Santíssimo Sacramento, costumava dar um jeito de esquecer um livro ou qualquer outro objeto na capela, o que lhe daria uma desculpa para que pudesse ter mais alguns momentos de adoração ao Nosso Senhor. Frequentemente implorava permissão para passar a noite inteira na presença do Santíssimo Sacramento, argumentando ingenuamente “que era impossível dormir quando se sabia que Ele estava ali”. Nos primeiros dias após a sua chegada ao

Convento, consideraram recomendável não incluir seu nome entre as vigílias noturnas, mas assim que ela descobriu o feito ficou completamente inconsolável, e teve de ser recompensada de outras maneiras até que pudesse ser convencida a enxugar as lágrimas.”

O tempo passado no Santuário era para ela sempre curto demais, e frequentemente a ouviam dizer, quando a Adoração chegava ao fim: “Como! Já é mesmo hora de ir? Mas nós apenas começamos!” Santo Agostinho escreveu em uma de suas obras: “Dá-me um coração que ama de verdade, e ele compreenderá o que digo”.¹¹ Também nós devemos exigir de um coração que ele ame, para que possa compreender o que temos a dizer. Um dia, quando o sino tocou para que todas na Comunidade se recolhessem e descansassem pelo resto da noite, à exceção daquelas que faziam vigília diante do Santíssimo, a piedosa vítima do Santíssimo Sacramento cumpriu a obrigação de obediência à Regra, retirando-se para a sua cela com as demais. No entanto, não encontrando nada tão doce quanto vigiar perto de seu Amado, ela levantou-se da cama de campanha onde havia se deitado completamente vestida, pegou a colcha que lhe servia para descansar a cabeça quando estava exausta e passou o restante da noite no claustro adjacente à igreja. As freiras, ao saírem das matinas ou da vigília do Santíssimo Sacramento, ficaram atônitas ao encontrá-la estendida sobre as tábuas nuas do claustro, tendo sucumbido ao sono que, desta vez, triunfou sobre a sua resolução.

11 – “Dá-me alguém que ama e ele compreenderá o que digo. Dá-me um homem de desejos, alguém que tem fome. Dá-me neste deserto um peregrino que tem sede. Dá-me alguém que suspira pela fonte eterna – ele compreenderá o que digo. Mas se minhas palavras caírem em ouvidos frios, elas não farão sentido.” – Santo Agostinho, *In Johan. Tract. XXVI*. Traduzido por M. Allies.

[A nota original diz *Tract xxv*, mas a famosa passagem sobre o amor, a fome e a sede no deserto está, na verdade, no *Tractatus XXVI*, parágrafo 4, do comentário de Agostinho a São João. – *N. do T.*]

Esse seu amor ardente pelo Santíssimo Sacramento manifestava-se em toda parte e em todas as coisas, tanto nas menores quanto nas maiores. Quando se tratava de varrer os assentos do coro, na parte da igreja reservada às freiras, por exemplo, ela encontrava nessa ocupação comum e ordinária um pretexto para satisfazer seu amor e sua devoção, pois assim podia passar de um lado para o outro diante da pequena abertura através da qual podia avistar a Hóstia Sagrada. Assim que ela alcançava esse ponto, no entanto, seu trabalho não avançava mais. Ela não conseguia se desprender dali. Enquanto suas mãos espanavam mecanicamente o degrau e os suportes de cada lado da grade, seus olhos e seu coração permaneciam fixos no ostensório que guardava o objeto de todo o seu amor.

Quando o Santíssimo Sacramento era exposto na grade interna, para o benefício da Comunidade, era uma grande consolação para esta santa noviça colocar-se no meio do coro, de modo a se aproximar da Hóstia Sagrada e obter d'Ele uma melhor visão. Ali ela permanecia imóvel e, por assim dizer, arrebatada em um êxtase de amor. No entanto, para evitar a singularidade, consideraram melhor proibir tal manifestação exterior de seu ardente amor. Ela submeteu-se humildemente à palavra de sua Superiora, mas esse sacrifício foi tal que somente Deus conhece todo o seu valor.

O que vamos agora relatar pode parecer muito insignificante para alguns que apenas se importam com o que parece grande aos olhos do mundo. Para as almas às quais Nosso Senhor disse “Graças te dou, ó Pai, Senhor do Céu e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e prudentes e as revelaste aos pequeninos”¹², para essas almas, tais

12 – Lucas 10, 21.

pequenos detalhes não serão desprovidos de certo interesse e atração. Permitamos então que a Irmã, de cuja narrativa tais detalhes são extraídos, nos dê o seu próprio relato sobre o assunto.

“Temos o hábito, como é de costume sempre que o Santíssimo Sacramento está exposto, de dispor algumas velas acesas de cada lado do ostensório onde se encontra a Sagrada Hóstia. Assim, durante a noite, quando uma das velas estava quase no fim ou já tinha acabado, sabendo da felicidade que era para a nossa querida Irmã do Menino Jesus aproximar-se de Nosso Senhor, passávamos a ela o cuidado de substituí-las, sem dar aparente importância a este dever. Jamais esqueceremos o profundo respeito e a reverência com que ela se desincumbia desse ofício, o qual, para ela, constituía um privilégio invejável. Antes de deixar o local, ela beijava respeitosa e amorosamente as grades que separam o nosso coro do Santuário onde o Santíssimo Sacramento fica exposto. Ao fazê-lo, ela nos lembrava aquela bela passagem do quarto livro da *Imitação de Cristo*: ‘Pois quem, aproximando-se humildemente da fonte de doçura, não colhe dela um pouco de suavidade? Ou quem, estando junto a um fogo copioso, não recebe dele algum calor? E Tu és uma fonte sempre cheia e transbordante. Tu és um fogo sempre ardente e que nunca falha. Portanto, se não me é dado exaurir a plenitude da fonte, nem beber até a saciedade, porei ao menos a minha boca na abertura deste tubo celestial, para que assim possa extrair dali algumas pequenas gotas que acalmem a minha sede, e não venha eu a murchar completamente.’”¹³

Pareceria quase supérfluo, depois de tudo o que dissemos a respeito do amor ardente de nossa santa noviça pelo Sacramento do

13 – *Imitação de Cristo*, IV, 4.

Altar, falar do fervor de suas Comunhões e do profundo aniquilamento com que assistia todos os dias ao Santo Sacrifício da Missa. Era sobretudo na Missa que ela se unia a Jesus, nossa Vítima, oferecendo-se com Ele pela salvação dos pecadores. Este espírito de reparação era, podemos dizer, o traço distintivo da terna piedade da Irmã Maria Clara do Menino Jesus. Expiar os ultrajes que Nosso Senhor recebe no Sacramento do Altar e obter a conversão dos pobres pecadores constituía o objeto de todos os seus desejos. Suas preces e intenções dirigiam-se todas para este sublime fim. Assim, ela nutria uma devoção especial à Ladainha de Reparação, recitada todas as noites pelas filhas de São Francisco na Comunidade de Amiens. Mal as primeiras palavras eram pronunciadas, sua cabeça voltava-se para o Tabernáculo e, de mãos postas e olhos fixos na Sagrada Hóstia, ela respondia a cada invocação com o maior fervor. Este exercício de reparação lhe era tão caro, ocupava um lugar tão proeminente em seu pensamento, que mesmo em seu sono, ou quando não estava totalmente consciente do que fazia, ela às vezes colocava o seu cordão ao redor do pescoço como se fosse rezar. Então, quando totalmente desperta, repetia a cada respiração: “Oh, meu Deus, Vós não sois amado – Vós sois tão constantemente ofendido.” Às vezes ela soltava profundos suspiros, e após alguns minutos de silêncio continuava: “Meu Deus! Eis-me aqui. Vós me destes um corpo, eu o ofereço mais uma vez a Vós. Fere-o. Fere-me, mas poupei os pobres pecadores.” Em seguida, aplicava em si uma severa disciplina. “Eu consinto”, disse ela em outra ocasião, “em permanecer na terra até o fim do mundo se, por esse meio, puder salvar uma única alma.” Em outra oportunidade, ouviram-na clamar: “Oh, meu Deus, onde está a Vossa

justiça divina? Vós a abandonastes. Não há sinal de nada além da Vossa misericórdia na terra, no entanto os pecadores continuam a Vos ofender! Não, amado Senhor, Vós não sois amado, mas eu Vos amo, ou ao menos desejo Vos amar.”

Então ela repetia o *Parce Domine*. No momento em que esta alma angelical tomava, para si e para os pecadores, a satisfação exigida para completar o preço do resgate oferecido pelo Redentor da humanidade, segundo aquela admirável palavra de São Paulo, que diz: “Completo o que resta dos sofrimentos de Cristo”¹⁴, nessa mesma hora, da noite silenciosa e solitária, uma jovem do mundo, vítima sem coroa de suas leis e exigências, regressava para sua casa exausta pela fadiga e pela agitação. Enquanto sua carruagem deslizava rente ao muro do convento, ela ouvia o sino convocando as reclusas voluntárias à oração, talvez dizendo consigo “para que servem as freiras?” Eu lhe direi – É para *expiar*. Após a noite de prazeres que tu gozaste no salão ou no teatro, outra noite virá, uma noite de agonia e sofrimento extremo. Estarás então deitada em teu leito, face a face com a eternidade que debes encarar sozinha e sem assistência. Não ousarás, ou talvez não possas, rezar. Alguém porém rezou por ti, e fazendo violência ao Céu obteve o que não eras digna de esperar. Eis para que servem as freiras. Neste momento, resta apenas a palavra de Nosso Senhor: “Em verdade, em verdade vos digo que chorareis e vos lamentareis, mas o mundo se alegrará. Eu vos verei novamente e o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém poderá tirar.”¹⁵ Cada um tem o seu quinhão. De um lado, lágrimas, mas lágrimas que não são isentas de doçura. Do outro lado, prazeres, mas

14 – Colossenses 1, 24.

15 – João XVI 20, 22.

prazeres que não são isentos de amargura, e que amiúde são os precursores da danação eterna.

À Irmã Maria Clara foram oferecidas oportunidades de escolha, e sua escolha não lhe causou muita hesitação. Como Jesus Cristo, a quem foram oferecidas alegrias e preferiu a Cruz, ela não desejou outra herança, e por estranho que pareça, considerou esta o quinhão mais precioso, o cálice mais inebriante. Aceitando o sacrifício que lhe foi exigido, escolheu, até mesmo por sua felicidade neste mundo, “a melhor parte”. Ouçamos as palavras de arrebatamento – estávamos quase dizendo “delírios” – que às vezes escapavam de seu coração e brotavam de seus lábios. Lendo-os, poderíamos pensar que estamos diante de uma página da vida de Santa Maria Madalena de Pazzi, aquela grande santa que, extasiada pelo amor divino, costumava tocar o sino do convento no meio da noite, a fim de convidar todos para que fossem prestar homenagem ao seu Divino Esposo. “Ó Amor! Meu amado Amor”, clamava a Irmã Maria Clara, “como sou feliz por estar aqui: tudo respira o Vosso amor, tudo me fala do Vosso amor. Que intensa felicidade me causa pensar nisso. Quando encontro uma freira, digo a mim mesma: Ó Amor, fostes Vós quem a chamastes, e o mesmo digo de todas as irmãs. Não posso evitar repetir: Ó Amor, pois foi o Vosso amor, e somente o Vosso, que a chamou para ser Vossa Esposa! Ó Jesus, meu Deus, como Vos amo. Amo-Vos enormemente, amo a Vós somente, e morrerei de amor a menos que me ameis.”

É estranho dizer que era o francês a língua com que nossa Irmã, nessas ocasiões, se expressava com tanta fluência. Esta permissão de Deus, sem dúvida, era para uma maior edificação da comunidade, pois

conhecendo apenas imperfeitamente a nossa língua, ela preferia, em seus exercícios comuns de devoção e oração, fazer uso do idioma inglês. Em momentos como esses a que nos referimos, ela ficava tão totalmente absorta em Deus que se tornava insensível a tudo. Nada do que ouvia ou via lhe causava qualquer impressão. O ruído mais ensurdecedor ao seu lado, o seu nome sendo chamado, os esforços feitos para retirá-la desse estado não surtiam efeito algum. Todavia, à palavra da Madre Abadessa, ou se a Mestra de Noviças lhe dirigia a palavra, em nome da obediência ela recuperava imediatamente o uso dos sentidos e podia juntar-se às demais religiosas para ir ao coro.

Certa vez, encontrando-se a sós com uma de suas irmãs noviças, durante a meia hora de Adoração diurna, trancaram a porta para evitar serem surpreendidas e, com cordas ao redor do pescoço prostraram-se no meio do coro, recitando, nessa posição, as preces de Reparação. A jovem irmã que a acompanhava não ousou permanecer muito tempo nessa postura por medo de ser vista, mas a Irmã do Menino Jesus permaneceu ali prostrada, sem se mover, até que sua companheira, ouvindo um leve ruído do lado de fora, correu para avisá-la. Não foi sem grande dificuldade que conseguiu despertá-la do profundo êxtase em que estava mergulhada.

Nada poderia melhor revelar as disposições interiores de imolação desta alma, cujo único instinto era a reparação, do que o projeto heroico que ela concebeu na companhia de outra irmã, de cujos lábios colhemos esta história.

Muito perto do lugar ocupado pela Irmã Maria Clara no coro, ficava pendurado um quadro que representava uma das cenas mais tocantes da

Paixão de Nosso Senhor: a *Flagelação na Coluna*. Os olhos da noviça eram continuamente atraídos para esta imagem, e nem eles nem o seu coração conseguiam dela desprender-se. Foi isto, então, o que lhe ocorreu:

Antes, porém, de contar aos nossos leitores, devemos preparar um pouco as suas mentes para o que se segue, a fim de que alguns não encontrem, eventualmente, exagero ou improbabilidade nesta história.

Talvez não haja ninguém que, ao menos uma vez na vida, não tenha vivido o que chamamos de *sensação de vertigem*, quando confrontado com algum perigo real ou imaginário. Aqueles que cruzaram os passos montanhosos dos Alpes ou dos Pirineus, beirando abismos que pareceriam transitáveis apenas para as patas de um cabrito montanhês, sabem como é essa sensação. A vertigem é uma espécie de oscilação de um instinto natural que se equilibra entre duas forças opostas, uma que atrai e outra que repele. A Irmã Maria Clara havia sondado os profundos abismos das humilhações e dores do Homem-Deus, e uma vertigem piedosa, semelhante à santa loucura de que fala o grande Apóstolo, dela se apoderou. De um lado a natureza revoltada diante do terrível espetáculo, do outro lado a graça, fascinada e arrebatada por ele, por assim dizer. Vejamos o que ela propõe a uma de suas irmãs, que a escuta com um misto de admiração e assombro.

“Desejas tu amar Nosso Senhor?”, perguntou ela. “Sem dúvida”, foi a resposta.

“Então, escuta”, disse ela, “escuta: nós iremos procurar uma corda grande, e também pegaremos a coroa de espinhos que está no noviciado. Depois, pediremos permissão para ficar a sós esta noite, em vigília,

diante do Santíssimo Sacramento, após as Matinas. Se conseguirmos a licença, quando todas as freiras tiverem ido para a cama, nos trancaremos e tu me amarrarás às barras do gradil com a corda que prenderei em meu pescoço, então colocarei a coroa de espinhos. Nosso Senhor nos perdoará por apagar por alguns momentos a lâmpada do Santuário. Depois pegarás uma disciplina e a usarás com toda a sua força, de modo que eu fique toda ensanguentada. Então nos prostraremos e nos ofereceremos como vítimas de reparação a Jesus no Santíssimo Sacramento. ‘Eis-nos aqui, ó Senhor’, diremos, ‘é por amor a Vós, para Vos fazer reparação, para obter a salvação dos pecadores, que estamos neste estado’. Depois recitaremos oito vezes, nesta intenção, as Ladainhas de Reparação, e cinquenta vezes o *Parce Domine*.”

Este era o plano então traçado por aquela que era conhecida e que assinava suas cartas como Vítima do Santíssimo Sacramento. Se não foi posto em execução, isto foi apenas porque a Madre Abadessa não deu permissão para que ninguém permanecesse na capela depois que o restante das religiosas saísse.

Que ofensas tinha esta alma mortificada, sempre tão dura consigo, para censurar a própria consciência? Seria a culpa do pecado? Ela havia preservado imaculada a sua inocência batismal. Os prazeres do mundo, aos quais raramente se misturava, sequer teriam lançado uma sombra sobre a delicadeza de sua consciência e, tendo buscado a sombra do claustro, este lírio de pureza, protegido para sempre no jardim fechado do Esposo, apenas crescia a cada dia em graça e beleza. As faltas pelas quais ela acusava a si mesma, com tamanha angústia, não passavam de pequenos deslizes nos quais a natureza pode se surpreender: distrações

passageiras, um esquecimento mais ou menos involuntário de alguma prescrição da Regra. A esta virtude da inocência ela unia a do amor ao sofrimento. Era como se Deus quisesse atender aos desejos de sua vida, para que na devida medida ela se assemelhasse à de seu Salvador, sendo também uma longa cruz e um martírio. Ela sofria quase continuamente de dores de cabeça, que eram de natureza tão violenta que muitas vezes arrancavam lágrimas involuntárias de seus olhos. As dores agudas que ela suportava em outras partes do corpo obrigavam-na, às vezes, a se deitar no chão, mas nenhuma dor à qual ela fosse chamada para suportar a fazia ver o sofrimento de outra forma que não como um amigo querido e uma irmã. Seu único desejo era estar na Cruz com Jesus.

“Acredite em mim”, escreveu ela em certa ocasião, “a ciência mais admirável é saber sofrer, a maior perspicácia é saber sofrer bem. O destino mais feliz é não passar jamais um único momento sem sofrimento.” “Uma vida sem cruzes”, escreveu novamente, “é uma vida sem amor. Teremos uma eternidade para o desfrute, mas apenas nesta vida podemos sofrer.”

É fácil compreender que, com tais disposições, nenhuma queixa jamais chegou aos seus lábios. Quem não conhece o alento e o consolo que traz, em meio aos próprios sofrimentos, confiar nossas aflições aos amigos e àqueles que nos visitam? Parece que a dor, parcialmente suportada pela compaixão, torna-se mais leve e menos avassaladora. A Irmã Maria Clara, contudo, estava isenta dessa fraqueza. Ao vê-la calma e recolhida pensar-se-ia que era outra pessoa que estava sofrendo. Se questionada sobre sua saúde, suas respostas, embora sempre verdadeiras, eram curtas e diretas.

No dia em que entrou no Noviciado, ela disse a uma das religiosas, com grande ar de satisfação: “Todos aqui gostam muito de sofrer, não é verdade?”

Mais tarde, ao cruzar com alguma das irmãs que porventura estivesse doente ou enferma, ela beijava discretamente a bainha de seu hábito com a maior veneração, vendo-a como a esposa favorecida de Jesus Cristo.

Uma das freiras, admirando o fervor com que esta santa noviça rezava com os braços estendidos em forma de cruz, perguntou-lhe se a posição não lhe causava grande fadiga.

“Sim”, ela respondeu com perfeita simplicidade, “é um tanto doloroso, mas não diga nada a respeito, pois podem me impedir de fazê-lo, e estou feliz por poder fazer algo pelos pobres pecadores. A primeira vez que vi nossas irmãs rezando com os braços estendidos, fiquei tão encantada, foi a maior felicidade para mim.” Quando a irmã lhe pediu para ao menos não levantar tão alto os braços, para que ficasse menos cansada: “Ah, não”, disse ela, ao mesmo tempo em que a agradecia afetuosamente, “eu não poderia fazer isso.” Certa vez, durante sua derradeira enfermidade, tendo alguém lhe perguntado o que pensava do sofrimento, ela disse: “Nada é mais agradável aos olhos de Nosso Senhor, e como é pequeno o número daqueles que amam sofrer! A mesma pessoa, que ficou cuidando dela durante as Vésperas, ouviu-a dirigir a Nosso Senhor as seguintes palavras:

“Meu Deus, existe algum outro caminho pelo qual eu possa chegar ao Céu, exceto pela Cruz?” Então, tendo ela se recolhido mais profundamente, continuou:

“Não, não. Foi pela Cruz que Vós entrastes na glória, e é pela Cruz que Vós quereis que nela cheguemos. Oh, meu Jesus”, continuou ela, “com quantos espinhos não semeastes o caminho daqueles que desejam Vos seguir.” Ao dizer isso, ela fazia gestos como os de uma pessoa que tateava ao redor e recolhia algo com muito esforço e dificuldade, então, suspirando profundamente, continuou: “Mas, meu Deus, Vós ides rápido demais, Vós ides rápido demais, não consigo Vos seguir. Se tento avançar, os espinhos perfuram meus pés e não consigo mais andar. Se olho para Vós, eles entram em meus olhos e me cegam.” Após um ou dois momentos de reflexão, ela disse estas palavras: “Tudo passa nesta terra, tudo passa”, significando, sem dúvida, que o tempo de provação é curto, e que as aflições da vida, representadas pelos espinhos que encontramos semeados em nosso caminho, não devem nos desanimar nem nos fazer afrouxar os passos na estrada que Jesus nos deu o exemplo de trilhar, para a qual Ele nos chama.

As contínuas mortificações voluntárias que ela se impunha são facilmente explicadas por seu amor ao sofrimento. E não era apenas na prática da mortificação exterior que ela se alegrava. Ela encontrava satisfação ainda maior naquilo que é mil vezes mais agradável e aceitável aos olhos de Deus, que contempla sobretudo o sacrifício da vontade e do coração, ou seja, a prática da mortificação interior.

Uma carta sua que foi preservada, datada da época de sua Tomada de Hábito, aproximadamente, mostra algumas das dificuldades com as quais ela teve de lidar, e também dá prova do espírito alegre com que enfrentou todas elas.

“Fiquei encantada ao receber notícias tuas outro dia. Acabamos de encerrar as Vésperas e a minha Mestra de Noviças me deu permissão para responder à tua carta. Espero que nunca tenhas pensado que esqueci de ti por não ter recebido notícias minhas. Sabes quão pouco tempo uma Religiosa tem para escrever cartas, e mais especialmente uma Clarissa. Rezo continuamente por ti ao Sagrado Coração de nosso querido Senhor, para que Ele te dê a conhecer a Sua Vontade, e para que tenhas graça e coragem para segui-la. Oh, N, estou mesmo feliz. Aqui o Santíssimo Sacramento fica exposto noite e dia, Bênção todos os dias, duas Missas todos os dias. Durante a noite levantamos para cantar Seus louvores. Vou te contar um pouco da nossa vida. Jejuamos o ano inteiro, menos aos domingos, e nesse dia fazemos duas refeições. O jantar é às doze, e antes e depois do jantar rezamos juntas o Miserere. Dormimos com o nosso hábito, a cama é dura como a morte, mas durmo muito bem apesar disso. Não há irmãs leigas aqui, fazemos todo o trabalho nós mesmas. A própria Madre Abadessa vai quase toda tarde à cozinha para ajudar a limpar a louça conosco etc. Vou à cozinha todos os dias e ajudo no trabalho. Ontem lavei a louça engordurada da copa com as minhas próprias mãos! Foi uma tortura no início, achei que fosse enjoar. Sabes, porém, pelo amor de Deus, quão poderoso isso é, e como todas as coisas tornam-se fáceis quando é para Ele que trabalhamos. Também varro as escadas todos os dias. Se vieres para cá, terás de fazer todo esse tipo de coisa, e Deus te dará graça para fazer tudo com alegria e felicidade. Todos os dias acusamos as faltas que cometemos no Noviciado. A felicidade aqui realmente ultrapassa tudo o que pensei ou esperei encontrar, e tu sabes que não há verdadeira felicidade sem provações,

sem a Cruz. Jesus nunca está sem a Sua Cruz. Oh! Não invejas tu a minha amada Teresa, que partiu tão cedo para o seu Lar? Foi de fato um choque e um sofrimento muito grandes para mim quando soube de sua morte, mas agora só consigo dizer, quando penso nisso, 'Aleluia, Aleluia', embora deva acrescentar que me sinto terrivelmente inclinada a invejar sua luminosa morte. Sinto que ela agora está sempre comigo, e creio que ela reza para que eu me junte a ela em breve entre o grupo de Virgens que seguem o Cordeiro. Pensei na querida Maymie quando soube de sua morte. Noyer disse-me que ela sentiu profundamente. Deixo meu mais profundo amor a ela e a todos, e diga-lhe que rezarei muito por ela [...] Dez mil agradecimentos por todas as tuas orações por mim. Unamo-nos em espírito diante do Tabernáculo para rogar ao nosso amado Senhor que tenha misericórdia dos pobres pecadores. Adeus, queridíssima N. Reza sempre por mim. Amemos o Senhor nosso Deus de todo o nosso coração, enquanto ainda há tempo. Vem a noite quando ninguém poderá trabalhar.

Quase toda a nossa vida é passada diante do Santíssimo Sacramento. Se alguma vez cogitares vir para cá, aconselho-te a cuidar da saúde. As Religiosas gostam de postulantes que sejam fortes, porque é necessária uma constituição forte para seguir a Regra de nossa seráfica Mãe Santa Clara. Reza muito para que seja a Santa Vontade de Deus que eu tenha saúde suficiente para tomar o hábito, tenho medo de que isto esteja se tornando um obstáculo. Adieu!"

Capítulo VIII

Logo em sua chegada ao Convento, ela enfrentou imensa dificuldade para se acostumar com a comida. Sua repugnância natural ao alimento era extrema, a ponto de lhe provocar vômitos frequentes. Nada, porém, diminuía a sua coragem. Sua maior penitência era ver-se melhor alimentada que o restante da Comunidade. Ela pedia continuamente que a servissem como às demais, apresentando o argumento de que acabaria se acostumando. Finalmente permitiram que fosse feita a sua vontade, e apesar de grande repugnância ela jamais escolhia os pratos que mais lhe agradavam ao paladar, pelo contrário, sempre dava preferência àqueles de que menos gostava. Se por vezes afastava o prato, vencida pela sensação de náusea, censurava-se instantaneamente por sua fraqueza de espírito, e mandando trazê-lo de volta esforçava-se ao máximo para engolir um pedaço. Como se tudo isso não bastasse para saciar seu desejo de mortificação, ela costumava misturar terra à sua comida, deitava cinzas em sua sopa e no restante de seu alimento, ao mesmo tempo em que suplicava, à Irmã Noviça que a via fazer isso, que nada dissesse a respeito “pelo amor de Deus”. A Irmã foi tão fiel à confiança nela depositada que falou sobre o assunto somente após a morte de Clara. Ela também nos contou que a Irmã Maria Clara, sempre que podia, trocava com ela pedacinhos de pão fresco por pão amanhecido. Ela certa vez conseguiu, com engenhosidade, comer um pedaço de pão que havia guardado cuidadosamente por alguns dias até que ficasse mofado. Quando lhe davam algo de que ela gostava bastante, costumava dizer que aquilo satisfazia sua sensualidade e se recusava a tocá-lo, a

menos que lhe fosse ordenado por obediência. Uma tarefa que a princípio lhe custou muito foi a de lavar louças na cozinha, após o jantar. Isto lhe causava grande náusea, e foi apenas erguendo os olhos a Deus e pedindo-Lhe forças para vencer a si mesma que ela conseguiu dominar a sua natureza. “Fazer isto é para mim um grande prazer, pois é algo que pode ser muito meritório para a conversão dos pecadores”, ela dizia. Assim, aos domingos, quando a Mestra a mantinha ao seu lado, Clara dizia sorrindo: “Sim, Madre, podes dizer ‘vem, vem’, mesmo sabendo muito bem que quero ir para a cozinha.”

Quando lhe era concedido o favor de calçar sandálias, ela sempre dava um jeito de deixá-las em qualquer lugar, menos em seus pés, e quando lhe chamavam a atenção por causa disso, ela respondia: “Oh! Eu as esqueço sempre que posso.” Isto era apenas para sofrer ainda mais, já que, no verão e no inverno, seus pés estavam sempre gelados, e para que ela se convencesse a aquecê-los era necessário que lhe fosse imposto pela obediência. Ao fazê-lo, ainda assim, encontrava meios de mortificar-se novamente. Quando se deitava para descansar, dava um jeito de ficar sempre em uma única posição, recusando-se terminantemente a buscar mais conforto, porque assim era capaz de encontrar, mais uma vez, uma oportunidade de praticar a penitência. Ela ficou muito angustiada quando não permitiram que ela cumprisse sua semana na cozinha, revezando com as outras noviças e com as jovens religiosas recém-professas. Quando lhe diziam que não era forte o bastante para levantar as panelas pesadas, costumava dizer: “Mas sou tão forte quanto um gigante.” Nos últimos dias de sua enfermidade, uma religiosa que estava com ela quis lhe dar uma pequena almofada para

elevant sua cabeça. Ela a recusou com um doce sorriso e, quando mais tarde consentiu em recebê-la, foi porque a Irmã a convenceu de que assim estaria socorrendo a Nosso Senhor, que sofria em sua pessoa, da mesma forma que outrora Santa Gertrudes fora convencida a aceitar um pequeno alívio com idêntica intenção.

Herdando, como de fato herdou, em toda a sua integridade, o espírito de seu abençoado Pai São Francisco, que costumava falar de sua *Madonna Povertà*, ela ficou também fascinada pela beleza e pelo encanto desta virtude, e seria difícil dizer a que sublimes alturas ela levou o espírito do desapego e da abnegação.

Completamente morta para si mesma e para todas as coisas criadas, seu coração estava preparado para receber em abundância todos os dons e tesouros prometidos aos “pobres de espírito”. Sim, enquanto desprezava e pisoteava todos os bens vãos e passageiros desta vida, sua alma possuiu riquezas infinitas e eternas. O próprio Deus tornou-se seu único bem, única parte e herança. Encontrando nela um coração vazio e desprovido de todas as coisas, nele deleitou-Se e fez Seu lugar de repouso. Nossa santa noviça nunca se apegou a nenhum laço terreno, de forma que nada jamais perturbou a calma serenidade de sua alma. Na vida, como na morte, ela desfrutou até o fim de uma calma perfeita e uma paz inalterável, frutos preciosos de seu absoluto desapego das criaturas e de seu amor a Deus.

“É inútil”, disse ela pouco antes de morrer, “procurar razões que me inspirem temor diante do julgamento de Deus. Faço o que posso, mas não consigo me alarmar. A confiança em Deus parece sempre sobrepujar e absorver todos os meus outros pensamentos.”

Como, afinal, poderia o medo ter algum domínio sobre um coração tão animado pela generosidade!? Não havia ela renunciado a tudo por Deus? Não foi por amor a Ele que se separara de sua família, mesmo amando-a tão ternamente? No entanto, esses sacrifícios, que o mundo tem na mais alta estima, eram simplesmente nada aos seus olhos. Ela considerava todas as coisas “esterco” para que pudesse “ganhar a Cristo”.¹⁶

Foi com este ardor que ela abraçou a prática da pobreza perfeita. Seu único desejo sempre foi um dia tornar-se uma Clarissa, porque observa-se a mais absoluta pobreza nesta santa Ordem, ninguém que a ela pertença possui o que quer que seja, e as Religiosas vivem inteiramente de esmolas.

Pouco depois de sua chegada, conversando com uma jovem irmã sobre São Francisco de Assis, ela disse: “O espírito desse grande servo de Deus é o espírito da Pobreza. Seguindo o seu exemplo, desejo que a Santa Pobreza, a quem ele chama de senhora e rainha, seja também o meu tesouro e todo o meu bem.” “Vejo que a irmã tem grande afeição por nosso Pai São Francisco e está muito animada por seu espírito”, respondeu a freira, “por certo se tornará sua filha.”

“Eu daria tudo para ser uma”, disse ela. “Minha mãe sempre dizia que eu deveria me tornar uma Clarissa, foi por esse motivo que ela me deu no batismo o nome de Clara, daí vem a minha grande devoção a esta santa.” Certo dia uma freira perguntou-lhe se, quando ainda vivia no mundo, ela esperava encontrar uma pobreza tão absoluta quanto a que havia na Ordem das Clarissas. “Não”, ela respondeu. “Eu não imaginava

16 – Filipenses 3, 8.

que vocês fossem tão pobres, mas me encanta que seja assim. Gosto muito de ser pobre, tenho uma devoção apaixonada pela Pobreza.”

Para dar outro exemplo: Outra vez ela manifestou a uma das freiras o desejo de escrever à sua irmã, Teresa (mais tarde uma Irmã da Caridade), para pedir-lhe que comprasse algumas estampas para distribuir na Comunidade. A freira lhe sugeriu que seria melhor pedir à irmã que enviasse um pequeno crucifixo para colocar no genuflexório de sua cela, no lugar daquele de papelão que ali se encontrava.

“Oh, não”, ela respondeu prontamente, “certamente não lhe pedirei isto! Gosto tanto de ser pobre que prefiro infinitamente aquela pequena cruz ao mais belo crucifixo do mundo, porque ela está em maior conformidade com a santa Pobreza.”

Quando lavava os pés (ela jamais consentiria em receber qualquer ajuda para fazê-lo), costumava pegar um pedaço de tijolo em vez de usar sabão, e quando lhe davam um sabão comum, costumava dizer:

“Não quero isto, peço-lhe que me dê o meu querido sabão vermelho, prefiro-o a qualquer outro.”

“Imagino”, respondeu a Irmã com quem ela conversava, “que isto esteja em maior conformidade com a santa Pobreza, não é por isso?”

“Este sabão não é caro e dura mais, eis a razão por que gosto dele!”

O amor à Pobreza fez com que ela amasse os pobres. Ela dizia:

“Eu ficava muito satisfeita quando encontrava pessoas pobres na Inglaterra, ansiava por também ser pobre, e teria ficado contente em trocar de veste e de posição com elas. Agora que sou pobre, sou tão feliz.”

Quando a Irmã Maria Clara chegou a Amiens, as religiosas ficaram bastante atônitas ao abrirem seus baús e descobrirem que ela quase não tinha roupas, e que as poucas que possuía eram tão grosseiras e comuns que muitos criados estariam melhor providos.

Ninguém se dispôs a perguntar-lhe o motivo, porém mais tarde, por sua própria iniciativa, ela o contou à Mestra.

“Quando eu vinha para cá”, disse ela, “alguém me disse que meu linho era bom demais para uma Clarissa, e que eu jamais teria permissão para usá-lo, então troquei-o pelo de uma de nossas criadas e mandei fazer expressamente para mim o vestido que usei para vir, além de pegar o chapéu da minha criada em vez do meu, para me vestir de forma mais simples. Papai, quando me viu com esse traje, começou a rir e me provocar, mas não me importei nem um pouco, pelo contrário, me senti muito mais feliz com roupas de criada do que com as que eu costumava usar.”

Era com esse mesmo anseio de ser absolutamente pobre que ela pedia continuamente à sua Mestra de Noviças permissão para se desfazer das poucas coisinhas que ainda possuía.

Esta sempre respondia que seria melhor que ela esperasse até professar seus votos, então tudo o que ela possuía seria doado aos pobres. Este adiamento não condizia em nada com seus desejos. Ao retornar ao noviciado, após a cerimônia de sua Tomada de Hábito, ela quis cortar em pedacinhos o lenço de bolso bordado que lhe fora dado naquela ocasião.

“Nunca mais o usarei”, disse ela, “livrei-me de todas as vaidades deste mundo.”

Sua Mestra, porém, não o permitiu, e ela teve de se resignar. Certa vez, quando por acaso deparou-se com uma sandália velha, gasta e imprestável, ela a pegou e a beijou, tanto por humildade como por amor à Santa Pobreza. Bem pouco depois de obter permissão para andar descalça, uma de suas Irmãs de Religião, vendo a grande satisfação com que ela o fazia, disse:

“Pareces tão satisfeita contigo mesma, estás radiante!”

“Ah, sim”, ela exclamou, “quando eu estava em Londres, e encontrava pessoas pobres na rua, andando descalças, eu pensava nas Clarissas, e isto me deixava com muita inveja, eu tinha muita inveja delas!”

“No calor do verão, tudo bem”, a Irmã continuou, “mas quando esfriar, será diferente, a natureza falará. Admita, ela já não se faz ouvir um pouco, às vezes?”

“Sim”, ela respondeu, “mas não lhe dou oportunidade de falar muito”.

Então, com um gesto firme:

“Digo a ela: *silêncio*.”

A determinação na voz com que pronunciou estas palavras mostrou o grande domínio que ela possuía sobre si e quão pouco ela cedia à natureza, nas pequenas e nas grandes coisas.

Na época em que, pela primeira vez, ela foi acometida pela doença que a levaria tão rapidamente, sendo muito suscetível ao frio, compraram-lhe algumas roupas de lã, simples porém quentes. Essas roupas ela só usava por obediência e não sem algum sofrimento, dizendo

que eram boas demais, que ninguém mais vestia nada parecido e que ela já não era uma Clarissa.

Aconteceu o mesmo em relação a um cobertor que também foi comprado para ela nessa mesma época, porém, novamente, a obediência triunfou sobre o seu amor à pobreza e à santa mortificação.

A humildade, de acordo com a doutrina sustentada pelos Santos, é apenas a coragem com que aplicamos as verdades a nós mesmos com todas as suas rigorosas consequências. O que é então a verdade aplicada ao homem? É que nada somos por nós mesmos, visto que o nosso ser e as nossas faculdades vêm de Deus, que a qualquer momento pode retirá-los. Uma leve desordem no cérebro pode fazer com que o maior intelecto perca o seu gênio, com que o homem mais sábio perca seu conhecimento, sua ciência, e até a própria razão. Nossa virtude pode sucumbir na primeira tentação, o menor acidente pode destruir a beleza, e isto é porque não possuímos nada de bom por nós mesmos, já que apenas o pecado nos pertence por Natureza. Todo o resto vem de Deus e deve retornar a Ele [...] Finalmente, somos por nós mesmos incapazes de qualquer bem, até mesmo de um pensamento ou palavra útil para a salvação, como ensina São Paulo: “Cada um de nós pode dizer de si mesmo: ‘o mal que cometo é inteiramente meu, mas o bem que faço não é totalmente meu nem é totalmente bom.’”

A Irmã Maria Clara não apenas meditou sobre essas verdades incontestáveis, mas por muito tempo as amou e praticou, e tirou delas as seguintes conclusões:

Primeiramente, não devo estimar a mim mesma. Pelo contrário, devo ter de mim a pior opinião, reservando toda honra e glória apenas para Deus, que é a única fonte de todo o bem.

Em segundo lugar, não devo buscar reconhecimento e louvor, que pertencem somente a Deus. Desejá-los para mim seria desejar que se cometesse injustiça e falsidade.

Em terceiro lugar, é meu dever amar a vida oculta, a humilhação e o desprezo, pois estas são condições que se devem ao nada e ao pecado, condições às quais Jesus Cristo primeiro submeteu-Se e às quais nós, seguindo o Seu exemplo, devemos também nos submeter.

Foi sobre estes princípios, fortemente impressos na mente de nossa santa Noviça, que ela regulou sua vida interior e sua conduta externa. Suas ações correspondiam perfeitamente às suas palavras. Com estas palavras foi que uma das Irmãs expressou o juízo de toda a Comunidade a respeito dessa alma escolhida.

Não bastava para a Irmã Maria Clara ter um profundo desprezo por si mesma, ela também desejava ser um objeto de desprezo universal. Instruída nas escolas da verdadeira sabedoria, ela reconheceu a vaidade e a nulidade de todas as vantagens frívolas que o mundo tanto preza, e generosamente renunciou a elas para unir-se apenas a Deus, desejando apenas o Seu amor em troca.

Afortunadamente podemos dar os seguintes comoventes detalhes sobre a sua profunda humildade.

Chegando pela primeira vez ao convento, ela foi entregue aos cuidados de uma Irmã cujo dever era ajudá-la a organizar a sua cela, a se vestir, como também dar a ela toda a assistência necessária. A Irmã Maria

Clara logo descobriu que lhe cabia fazer tais coisas sem ajuda, consequentemente ela não permitia que nada fosse feito por ela, dizendo docemente que Nosso Senhor não veio ao mundo para ser servido, mas para servir. Ela também assumia com alegria todas as pequenas práticas de humildade que são deveres próprios de uma noviça, tais como varrer escadarias, limpar e encher de água a pequena fonte usada como lavatório – esta última ela fingia ser seu serviço especial, e não cedia a ninguém o direito de fazê-lo. Ela não permitia que ninguém beijasse seus pés, como é de costume em certas ocasiões entre as Clarissas, e um dia, tendo uma das religiosas mais jovens, enquanto a ajudava a se deitar, encontrado uma oportunidade de por reverência fazê-lo, ela imediatamente levantou-se e, ajoelhando-se, exclamou: “Que fizeste, Irmã, pedirei a Deus que te perdoe!” Por muito e muito tempo ela implorou à sua Mestra de Noviças que lhe desse a penitência de se prostrar à porta do Refeitório depois do jantar, assim como ela tinha visto praticarem várias das monjas. Quão feliz ela ficou no dia em que a Madre finalmente atendeu ao seu pedido, e com que prazer ela se pôs à porta do Refeitório e viu toda a Comunidade passar por cima dela. Sua alegria era tamanha que, terminada a oração de graças, ela correu para a soleira mais próxima ao encontrar algumas freiras que não haviam estado no refeitório durante a penitência, apenas para induzi-las a também passar por cima dela.

Ainda mais digno de admiração era o fervor de espírito com que ela realizava este ato de penitência. Seu coração tinha uma participação infinitamente maior do que seu corpo nessas práticas, e o que poderia ser para alguns uma simples formalidade, tornava-se em sua alma reta a

expressão de uma verdade indubitável. Sedenta como era pela humilhação de si mesma, era com muita relutância que causava humilhação aos outros, por menor que fosse. Assim, se via qualquer outra Religiosa praticando a penitência da qual acabamos de falar, ela recorria instantaneamente a diversas manobras para poupá-la da humilhação que ela própria buscava com o maior ardor.

Não apenas mansa, mas também “humilde de coração” – como seu Divino Mestre –, ela pediu a uma jovem Irmã, que a acompanhava com mais frequência, que a repreendesse por suas faltas toda vez que a visse cometendo uma, assegurando-lhe sua máxima gratidão se assim o fizesse.

“Farei isto com o maior prazer, com a condição de que me prestes o mesmo serviço”, respondeu a outra.

“Como eu seria capaz de fazer isso?”, respondeu a Irmã Maria Clara. “Nunca consigo ver as faltas dos outros, sou tão grande pecadora que jamais consigo ver nenhuma falta além das minhas!”

Algum tempo antes de sua Tomada de Hábito, quando deliberavam sobre o assunto de sua admissão, ela disse a uma das Irmãs: “Realmente espero que minha saúde não seja a causa da minha rejeição.”

“Tua rejeição!”, disse a Irmã, “nós te amamos demais para que possamos decidir te mandar embora.”

“Oh, as irmãs são tão boas”, disse a Postulante, “por gostarem tanto de uma abominação como eu!”

Pouco tempo depois ela disse, irrefletidamente, à Religiosa que lhe perguntara como se sentia:

“Minha saúde é a única dificuldade no caminho da minha admissão, não é?” Mal proferiu estas palavras o sangue lhe subiu ao rosto, então se corrigiu: “O que foi que eu disse?”, continuou, “sou uma pecadora grande demais, eu poderia até dizer que sou um demônio, pois pequei tanto!”

Certa vez, quando ela pediu a uma das Irmãs que rezasse por ela:

“Não és nossa irmã?”, respondeu a freira, “e como tal, como poderíamos te esquecer?”.

“O quê! Tens-me então como irmã?”, disse ela instantaneamente.

“Eu não mereço isto, sou uma criatura miserável, uma grande pecadora.”

Algumas Irmãs da Comunidade perguntaram-lhe no dia seguinte à sua Tomada de Hábito se ela estava feliz, e também se a sua roupa de baixo lhe causava muito desconforto.

“Estou perfeitamente feliz”, ela respondeu. “Esta sarja me arranha um pouco, mas gosto muito dela.”

“E teu cordão?”, continuou a outra. “Nada disseste sobre ele.”

“Ah! Este também me é muito caro”, disse ela. Ao pronunciar estas palavras, levou-o aos lábios e o beijou afetuosamente.

“Mas ele é muito duro e áspero, o teu cordão”, disse a outra, “e em nada se assemelha aos belos cintos que tu costumavas usar no mundo.”

“Ah, eu não dava a mínima aqueles cintos que eu usava no mundo! Certamente nunca os beijei por amor!”

Então, outra freira, sabendo o prazer que lhe daria se dissesse algo um pouco humilhante, fingiu duvidar de suas palavras dizendo:

“Eu gostaria muito de ter estado presente para ver se estás realmente falando a verdade.”

Diante dessas palavras, enquanto docemente respondia à pessoa que duvidava dela, uma expressão de alegria iluminou seu semblante:

“Oh, obrigada, obrigada, querida Irmã, por tua justa opinião sobre mim.”

Um pouco antes de sua morte, ela pediu à Mestra de Noviças que queimasse todas as suas cartas, e rasgou cada oração que havia escrito para que não fossem conhecidas por ninguém além de Deus.

Que diremos sobre a obediência da Irmã Maria Clara? Podemos dizer que humildade e obediência são virtudes irmãs, e é tão difícil imaginar a humildade sem a obediência quanto conceber a obediência sem a humildade. Todos os homens que se conhecem e se desprezam submetem-se ao jugo da obediência. Não é a obediência o caminho mais curto e rápido para Deus? Há algo mais agradável a Ele do que o sacrifício de nossa própria vontade? Existe algum meio mais seguro de nos protegermos da ilusão do que fazendo a vontade daqueles que, para conosco, ocupam o lugar de Deus? A Irmã Maria Clara cultivava a virtude da obediência e encontrava felicidade praticando-a, mas ainda assim teve de trabalhar para adquirir esta virtude em toda a sua perfeição, não apenas porque em sua própria família sempre satisfizera suas vontades, mas também porque, sendo muito fervorosa, ela tinha o grande desejo – apesar da saúde frágil – de abraçar todo tipo de penitência e mortificação, de forma que era necessário contê-la.

No início de sua vida religiosa ela teve dificuldade em se submeter, e algumas das mesmas proibições tiveram de ser repetidas duas vezes. A partir do momento de sua Tomada de Hábito, porém, a Comunidade teve motivos para admirar a completa mudança que nela se operou a

esse respeito. Daquele momento em diante ela já não tinha qualquer vontade própria, bastava que lhe expressassem um desejo para que ela se submetesse imediatamente, com alegria e simplicidade, pois para ela a obediência era alegre, pronta e firme. Seu maior medo era falhar minimamente na prática desta virtude. Se a obediência muitas vezes impunha um sacrifício ao seu fervor, ela sabia como tirar disso um duplo proveito, somando ao mérito da boa ação que desejara realizar o mérito ainda maior da obediência, pela qual imolava sua própria vontade à vontade de Deus. Ansiosa como estava por embelezar todas as suas ações com o precioso mérito da obediência, se às vezes lhe acontecia esquecer de pedir permissão para realizar qualquer ação, ela imediatamente reparava sua omissão com redobrada submissão e humildade. Quanto à caridade, sendo impossível para qualquer pessoa ter um grande amor a Deus sem também amar seu irmão, podemos julgar qual era o amor da Irmã Maria Clara por seu próximo. Era uma verdadeira felicidade para ela fazer qualquer coisa para servir a uma de suas Irmãs. Indulgente, ela julgava favoravelmente a todo o mundo. Dedicada, estava sempre pronta a prestar serviço a quem quer que fosse.

Acima de tudo, era pelo bem de seu próximo que ela estava tão ansiosa por se sacrificar. Os pecadores eram os primeiros alvos de sua solicitude. Com que fervor rezava por eles, com que dor ela acompanhava seus desvios e suas loucuras! O pensamento da infinita miséria que os esperava por toda a eternidade sempre a impelia a se oferecer como vítima por sua conversão. Depois dos pecadores, seu maior amor era reservado aos pobres e aflitos, lembrando as palavras de seu Mestre: “Tudo o que fizestes a um destes mais pequenos, foi a mim

que o fizestes.” Todos os dias, após o almoço, ela podia ser vista à porta da clausura levando dois pratos, um dos quais contendo sopa e o outro legumes, que, segundo o costume da Comunidade, eram distribuídos aos pobres que ali se apresentavam para receber esmolas. Sempre a primeira a chegar à cozinha, por medo de lhe fosse roubada esta cobiçada tarefa, dela se desincumbia com igual alegria e prontidão.

Consciente de que o recolhimento é uma das condições para uma vida interior, e de que é no silêncio que Deus Se faz ouvir na alma, a Irmã Maria Clara tinha uma atração muito especial pela prática desta virtude. Via de regra, ela falava muito pouco, e quando o fazia tinha sempre um propósito, convencida de que é impossível incorrer em dispersões sem perder a Presença de Deus e sem cometer uma multidão de pequenas faltas, que inquietam, quando não mancham, a consciência. Ela falava pouco ao homem, mas muito a Deus.

Certa vez ouviram-na, acerca do silêncio, expressar-se da seguinte maneira: “Devo buscar a Deus, devo encontrar a Deus, mas onde O encontrarei?” Após alguns momentos de introspecção, ela acrescentou: “É no silêncio: Deus fala à alma no silêncio, e é no silêncio que a alma desfruta de Deus. Nosso Senhor não deseja que nos dispersemos exteriormente, porque, se assim o fizermos, não O ouviremos, por mais que Ele fale aos nossos corações.” Ela também disse: “Há duas coisas que são extremamente necessárias para a alma que busca a perfeição: uma é evitar a voz das criaturas, a outra é buscar a voz de Deus.”

Com que amor ela cultivava o silêncio, quão fiel era em observá-lo! Durante o retiro anterior à sua Tomada de Hábito, ela levou esta

fidelidade a tal ponto que não queria responder senão por sinais, salvo se fosse interpelada por sua Superiora.

Morrer, e morrer em breve, era seu grande desejo, seu anseio cotidiano. Testemunhava-o continuamente e em todas as ocasiões:

“Quando irei para meu único Lar?”, ela costumava dizer. “Quando possuirei o meu Deus?” “É tão enfadonho estar na terra!”

Quando ouviu a notícia da morte de sua irmã Teresa (na religião, Irmã Madalena), ficou profundamente desolada por ela ter morrido antes, e cheia de inveja de sua felicidade. Sua Mestra disse-lhe então que era perfeitamente justo que sua Irmã a precedesse, visto que era mais velha e estava madura para o Céu. Também disse-lhe que a mesma graça lhe seria concedida assim que atingisse o grau de perfeição para o qual havia sido chamada, portanto deveria trabalhar cada vez mais no desapego de sua vontade própria e unir-se mais estreitamente a Nosso Senhor e Salvador.

Estas palavras a consolaram grandemente, e ela demonstrou muita boa vontade ao tentar colocá-las em prática com a finalidade de alcançar o tão desejado favor.

Certa ocasião, ela conversava com uma das Religiosas sobre seu desejo de morrer. “A morte virá um dia”, respondeu a Irmã, “mas talvez não seja isto o que mais agrada a Nosso Senhor. Se O amares verdadeiramente, desejarás apenas o que for para Sua maior honra e glória.”

“Eu não pediria para morrer”, disse a Noviça, “se tivesse certeza de dar mais glória a Deus vivendo. Ninguém pôde convencer São Filipe Néri, cujo zelo pela conversão dos pecadores era tão grande, a pedir que

Deus prolongasse sua vida para que pudesse continuar seus trabalhos. Tem-se notícia de apenas São Martinho ter dito a Nosso Senhor que estava pronto para viver a fim de trabalhar para a Sua glória e pela salvação das almas. Se pudesses olhar para meu coração, entenderias o quanto mais eu glorificaria a Deus morrendo do que vivendo mais tempo.”

Este desejo de morte, entretanto, não era fruto de um amor-próprio que busca apenas escapar de maiores trabalhos e sofrimentos. Se ela ansiava por “ser dissolvida”, como São Paulo, é porque seu corpo era um obstáculo à sua união perfeita com o Esposo Celestial.

O mesmo profundo desejo manifestava-se de outras maneiras. Ela gostava de fechar as janelas do sótão e demorava-se ali na contemplação do céu. Quando lhe foi dito que olhar pelas janelas era contrário à regra da clausura – por causa das casas em frente, de onde as Religiosas poderiam ser vistas –, ela ficou muito espantada ao ouvir menção a tais casas, pela simples razão de que nunca as tinha visto!

Às vezes, quando estava na cama, à noite, pedia que o cortinado de seu leito não fosse inteiramente fechado, para que pudesse ver o seu querido céu.

“Quando eu chegar ao Céu”, ela disse um dia, já no fim de sua derradeira enfermidade, “ficarei fora de mim de tanta alegria. Com que êxtase me lançarei nos braços de Nossa Senhora! Os anjos, ao me verem fazer isto, ficarão surpresos e se perguntarão:”

‘Que significa isto?’

Eu lhes responderei:

“Ah! Se tivésseis vivido naquela terra de exílio como eu vivi, se tivésseis sofrido em um corpo mortal como eu sofri, não vos espantaríeis ao ver-me arrebatada, como estou neste momento, em júbilo e felicidade, porque este corpo que me separava do meu Amado finalmente caiu, como uma túnica velha e gasta, e já não é obstáculo para a minha união com Ele.”

Capítulo IX

Alguns dias se passaram após 15 de outubro, o feliz dia dos esponsais de nossa querida Irmã com seu Esposo celeste. “Estávamos começando a nutrir algumas esperanças”, disse a Religiosa que nos deu estes detalhes, “de que, com os devidos cuidados, sua saúde seria capaz de se habituar à nossa vida austera, quando Deus, que até o momento parecia sustentá-la fisicamente, atendeu às aspirações de Sua esposa, chamando-a sem mais demora para as suas núpcias eternas.”

Sua saúde foi gravemente afetada, primeiro por um resfriado acompanhado de febre. O médico que então foi chamado não hesitou em declarar uma congestão pulmonar com pouca ou nenhuma chance de recuperação.

Quanta alegria esta notícia trouxe à querida Irmã Maria Clara do Menino Jesus! Finalmente suas preces foram ouvidas: ela iria morrer! Sua alegria foi tão grande ao saber disso que seu único temor era o de que tamanha satisfação tivesse um efeito tão favorável sobre sua saúde a ponto de trazê-la de volta à vida. Para ela não bastava saber que iria morrer – os três ou quatro meses estipulados pelo médico como o limite de sua existência lhe pareciam tempo demais.

“A morte não quer saber de mim”, ela costumava repetir. “Rezemos, portanto, ao nosso bom Deus para que Ele me leve logo para Si.”

Os sofrimentos não eram nada para ela. Longe de temê-los, ela os recebia com alegria. O grande, o terrível sacrifício, para ela, era ver adiado o momento de sua libertação – o fim de seu exílio.

Nessa época, ela dizia às Religiosas:

“Quando vim pedir para ser admitida, eu tinha muita certeza de que não teria muito tempo de vida. Foi este o motivo que me deixou tão empenhada em convencer meu pai a me deixar entrar para a Comunidade: minha vocação era morrer aqui.”

Embora a Irmã Maria Clara estivesse pronta para fazer este último sacrifício que Deus lhe havia pedido – o de sua própria vida –, não podemos imaginar que seu pai tenha permanecido impassível ao receber a notícia do alarmante estado de saúde da filha. As esperanças que ele havia alimentado, graças à melhora geral de sua saúde durante os primeiros seis meses na Comunidade em Amiens, desmoronaram subitamente. Escrevendo à Madre Abadessa, ele expressa sua intensa angústia nos seguintes termos:

8 de novembro

*“Cara Senhora, os relatos que recebo sobre a saúde de minha filha são tão aflitivos que não posso deixar de lhe escrever a este respeito. Estou pronto para aceitar que ela abrace a vida para a qual Deus a chamou, por mais austera ou dolorosa que seja, mas não posso consentir que ela faça algo que seja tão claramente a causa de sua morte, pois não acredito ser esta a vontade de Deus. Ela tem a obrigação de preservar sua vida – por mais ansiosa que esteja por sacrificá-la – e eu, como seu pai, tenho a obrigação de protegê-la contra o seu fervor indiscreto e juvenil. Sei quão doloroso seria para ela o golpe de ser mandada de volta do Convento para casa – ela preferiria morrer. Esta não é, porém, uma questão de **escolha**, mas de **dever**. Portanto, faço este apelo à senhora,*

cuja experiência e graças especiais de sua posição permitem formar um julgamento e uma opinião mais seguros do que eu posso a esta distância. Apelo à senhora para saber se minha amada filha Clara deve continuar por mais tempo em seu atual modo de vida. Talvez os relatos que recebo não sejam muito exatos ou autênticos. Talvez, como ela deseja acreditar, ela esteja superando suas dificuldades e provações. Se assim for, Deus seja louvado. Se, por outro lado, seu corpo estiver definhando e sua vida se esvaindo sob suas austeridades, sinto que é meu imperativo dever salvar sua vida e arrancá-la da sepultura, por mais relutante que ela esteja. Sei que a senhora escreverá com inteira verdade e sinceridade. Com o mais profundo respeito, seu humilde e obediente servo, John Vaughan.”

A carta da Madre Abadessa não foi preservada, mas não temos dificuldade em adivinhar seu conteúdo. O diagnóstico do médico já o havia antecipado. Para a doença da Irmã Maria Clara não havia cura. Ela estava sofrendo o rápido declínio que na primavera havia levado sua querida irmã Teresa. As austeridades de que fala seu pai não eram responsáveis pela terrível doença hereditária que ela trazia nas veias. Ela mesma já sabia que a menor imprudência, como pegar um resfriado *etc.*, seria o bastante para despertar a agressividade do mal. Assim Clara escreve ao pai sobre este assunto:

“O senhor já deve ter ouvido, da parte de nossa Madre Abadessa, que o doutor considerou minha recuperação impossível, e que a qualquer momento posso receber a Extrema-Unção. Não posso resistir à vontade

de lhe escrever para contar como me encheu de imensa felicidade esta notícia gloriosa. Meu único pesar é pensar no senhor, no meu querido Papai, e em todas as pessoas amadas, que ainda não podem compartilhar da minha alegria. Estou em suave agonia¹⁷, pelo Céu. Acredito ter sido nossa querida Teresa quem me obteve esta graça tão cedo. Lembra-se de quando ela costumava fazer troça do intenso horror que eu tinha da ideia de as Clarissas viverem muito? Oh, Papai, não posso dizer quão indizivelmente feliz estou. Em poucos dias professarei os votos. Todos os meus desejos estão se realizando e só posso agradecer ao nosso amado Senhor por Sua infinita misericórdia. Quando encontrar Herbert, peça-lhe, por favor, que ofereça a Santa Missa por mim. Rezarei muito pelo senhor quando estiver no céu, e tentarei consolá-lo, meu querido Papai.”

Cerca de duas semanas mais tarde, ela escreve novamente:

*“Não posso lhe dizer o quanto fiquei encantada ao receber sua carta esta manhã. Suas cartas sempre me encham de alegria, embora eu não possa evitar que lágrimas me venham aos olhos. Nossa Reverenda Madre pede-me que lhe diga que está esperando até que o doutor me veja de novo, antes de lhe escrever para dar notícias de minha saúde. Ele virá no sábado, no momento não está em Amiens. Sinto-me praticamente na mesma, embora um pouco mais fraca que na semana passada. Que felicidade será vê-lo novamente, **meu mais do que amado Papai**. O senhor fala em vir caso minha doença se agrave, mas só poderá me ver através da grade, pois para entrar na enfermaria seria necessário nada*

17 – Uma expressão favorita de Clara, que ela usava em todas as ocasiões.

menos que uma permissão do Papa! Nosso Senhor veio a mim novamente na Sagrada Comunhão esta manhã, na enfermaria, uma indizível felicidade. Embora eu não possa beijar seu amado rosto e dizer-lhe isto mil vezes, não há um só de seus filhos que o ame com tamanha intensidade quanto sua mais devotada filha, a Irmã Maria Clara do Menino Jesus.

As freiras aqui rezam muito pelo senhor. Uma freira mais velha disse para mim, esta manhã, ter ouvido que o senhor viaja muito, motivo pelo qual ela reza constantemente para que nenhum acidente lhe aconteça.”

O estado de fraqueza em que a Irmã Maria Clara se encontrava piorava a cada dia, e segundo o médico que atendia a Comunidade ela poderia ser levada, a qualquer momento, por um súbito agravamento de sua enfermidade. Julgaram então ser prudente lhe administrar os últimos Sacramentos. Além disso, a permissão na qual centravam-se todas as suas esperanças foi concedida, para sua suprema alegria e consolação: a de poder fazer sua Profissão solene. “É a única felicidade que almejo”, ela repetia continuamente. Quando uma de suas Irmãs lhe perguntou se elas teriam feito a vontade de Deus recebendo-a no estado de saúde em que se encontrava, ela respondeu: “Oh, sim, as Irmãs certamente fizeram a Santa Vontade de Deus ao me receber. Minha única esperança e meu único desejo eram morrer como uma Clarissa, e Nosso Senhor os ouviu.”

É nos seguintes termos que Clara anuncia a proximidade de sua morte ao tio, o Padre Edmund Vaughan.

6 de dezembro

“Eu certamente teria lhe escrito antes e agradecido por suas duas cartas, mas o senhor sabe, durante o grande Advento de São Martinho – que começa no Dia de Todos os Santos e dura até o Natal –, embora possamos receber cartas não nos é permitido escrevê-las. Fico espantada por ter paciência para lhe explicar tudo isto quando tenho uma notícia tão gloriosa para dar, a saber: posso esperar, dentro de muito pouco tempo, em poucos dias talvez, ver meu Esposo celeste no Céu e contemplar para sempre Sua face, cuja beleza palavra alguma pode expressar. Escrevo-lhe da minha cama, doente na enfermaria. O médico veio me ver no último sábado e disse que minha recuperação é impossível, que posso a qualquer momento receber a Extrema-Unção. Ele diz que não apenas meus pulmões, mas todo meu corpo está afetado. Minha doença começou com uma tosse, dois dias após a minha Tomada de Hábito, e cerca de uma ou duas semanas depois fui para a enfermaria, de onde não mais saí [...] Nosso amado Senhor vem a mim na Sagrada Comunhão aqui na cama, o que é uma felicidade inexprimível. Vou professar meus votos e receber a Extrema-Unção em poucos dias – talvez até mesmo esta tarde [...] Não é tudo isto uma indizível felicidade para mim, meu querido Padre Edmund? A vontade, o ardente desejo do meu coração, de ver o meu amado Esposo, está prestes a se realizar! Tenho muito mais a lhe contar, mas me sinto tão fraca que não consigo escrever mais. Como rezarei pelos seus pobres pecadores quando chegar ao nosso Lar Eterno! Perdoe esta letra horrorosa. Reze muito por mim, principalmente quando souber da minha morte. Não pude escrever ao querido Kenelm para lhe falar de minha felicidade. O senhor e Papai são os dois únicos para quem

escrevi. Não esqueça das orações. Peça ao Dr. Coffin, por favor, para celebrar uma Missa por mim após a minha morte.”

Alguns dias antes da profissão de Clara, o Coronel Vaughan, que havia sido informado do estado crítico de saúde da filha, desejando vê-la mais uma vez, foi até Amiens.

Foi junto à grade do coro que a Irmã Maria Clara – por meio de uma dispensa especial, já que na época ela era apenas uma noviça – foi posta em uma poltrona para essa última conversa. As primeiras palavras que seu pai lhe dirigiu recordam aquelas outrora ditas ao último dos irmãos de São Bernardo, quando estes se despediram dele, antes de partirem para a solitude de Clairvaux: “Como és feliz, minha criança! Deixas a terra para ir ao Céu.”

As coisas terrenas não tiveram parte em sua conversa: ele falou apenas de Deus. Se ele não podia controlar sua emoção, ao ver a filha em tão alarmante estado de saúde, era ao menos consolo, para o seu coração cristão, contemplar a paz e a felicidade de que ela desfrutava, mesmo em meio às privações que lhe impunha a regra de vida por ela abraçada. Para ela, nenhum desgosto poderia ser maior do que a proposta de abandonar seu santo retiro para retornar ao teto paterno. Seu único desejo era permanecer no monastério até o fim.

Assim acabou esta última conversa, cujo resultado preocupara muito a Comunidade, em relação à saúde de Clara e às consequências da emoção que a presença de seu pai lhe causaria. Ela entretanto enxergava apenas a Deus, morta como estava para todas as coisas terrenas. Ela não

tinha pensamentos para ninguém além d'Ele, no entanto amava o pai muito ternamente. Um dia, ouviram-na dizer:

“Meu Deus, Vós sabeis o quanto amo meu pai, sabeis tudo o que sofro por não poder vê-lo mais uma vez, por não poder abraçá-lo, mas ó meu Deus, sabeis que Vos amo mais, sim, infinitamente mais!”

Afeições terrenas já não tinham poder algum sobre o seu coração! Jesus sozinho ali reinava como Rei, sozinho Ele o preenchia até a sua máxima capacidade, assim como sozinho ocupava cada pensamento e cada desejo, em sua mente e em sua alma. Seu corpo ainda estava na terra, mas sua alma já estava no Céu.

Quando seu irmão mais velho, o Reverendo Herbert Vaughan, então Oblato de São Carlos, veio vê-la, a caminho de Roma, nenhum sinal exterior denunciava seus sentimentos. Não que ela fosse indiferente ao prazer de sua visita, mas porque somente a Graça nela operava. Ela amava somente em Deus, e por amor a Ele, aqueles com quem tinha laços de sangue.

Quando, na manhã seguinte, este irmão tão amado lhe deu a Sagrada Comunhão, ela sequer lhe dirigiu o olhar. O Padre Vaughan ficou tão impressionado com este exemplo de desapego, tão profundo, que não pôde deixar de comentar com as outras Irmãs após a Missa, do lado de fora do claustro.

A conversa que teve com o irmão junto à grade girou em torno apenas de assuntos celestiais. Foi a última despedida, antes de se separarem e de ela partir para sua grande jornada rumo à eternidade.

O maior desejo da Irmã Maria Clara era que a festa da Imaculada Conceição fosse escolhida para o dia de sua Profissão, e que recebesse nela os últimos Sacramentos.

Escolhendo este dia, ela gostaria de colocar-se mais particularmente sob a proteção de Nossa Senhora e de obter pela intercessão desta Mãe onipotente a graça de seu divino Filho para morrer em sua festa.

Ela então pediu a todas as Religiosas que se unissem por esta graça numa novena à Imaculada Conceição, submetendo, contudo, as circunstâncias e o momento de sua morte inteiramente à vontade e ao agrado de Deus.

Chegado o dia da festa, ela recebeu os últimos Sacramentos das mãos do Venerável Superior da casa, assistido pelo Capelão, imbuída da mais viva devoção. Ela respondeu a todas as orações com maior fervor e lucidez, e ao pronunciar os votos solenes redobrou este fervor, se é que seria possível. Todos os presentes ficaram impressionados com a santa prontidão com que ela tomou o livro que lhe foi apresentado pela Reverenda Madre Abadessa, e ninguém poderia esquecer o sorriso feliz que iluminou seu rosto e o tom vibrante com que pronunciou a fórmula de seus votos.

Daquele dia até o dia de sua santa e bela morte, só Deus ocupou seu pensamento. Oração após oração, uma leitura espiritual após a outra, ainda assim ela não demonstrou jamais o menor sintoma de cansaço ou fadiga. Sua paciência jamais vacilou, nem por um instante, durante todo o curso de sua doença, que durou aproximadamente três meses. Sua enfermeira, como também as outras Irmãs na Religião, não cansavam de

admirar a maneira como, em meio aos seus sofrimentos, por mais agudos que fossem, ela nunca proferia uma só queixa e como também não se via sequer uma sombra em seu semblante. Sempre calma e satisfeita em todas as circunstâncias, havendo qualquer ruído ao seu redor, se alguém falasse, deixasse a porta aberta ou a fechasse, mesmo consciente da inconveniência ela não se importava. A enfermeira tinha de ser muito cuidadosa em suprir todas as suas necessidades, mas ela jamais manifestou qualquer desejo e estava sempre satisfeita com tudo.

Se qualquer conforto ou alívio lhe era oferecido, ela quase sempre evitava aceitá-lo, e se o aceitasse seria apenas por obediência. Poucos momentos antes de dar seu último suspiro ela olhou para a janela e disse: “Está muito frio, não está?” Uma Irmã, percebendo que suas mãos estavam frias como gelo, apresentou-lhe imediatamente uma botija de água quente.

“Talvez seja melhor sofrer este pequeno desconforto”, ela disse recusando-a.

Tendo então a Madre Abadessa lhe dito que a usasse, ela submeteu-se imediatamente, unindo assim, até o final, a mortificação à mais estrita obediência.

Sem dúvida causaria espanto a Irmã Maria Clara, educada com tanto esmêro, cuja constituição era por natureza tão delicada, poder levar a mortificação a tais extremos, caso não soubéssemos o que o amor de Jesus Cristo pode operar em uma alma quando dela se apossa inteiramente. Segundo as próprias palavras de Nosso Senhor, não pode haver maior prova de amor do que “dar a vida por seus amigos”. A alma que uma vez se inflama com este divino ardor já não vive, sua vida é uma

morte contínua e seu único desejo é fazer de seu corpo uma vítima a ser imolada dia e noite no altar do divino Amor.

A Irmã Maria Clara sempre demonstrava a maior gratidão por todos os serviços que lhe eram prestados, mesmo os menores. Uma noite, sofrendo mais do que o habitual, dirigiu-se à enfermeira que dormia ao seu lado, exclamando: “Rápido, rápido, Irmã, vou vomitar!” Apenas proferiu estas palavras, arrependeu-se profundamente. No dia seguinte disse à Enfermeira: “Que pensastes de mim ontem à noite? Fui de fato importuna e demonstrei pouquíssimo espírito de penitência.” A Religiosa a princípio não conseguiu atinar com o que ela aludia, e apenas pediu que se acalmasse e fizesse todo o uso possível de seus serviços.

A Madre Abadessa, vendo-a um dia presa ao mais agudo sofrimento, disse:

“Talvez não tivesses pedido para morrer se soubesses de toda a dor pela qual terias de passar.”

“Oh, querida Reverenda Madre”, ela respondeu, “este medo nunca me impediria de pedir a graça de morrer!”

Embora seus sofrimentos fossem às vezes quase maiores do que poderia suportar, ela estava disposta a vê-los aumentar, não para apressar sua libertação, mas para responder ao Salvador com as palavras dos Apóstolos, quando Ele perguntou-lhes se podiam também beber do cálice:

“Sim, Senhor, se nos deres a força.”¹⁸

A uma das Religiosas que a assistiam ao lado de sua cama ela pediu que rezasse por uma longa e dolorosa agonia. A hora não estava distante,

18 – A autora parece fundir a passagem evangélica (cf. Mt 20, 22), onde os Apóstolos respondem categoricamente "Podemos", com a tradição mística posterior de abandono e dependência da graça divina (N. do T.)

contudo, e foi pela renúncia do desejo mais ardente de seu coração – o de morrer rapidamente – que ela se preparou, preferindo assim, como em todas as coisas, abandonar-se ao beneplácito de seu Senhor e Salvador. Duas ou três semanas antes de sua morte ela se despediu, com a seguinte carta, de sua querida irmã, a mais próxima em idade. A caligrafia alterada e trêmula mostra quanto lhe custou este esforço. Foi sua última carta.

*“Escrevo-te esta longa carta para implorar que não sofras excessivamente quando souberes da minha morte. Pensa somente que, quando eu estiver no Céu, poderemos sempre conversar uma com a outra, enquanto aqui nunca podemos nos ver ou conversar facilmente. Nosso Senhor te ama muito ternamente, muito especialmente, querida Mary, pois te conduz para Si pela via da dor. Tenho certeza de que Ele e Sua doce Mãe te consolarão e te ensinarão a suportar com generosidade e heroísmo, por amor a Eles, as pesadas provações que te envia. O próprio Nosso Senhor diz pela boca de Seu profeta: ‘Como alguém a quem sua mãe consola, assim vos consolarei, e sereis consolados em Jerusalém.’ Então coragem, minha querida, coragem. Quanto maior for teu sofrimento, maior será tua coroa, e então terás o amor especial de Jesus e de Maria. Ninguém sabe quão profundamente **sofro** por ti. Tu serás a primeira em meus pensamentos quando eu chegar ao Lar Eterno. Rogarei ao Nosso Senhor para que não te deixe por muito tempo na terra. Oferece tuas dores unidas às dores do doloroso Coração de Jesus, por minha alma após a minha morte. Consegue por mim oceanos de orações. Estou tão **profundamente** feliz com a ideia de que morrerei*

*tão em breve! Quão imensamente amoroso é Nosso Senhor por levar-me tão cedo, não é? Tenho certeza de que a tua única alegria neste mundo será adorar e fazer vigília diante do Santíssimo Sacramento. É nesse tesouro de graças que tu encontrarás força e consolação, assim como as encontrei, por minha própria experiência. Lembras de quantas vezes, antes de vir para cá, eu costumava te dizer ‘**Aceita tudo o que vier; na dor, suporta, e na humilhação, guarda a paciência**’? Agora eu gostaria de poder dizer algo para que possas sorrir e afastar as lágrimas desse rosto pálido tão querido. Lembras [...] Não te esqueças de que esta carta é destinada a ti. Escrevo-a aos pedaços, a cada dia, pois sinto-me extremamente fraca – fraca demais para escrever uma longa carta de uma só vez.*

***Quinta-feira.** Desde que comecei esta carta tenho recebido visitas de outro médico, e ele diz que ainda posso viver mais um mês. Beija os dois queridos pequenos e diz-lhes para nunca esquecerem de Clara, para que rezem por ela todos os dias, pois assim ela rezará por eles em seu lar celestial. Pergunta a Smith quando ela se tornará católica. Dá meu amor à boa e velha White, pede a ela que reze para que eu possa ter uma santa morte, que não apenas seja salva, mas que minha alma não passe pelas chamas do Purgatório. A oração é muito poderosa, pode obter até mesmo isto [...] Como deves desejar ser uma freira! Gosto da Ordem que escolheste, ou melhor, a Ordem que Deus escolheu para ti. Acho que é bom para os dois pequenos que permaneças com eles ainda por algum tempo, especialmente para [...] A tua governanta te leva para visitar o Santíssimo Sacramento todos os dias? Se sim, deve ser um grande*

conforto para ti. Apenas Ele pode consolar-te, Ele é o único que sabe compadecer-se de cada dor humana. A tua dor se transformará quase em alegria ao pensares que, quando o teu coração estiver a ponto de partir-se de tristeza, é justamente aí que te tornas objeto de inveja para os próprios Anjos e Santos, por causa de tua semelhança com o Homem das Dores.”

Na noite do domingo dentro da Oitava da Epifania, ela sofreu uma violenta crise em sua enfermidade, e todos pensaram que seu fim estava muito próximo. Ela ficou inconsciente por algum tempo e foi apenas por meio de água de colônia e outros estimulantes que pôde recobrar os sentidos. Toda a Comunidade estava reunida em oração ao redor de seu leito. Quando se viu assim cercada, ela exclamou: “Como é doce morrer assim!” Ela respondia em voz alta às invocações da Ladainha de Nossa Senhora, e quando a Abadessa lhe disse:

“Coragem, minha filha, coragem, a morte não está longe, a tua coroa logo virá.”

Ela respondeu:

“É muito fácil dizer *coragem, Clara, coragem*, mas até agora só consigo ver o Céu por um buraquinho.” Ao dizer estas palavras, explicou-se erguendo a mão semicerrada, de modo que um pequeno feixe da luz do dia podia ser visto através dela.

“Enfim”, ela continuou, “ainda estou muito longe.”

Ela tinha razão, porque o alarme, embora sério, passou.

Regular em seus hábitos e obediente até o fim, ela só aceitava seu alimento às mesmas horas em que a Comunidade fazia suas refeições.

Um quarto de laranja, alguma fruta, no início de sua enfermidade, depois disso um pouco de limonada e algumas colheradas de sopa magra eram todo o alimento que ingeria, e era-lhe impossível reter qualquer outra coisa no estômago.

Um dia, deram-lhe um pedacinho de chocolate, quando ela já não conseguia aceitar nenhuma outra forma de nutrição.

“Oh!”, ela exclamou, “eu não poderia comer tudo isso, far-me-ia viver tempo demais, e anseio tanto por partir!”, e deixou a metade.

Finalmente chegou o dia 20 de janeiro, festa do Santíssimo Nome de Jesus, o dia em que a nossa querida Irmã Maria Clara do Menino Jesus se uniria às Virgens “que seguem o Cordeiro para onde quer que Ele vá”, para com elas cantar o cântico imortal com o qual somente elas farão ressoar a abóbada celeste.

Após a felicidade de ter comungado naquela manhã, Clara recebeu cedo a visita da Madre Abadessa, que lhe perguntou o que Nosso Senhor lhe dissera ao visitá-la, e se Ele viria buscá-la naquele dia.

“Nosso Senhor fez-me sentir”, ela disse, “que tinha tamanha satisfação em meus sofrimentos que não me atrevi a pedir-Lhe que me levasse consigo.”

Ela teve vômitos frequentes e terríveis ao longo de todo o dia e ao anoitecer sua fraqueza tornou-se muito grande.

Por volta das sete horas, a Madre Abadessa aproximou-se de seu leito, acompanhada por grande parte da Comunidade. A partir daquele momento não mais deixou a Irmã moribunda até que ela exalasse o último suspiro. Todas rezavam fervorosamente por sua intenção. A Irmã Maria Clara preservou plena consciência até o fim. Ela mesma pediu

permissão para renovar seus votos, o que fez com o maior fervor. Por volta das nove horas, voltando-se para as irmãs da Comunidade que precisavam retirar-se para a recitação das Matinas e para a hora de adoração, disse com um terno sorriso:

“*Adieu*, minhas queridas Irmãs, *adieu*.” Em seguida ela acrescentou: “Rezai.”

Depois, com uma expressão tocante, dirigindo-se à Madre Abadessa e à Irmã que lhe estava mais próxima:

“Rezai por mim, estou morrendo.”

Então disseram-lhe que estava se esgotando ao tentar falar, e ela respondeu:

“Não importa. Rezai, rezai.”

Ela mesma, em sua santa impaciência por possuir o Amado, não cessava de enviar-lhe suspiros alados, nos ardentes arroubos de seu coração amoroso.

Seu crucifixo jamais deixava os lábios. Ela o beijava incessantemente com inexprimível amor e afeto. Por volta das nove e meia a Madre Abadessa perguntou-lhe quão logo achava que morreria.

“Em cerca de duas horas Nosso Senhor virá buscar-me”, ela disse.

Foi por volta das onze e meia, enquanto o coro cantava o terceiro Noturno dos gloriosos Mártires São Fabiano e São Sebastião, que sua bela alma voou nas asas do amor divino, rumo às plagas da Jerusalém Celeste, para beber copiosamente da torrente de delícias com que Deus recompensa os Seus eleitos.

Poucos momentos antes de dar o último suspiro, sua aparência assumiu subitamente uma expressão celestial. Ela tomou uma atitude de

profundo respeito e fez sinais àqueles que a acompanhavam para que seguissem seu exemplo, pronunciando algumas palavras que não puderam compreender, cuja explicação não tiveram presença de espírito para pedir. Sem dúvida, fiel à Sua promessa, Nosso Senhor veio acolher Sua amada esposa, ou enviou, como por vezes faz com outras almas santas, um embaixador celeste para encontrá-la e conduzi-la à Sua presença.

Após a morte da Irmã Maria Clara, um sorriso angélico pareceu pairar sobre seus lábios. Sua testa, pura como o alabastro, mostrava um símbolo de inocência e pureza a todos que a contemplavam, enquanto uma voz parecia dizer àqueles Madres e Irmãs que, ajoelhadas ao redor de seu leito, vertiam a última lágrima e proferiam a última prece:

“Não choreis por ela. Ela não está morta, ela dorme.”

A seguinte oração, composta pela Irmã Maria Clara, foi encontrada sob o ostensório onde o Santíssimo Sacramento permanece exposto noite e dia diante da grade.

*“Ó Jesus, meu doce e único Amor, ouvi a ardente prece desta indigníssima pecadora, que é também Vossa filha, Vossa prometida e Vossa esposa. Suplico-Vos, por Vosso coração que arde de amor pelos pecadores, e em honra ao Sacramento do Vosso amor, que concedais que meu peito seja **logo** atingido, que eu possa morrer e ir para Vós, meu querido Mestre, meu Amado. Sou muito insignificante para que me escuteis, miserável pecadora que sou, mas confio em Vosso enorme amor e em Vossa misericórdia. Sei, ó Jesus, que se confiar em Vós não serei desamparada. Ó Jesus, aumentai a minha fé. Meu único e dulcíssimo*

*Amor, ajudai-me e sede misericordioso com Vossa devotada e indigna
Esposa, Irmã Clara do Menino Jesus, Vítima do Santíssimo Sacramento.”*

APÊNDICE

As seguintes orações, compostas por Clara Vaughan antes de deixar o mundo, foram oferecidas por ela à sua amiga N, acompanhadas das máximas dos Santos a seguir, com esta dedicatória:

“Para N, em memória das horas intensamente felizes passadas em sua companhia na capela da Santíssima Trindade, em Ince Blundell.”

ATO DE REPARAÇÃO

Ó meu amado e dulcíssimo Senhor Jesus. Eu, Vossa inútil esposa e humilde serva, prostro-me em adoração aos Vossos pés para fazer um ato de reparação por todos os ultrajes e insultos que Vosso Coração, tão cheio de ternura, sofreu no Sacramento do Vosso amor. Ó meu amado, meu divino Mestre, ofereço-Vos minha indigníssima pessoa como reparação pela frieza com que tantos católicos Vos recebem. Ofereço-Vos todo o amor que existiu desde o princípio do mundo e que continua existindo neste exato momento. Ofereço-Vos todo o amor dos Santos e dos Anjos no Céu, unido ao amor de Vossa Mãe Imaculada, em reparação às cruéis feridas que Vosso terno Coração recebe diariamente da humanidade. Vós sois o único que deveria ser amado, e no entanto não sois amado! Ó meu Senhor, suplico, perdoeis o pouco amor que Vos tenho demonstrado no Sacramento do amor. Nunca mais, com a Vossa graça, serei tão fria em Vossa presença. Ó Jesus, desejo morrer por Vós! Ofereço-Vos a minha vida, ó dulcíssimo e caríssimo Senhor, suplico que

a aceiteis. Anseio por estar convosco. Nunca amarei a ninguém senão a Vós. Aceitai este ato de reparação, ó meu amado Esposo, embora venha da maior pecadora do mundo. Ela Vos ama tanto que anseia apenas por uma coisa: que Vós sejais amado e que tenhais misericórdia de sua alma, que olheis para ela com amor e tenhais piedade dela e de todos os pecadores. Amém

PRECE PARA SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Ó meu Pai, ó santo seráfico de Deus, vós prometestes na terra nunca negar uma esmola a quem quer que a pedisse por amor a Deus. Eis aqui, meu Pai, a vossa pobre e inútil filha aos vossos pés, que vos suplica, por esse mesmo amor, que lhe alcance graça e força para se tornar uma filha digna e uma verdadeira esposa de Jesus. Lembrai-vos, ó meu santo seráfico, do que fizestes por minha gloriosa e amada Mãe, Santa Clara. Tende compaixão de sua filha e alcançai para ela uma centelha daquele generoso amor que permitiu a Santa Clara deixar todas as coisas por amor a Jesus, e que lhe valeu o precioso dom da perseverança. Meu coração anseia, ó querido Pai, por viver em vossa casa e seguir as vossas regras. Rogai por mim, suplico pelo amor de Jesus, que morreu pelos pecadores, para que eu possa entrar em vossa casa em breve e ter graça e força para perseverar e continuar como Esposa de Jesus todos os dias da minha vida. Ó Pai Francisco, vós que estais agora diante do Cordeiro, vós cujo olhar repousa para sempre na face de Deus, rogai a Ele que tenha piedade de Sua filha. Oferecei-Lhe o coração de Clara e suplicai-Lhe que o coloque bem no fundo de Seu

Sagrado Coração, de modo que nenhum poder terreno jamais possa tirá-lo desta gloriosa morada. Amém.

PRECE PARA SANTA CLARA DE ASSIS

Ó bem-aventurada Clara, ó minha gloriosa e seráfica Mãe, digna filha do grande São Francisco, rogai por mim, vossa indigna filha. Sede uma Mãe para mim e ensinai-me a amar o vosso divino Esposo. Ensinai-me a amá-Lo com um coração generoso e rogai para que se apresse o tempo em que poderei me tornar Sua verdadeira esposa e vossa digna filha. Tirai-me deste mundo sombrio, onde a humanidade esquece diariamente que Deus morreu por ela. Rogai por mim para que eu seja humilde, assim como o Pai Francisco foi humilde. Suplicai a Jesus, vosso doce Esposo, que me conceda a graça da completa obediência, da pureza singular e de uma grande dor por meus pecados passados. Pelo amor de Jesus em Seu adorável Sacramento, rogai por todos os pobres pecadores, e por mim em particular, que sou a pior de todas.

ORAÇÃO DE AÇÃO DE GRAÇAS DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS.

Fostes Vós, ó Senhor, que por soberana bondade Vos dignastes conceder a esta indigníssima pecadora a consolação de Vossa misericórdia. A Vós confio esta graça para que preserveis o seu fruto em meu coração. Tremo de medo que minha miséria Vos roube Vosso próprio dom e tesouro.

Concedei, ó Senhor, que a doce violência de Vosso mais ardente amor me desprenda e me separe de tudo o que está debaixo do Céu, e me consuma inteiramente, para que eu possa morrer pelo Vosso infinito amor. Isto Vos peço por quem sois, ó Filho de Deus, que morrestes por amor a mim. Meu Deus e meu Tudo! Quem sois Vós, ó dulcíssimo Senhor, e quem sou eu? Vossa serva e um verme vil. Desejo amar-Vos, ó Santíssimo Senhor. Consagrei a Vós minha alma e meu corpo, com tudo o que sou. Se eu soubesse o que fazer para mais perfeitamente Vos glorificar, isto eu faria com o maior ardor. Sim, isto é o que eu mais ardentemente desejo realizar, ó meu Deus.

Ó Jesus, que Vos aprouve abraçar a pobreza extrema, a graça que Vos peço é que me concedais o dom da pobreza. É meu mais ardente desejo ser enriquecida com este tesouro.

Encontrei Aquele a quem ama a minha alma. Retive-O e nunca O deixarei ir. Ó Senhor, que sois a minha força, permiti que eu sempre Vos ame. Não Vos deixarei ir até que me abençoeis.

ORAÇÃO À MÃE E RAINHA DAS DORES

Ó minha amada e dulcíssima mãe Maria. Ó Maria, verdadeiramente nunca houve dor igual à vossa dor! Nunca houve dor como a vossa, porque sois a Mãe de Jesus, a Filha do Pai e a Esposa do Espírito Santo.

Ó doce Senhor Jesus Cristo, pela triste amargura da morte que por mim suportastes na Cruz, e principalmente nas horas em que Vossa nobilíssima alma se desprendia de Vosso corpo sempre bendito, eu Vos

suplico, Senhor, tende piedade de minha alma agora e no momento em que ela partir deste mundo, e acolhei-a na vida eterna. Amém.

A JESUS NO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Ó Jesus, meu amadíssimo e dulcíssimo Senhor, venho a Vós, que sois meu Deus e meu Tudo, para pedir que me ensineis o que posso fazer para Vos agradar, e venho agradecer Vosso intenso amor pelo qual permaneceis dia e noite neste adorável Sacramento por amor de mim. Ó Jesus, meu Deus! Vós, que sois a causa de toda a grandeza e glória dos anjos e dos homens, como posso agradecer-Vos por tão inefável amor? Ó querido Jesus, perdoai-me, pesa-me a alma por um dia Vos ter ofendido. Concedei-me a graça, suplico, dulcíssimo Senhor, de ser uma heroína em meu amor por Vós. Iluminai minha mente, meu Deus, e fortalecei minha vontade, para que eu possa dar a este mundo seu devido valor, para que eu possa estimar suas distinções e grandezas, mas pelo seu preço real – apenas miséria e grande vaidade. Ó Pai Francisco, rogai a Jesus, cuja face gloriosa estais contemplando neste exato momento, para que me trespasse, como fez convosco, com um amor insaciável por labores e sofrimentos.

À MÃE DE DEUS

Ó Maria, minha doce Mãe, tenho a maior confiança em vosso amor e intercessão. Bem sabeis poder obter todas as coisas de Jesus porque sois Sua Mãe. Ó Mãe de Jesus, também minha Mãe, das profundezas da

miséria a que o pecado me reduziu, suplico-vos que rogueis a Jesus para que me perdoe. Ó Maria, Mãe de Deus, do fundo do meu coração me dói ter ferido o terno coração de vosso Filho. Rogai a Ele, por vosso amor a Ele, que me perdoe, que reine mais uma vez em meu coração, que afaste a escuridão que o pecado nele deixou, e que me conceda a graça de uma verdadeira humildade interior, de um grande desprezo pelo mundo, de um espírito heroico de abnegação, de um grande conhecimento das coisas espirituais, do amor à oração, da liberdade de coração, de uma inteira dependência do Espírito Santo e de um zelo ardente e incessante por vossa honra, ó dulcíssima Mãe de Deus.

Ó Luz eterna, iluminai minha mente. Ó Vós, que sois o próprio amor, enchei meu coração de amor. Ó Vós, que sois sabedoria e toda a beleza, enchei meu coração de Vossa sabedoria e beleza, para que, a partir deste dia, eu ame apenas a Vós, sirva apenas a Vós, deseje e suspire apenas por Vós. Ó Jesus, mui amado Senhor, permiti que meu serviço seja heroico. Concedei-me, ó meu Senhor, o heroísmo de São Francisco.

ATO DE ADORAÇÃO DIANTE DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Salve, Salvação do mundo! Verbo do Pai, Hóstia santa, verdadeira Vida, Carne vivente, perfeita Divindade, verdadeiro Homem, Corpo de nosso Senhor Jesus Cristo, Vós que me formastes do pó da terra, tende piedade de mim e de todos os pecadores. Amém.

ORAÇÃO EM TEMPOS DE AMEAÇA DE CALAMIDADE

Ó Jesus Cristo, nós Vos invocamos, Deus santo e imortal. Tende misericórdia de nós e de todos os homens. Purificai-nos em Vosso santo Sangue, perdoai-nos por Vosso santo Sangue, salvai-nos por Vosso santo Sangue, agora e para sempre. Amém.

MÁXIMAS DOS SANTOS

Humilhemo-nos para salvar nossas almas, e se nossa saúde nos impede de trabalhar muito, esforcemo-nos ao menos por nos humilhar. A matéria de nossa humilhação está dentro de nós, diz o Profeta. É um efeito da misericórdia de Deus não nos livrarmos inteiramente das tentações e imperfeições.

São Bernardo

O Reino dos Céus não exige outro preço senão tu mesmo. Ele vale o quanto tu vales. Entrega-te e o terás.

Santo Agostinho

Poderia nossa mente pensar algo, nossa boca falar algo, ou nossa pena escrever algo melhor do que “Graças a Deus”? Nada pode ser dito de forma mais breve, ouvido de forma mais alegre, concebido de forma mais sublime ou realizado de forma mais proveitosa do que estas palavras.

Santo Agostinho

Reconhece, ó homem, quão graves eram as tuas feridas, pois para curá-las foi necessário que Jesus Cristo fosse ferido.

São Bernardo

Aquele que acumula virtudes sem humildade não faz mais que lançar poeira contra o vento, o primeiro sopro tudo leva embora.

São Bernardo

Seria uma insuportável falta de pudor um verme encher-se de orgulho quando a majestade do Deus Eterno humilhou-se e se fez nada.

São Bernardo

As palavras são irrevogáveis. Muitas vezes me arrependi de ter falado, mas nunca de ter me calado.

Santo Arsênio

Quanto mais aumentamos nosso tempo de ócio, mais diminuimos nossa glória no além, que podemos aumentar muito se empregarmos bem nosso tempo.

São Boaventura

Se queres mandar a tristeza para longe e viver sempre contente, faz o que deve ser feito. Considera tuas obrigações e dedica-te ao seu cumprimento, bem como à correção de tuas faltas e imperfeições, pois isto é o que perturba a paz da tua alma.

São Bernardo

A alegria espiritual é um sinal evidente da graça.

São Boaventura

Minha alma rejeitou todo tipo de consolo, pensei em Deus e me encontrei em alegria.

Salmo 76:4

Por um breve momento te abandonei, mas com grande amor de novo te recolho. No momento da minha ira, por um instante te escondi meu rosto, mas com amor eterno voltei a ter compaixão de ti.

Isaías 54: 7, 8

A melhor maneira de permanecer na graça de Deus é caminhar em Sua presença, pronto para no momento seguinte prestar contas de nossas ações.

Santo Tomás de Aquino

Outra excelente maneira de buscar a Deus é não ter outro objetivo senão a glória de Deus.

Pe. Lallemant

A humilhação rebaixa-nos apenas na estima dos homens, o que não é nada, e eleva-nos na estima de Deus, na qual consiste a verdadeira glória.

Pe. Lallemant

A pureza de coração consiste em não haver nele nada que seja, por menor que seja o grau, oposto a Deus e à operação de Sua graça.

Pe. Lallemant

A abnegação, no caso dos principiantes, consiste em afastar-se das ocasiões de pecado, em mortificar suas paixões, sua vontade própria e seu juízo privado.

Pe. Lallemant

É inconcebível como nosso coração se enche de pecados, a não ser que tenhamos o cuidado de limpá-lo continuamente.

São Lourenço Justiniano

É um prato imundo que exige sempre ser esvaziado.

Pe. Lallemant

A leitura frequente das Sagradas Escrituras é um meio de receber o Espírito Santo e de ser guiado por Sua orientação.

Pe. Lallemant

Em um mês uma alma pura aprenderá mais, pela infusão da graça, do que outras em vários anos pelo labor do estudo.

Pe. Lallemant

O dom da *Piedade* comunica àqueles que o possuem uma reverência amorosa pelas Sagradas Escrituras, sejam eles capazes ou não de compreender seu significado.

Pe. Lallemant

Uma alma que entrou na prática da oração com a firme resolução de nunca a abandonar já realizou metade da jornada.

Santa Teresa d'Ávila

Não devemos empreender nada, seja qual for o assunto, sem antes estarmos dispostos para tanto pela oração.

Pe. Lallemand

Os santos em tudo têm sucesso, porque por suas orações eles obtêm a bênção e a virtude que tornam seus labores eficazes.

Pe. Lallemand

A oração nos ensina a ver as coisas com profundidade, olhando para elas à luz da verdade, que dissipa seu falso esplendor e seus falsos encantos.

Pe. Lallemand

A Comunhão, pode-se dizer, é a bem-aventurança nesta vida.

Pe. Lallemand

A excelência da obediência consiste em, por meio dela, estarmos certos de cumprir a vontade de Deus.

Pe. Lallemand

A contemplação conduz as almas a atos heroicos de caridade, zelo, penitência e a outras virtudes, como, por exemplo, o martírio.

Pe. Lallemant

Não há virtude sólida sem humildade.

Pe. Lallemant

A verdadeira simplicidade consiste em ter, assim como Deus, apenas um pensamento, e esse pensamento deve ser o de agradar a Deus em todas as coisas.

Pe. Lallemant

Temo apenas o fogo eterno, que se alimenta da vida que os perversos levam na terra.

São Policarpo

A pobreza é o caminho para a salvação, a nutriz da humildade e a raiz da perfeição. Seus frutos estão ocultos, mas multiplicam-se de infinitas maneiras.

São Francisco de Assis

Cuidem para que não percam o Reino dos Céus por nenhum interesse ou ganho temporal. E não desprezem os que vivem de modo diferente, porque Deus é seu Senhor e pode conduzi-los a Si por outros caminhos.

São Francisco de Assis

Nunca me atrevi a pretender que Nosso Senhor me concedesse a menor ternura de devoção, apenas implorei pela graça de nunca O ofender e pelo perdão pelos meus pecados passados.

Santa Teresa d'Ávila

Devemos caminhar em direção à Eternidade sem jamais dar importância ao que os homens pensam de nós ou de nossas ações, buscando unicamente agradar a Deus.

São Francisco de Borja

Que consolo maior posso ter senão ver cumprida a Tua santa Vontade?

São Francisco de Assis

Nada me dá tanto contentamento quanto meditar sobre a Vida e a Paixão de Nosso Senhor. Ocupo continuamente a minha mente com este assunto e, ainda que eu vivesse até o fim do mundo, de nenhum outro ensinamento eu necessitaria.

São Francisco de Assis

É melhor sofrer sede do que satisfazer os sentidos.

São Carlos Borromeu

O perfeito amor de Deus faz com que a morte seja desejada e muito doce para a alma.

São João da Cruz

As perseguições são meios para alcançar a fundo o conhecimento do mistério da Cruz, o qual é necessário para compreender a profundidade da sabedoria de Deus e do seu amor.

São João da Cruz

Aprender a carregar bem as cruzes é um dos deveres mais essenciais e importantes da vida cristã. Fazer bom uso das pequenas cruzes com as quais topamos continuamente é o meio de obter maior progresso em todas as virtudes e força para se manter firme diante das grandes provações.

Alban Butler

Devemos caminhar continuamente em direção a Deus, sem nos determos em Seus dons e graças.

Pe. Lallemant

Confiemos em Deus, pois Ele é fiel e jamais falhará com aqueles que, tendo se entregado totalmente a Ele, buscam apenas agradá-Lo em todas as coisas.

Pe. Lallemant

Sejamos humildes, pacientes, mortificados, unidos a Deus, e Ele abençoará nossos trabalhos, cujo êxito depende absolutamente da bênção de Deus, pois sem ela todos os nossos talentos e todos os nossos esforços não são nada.

Pe. Lallemant

Devemos confiar e esperar grandes coisas de Deus, porque os méritos de Nosso Senhor nos pertencem, e esperar muito em Deus é muito honrá-Lo. Quanto mais esperamos em Deus, mais O honramos.

Pe. Lallemand